



Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Faculdades de Artes Visuais, Letras e Comunicação – FAALC
Mestrado em Comunicação Social



GERSON CANHETE JARA

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA EXECUÇÃO DE JORNALISTAS NA
FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI PELO JORNAL REGIONAL DE PONTA PORÃ
(MS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dra. Daniela Ota

Campo Grande/MS

Outubro de 2019

GERSON CANHETE JARA

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA EXECUÇÃO DE JORNALISTAS NA
FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI PELO JORNAL REGIONAL DE PONTA PORÃ
(MS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Campo Grande, 17 de outubro de 2019.

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof.^a Dra. Daniela Ota

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Mario Luiz Fernandes

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Membro Titular)

Prof. Dr. Tito Carlos Machado de Oliveira

Universidade Federal da Grande Dourados (Titular-Aposentado)

Dedico esta obra aos meus avôs Julião Jara, paraguaio que se fixou no Pantanal de Miranda após a guerra do Chaco, e Otácio Canhete, também paraguaio, coletor de ervas e um dos primeiros colonizadores de Dourados. As minhas avós, Porfíria Gonçalves e Izaltina Diniz, mulheres de fibra, analfabetas, mas que com disposição e sabedoria criaram filhos e filhas, geraram meus pais e me permitiram amar esta terra chamada Mato Grosso do Sul.

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma dissertação de mestrado é uma trajetória de paciência, conflitos e sedução. Rebuscar no tempo a disposição, a vitalidade e a energia da juventude para mergulhar no mundo do conhecimento, agora de barbas grisalhas, é exercício saudável de reflexão.

Agradeço a todos(as) os(as) docentes do curso de mestrado da UFMS, que não medem esforços para acender a centelha e a sedução do mundo do conhecimento, em especial a minha orientadora, prof.^a Dra. Daniela Ota, pessoa extraordinária.

A minha família, pela paciência e apoio na mudança de rotina de vida por mais de três anos, para que eu conseguisse concretizar um projeto desenhado desde os tempos de universitário da própria UFMS, mas que somente agora foi possível concretizá-lo.

À Edna, minha eterna companheira, aos filhos(as) Camila, Clara, Gabriel e Tainá, pelos momentos de ausência e reclusão.

A meus pais, Osvaldo Jara e Narcisa Canhete, amigos e amigas que reclamaram das privações de lazer e atenção de sempre.

Ao deputado estadual Cabo Almi pela flexibilização no horário de trabalho e à direção da ADUFMS Sessão Sindical, em particular à professora Mariuza de Camillo e ao professor Marco Stefanis, pela liberação no trabalho visando à apresentação de artigos em congressos científicos.

Às amigas docentes, Elanir França de Carvalho, Alda Maria Quadros pela paciência de revisar alguns capítulos e me auxiliar na busca de clareza e concisão dos artigos.

RESUMO

A imprensa cumpre papel fundamental na evolução humana. O ato de contar histórias sempre fascinou as pessoas e aos poucos foi virando atividade profissional que longo da evolução humana e econômica foi incorporando novas tecnologias, linguagens próprias e formas de processo produtivo diferenciados. Na trajetória, o profissional jornalista sempre cumpriu papel indispensável. A partir de premissa decidimos pesquisar sobre os casos de execução de profissionais da imprensa na fronteira de Ponta Porã (Brasil)/Pedro Juan Caballero (Paraguai), e a respectiva interferência do fenômeno na rotina produtiva do jornalista de fronteira. Para tanto, adotamos o recorte temporal no período de 2012 a 2018 identificando 8 casos que geraram 23 notícias publicadas no *Jornal Regional* de Ponta Porã, periódico impresso com cinco edições semanais. Para o estudo empregamos a metodologia de Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin, pela qual identificamos entre os resultados a caracterização da produção editorial com base em notícias, a ausência de trabalho investigativos por meio de reportagens, mas que mesmo com limitações tornam públicas atos de violência praticados pelo crime organizado.

Palavras chaves: fronteira; jornalista; execução; jornal regional, violência, representação

ABSTRACT

The press plays a key role in human evolution. The act of storytelling has always fascinated people and gradually became professional activity that has longed for human and economic evolution was incorporating new technologies, languages of their own and difficult forms of productive process. In the trajectory, the professional journalist always fulfilled an indispensable role. From the premise we decided to research the cases of execution of press professionals on the border of Ponta Porã (Brazil)/ Pedro Juan Caballero (Paraguay), and the respective interference of the phenomenon in the productive routine of the frontier journalist. To this end, we adopted the temporal cutout from 2012 to 2018 identifying 8 cases that generated 23 news published in the Jornal Regional de Ponta Porã, a journal printed with five weekly editions. For the study we used the fear of Content Analysis, by Laurence Bardin, by which we identified among the results the characterization of editorial production based on news, the absence of investigative work through reports, but that even with limitations make public acts of violence committed by organized crime..

Keywords: border; journalist; implementation; regional newspaper, violence, representation

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	01
<i>CAPÍTULO I</i>	05
<i>1.1 Espaço, território e fronteira</i>	05
<i>1.1.1 Formação histórica das fronteiras brasileiras</i>	16
<i>1.2 Características geográficas da fronteira brasileira</i>	21
<i>1.3 Cidades gêmeas, história e problemas comuns</i>	26
<i>1.4 A fronteira Brasil Paraguai no Mato Grosso do Sul como espaço de integração e conflito</i>	30
<i>CAPÍTULO II</i>	41
<i>2.1 O fenômeno da violência no meio profissional do jornalista</i>	41
<i>2.2 A violência contra jornalistas no Brasil</i>	53
<i>2.3 A prática da violência contra jornalistas na fronteira de Mato Grosso do Sul</i>	53
<i>2.4 A violência fronteiriça entre fatos e notícias</i>	53
<i>2.5 Os desafios de fazer jornalismo na fronteira</i>	844
<i>CAPÍTULO III</i>	90
<i>3.1 A análise sobre os casos de violência contra jornalistas no Jornal Regional</i>	90
<i>CONCLUSÃO</i>	115
<i>5 APÊNDICES 1253REFERÊNCIAS</i>	125
<i>ANEXOS</i>	136

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista panorâmica da cidade de Ponta Porã – 1952.....	27
Figura 2 - Jornalista Santiago Leguizamón executado virou símbolo do jornalismo ético no Paraguai	53
Figura 3 - Caminhonete de Pablo Medina emboscada em Canindéu	60
Figura 4 - Corpo do radialista Gerardo Servían Coronel executado em Ponta Porã.....	61
Figura 5 - Sede do Jornal Regional, localizada na Rua Guia Lopes	70

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 - Questionário de profundidade aplicado a jornalistas de Ponta Porã-MS 123

LISTA DE ANEXOS

Anexo A - Reportagem interna da execução de Paulo Cardoso Rodrigues (Rocaro).....	136
Anexo B - Chamada de capa da execução de Paulo Cardoso Rodrigues (Rocaro)	137
Anexo C– Reportagem interna sobre o aniversário de morte de Paulo Roberto Cardoso Rodrigues (Rocaro).....	137
Anexo D - Chamada de capa sobre o assassinato do empresário Luiz Henrique Rodrigues Georges.....	138
Anexo E – Notícia sobre o assassinato do empresário Luiz Henrique Rodrigues Georges...	138
Anexo F – Chamada de capa sobre o assassinato do empresário Luiz Henrique Rodrigues Georges.....	139
Anexo G – Notícia interna sobre o assassinato de Gerardo Servian	139
Anexo H – Chamada sobre a execução de Gerardo Servian	140
Anexo I – Notícia interna sobre a execução de Fausto Gabriel Alcaraz (em espanhol)	140
Anexo J – Chamada de capa sobre a execução de Fausto Gabriel Alcaraz	141
Anexo K - Notícia interna sobre a execução de Fausto Gabriel Alcaraz	141
Anexo L – Notícia interna sobre a execução de Pablo Medina	142
Anexo M – Chamada de capa sobre o assassinato de Pablo Medina.....	143
Anexo N – Chamada de capa sobre a execução a e radialista Marcelino Vázquez	144
Anexo O – Notícia interna sobre a execução de Marcelino Vázquez	144
Anexo P – Notícia interna sobre a execução de Marcelino Vázquez (em espanhol).....	145
Anexo Q – Artigo interno sobre a execução de Marcelino Vázquez (em espanhol)	145
Anexo R – Chamada de capa sobre a morte do fotógrafo Pablo Medina.....	146
Anexo S – Notícia sobre a execução do fotógrafo Carlos Manoel Ar (em espanhol).....	146
Anexo T – Notícia interna comemorativa de 5 anos de fundação do Jornal regional....	147
Anexo U – Notícia sobre dois anos de circulação do Jornal Regional	148
Anexo V - Expediente do jornal regional.....	149

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparação da violência contra jornalistas (2012 – 2018)	49
Tabela 2 - Violência contra jornalistas nos estados brasileiros em 2018	50
Tabela 3 - Jornalistas paraguaios executados com registros na ONU	54
Tabela 4 - Jornalistas paraguaios executados com registro no Sindicato dos Jornalistas Paraguaios	57
Tabela 5-Execuções de jornalistas registradas entre 2012 e 2018 no Jornal Regional.....	91
Tabela 6 - Registro das matérias selecionadas	92
Tabela 7 - Registro e frequência de espaço geográfico fronteiriço	98
Tabela 8- Classificação por gênero jornalístico	99
Tabela 9- Tratamento editorial e de imagens utilizadas nas matérias sobre execução de jornalistas	102
Tabela 10- Incidências de frequência de palavras nas 23 amostras da pesquisa	109
Tabela 11 -Frases relacionadas a violência contra jornalistas na fronteira extraídas das amostras ...	111

INTRODUÇÃO

Conhecer com profundidade a fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai sempre foi um desejo pessoal em razão da minha misgenação racial.

Durante pesquisa exploratória detectamos a carência de trabalhos científicos abordando casos de violência na fronteira contra profissionais da imprensa, tema também pouco explorado nas linhas de pesquisa de estudos fronteiriços.

Explorar o campo social e comunicativo da fronteira é um ato desafiador. Conforme afirma Zanin (2015, p. 110), “[...] o jornalismo organiza aquilo que irrompe como desordem, que perturba o Estado do mundo, rompe com o correr das coisas, modifica a seriação ou interfere nos quadros experienciais”. E, como prefacia Machado (2015, p.15), “Cruzar as fronteiras algumas vezes ao ano é – ou poder ser – uma atitude de cosmopolitismo, mas cruzar as fronteiras todos os dias ou até várias vezes ao dia é um ato de revolução”.

A decisão de pesquisar as notícias sobre o assassinato de jornalista nos periódicos impressos de Ponta Porã, de certa forma, vem ao encontro da angústia que nós, jornalistas, atravessamos quando a profissão é testada no limite máximo da existência humana. Hora vivenciando momentos de glórias e de reconhecimento, de esperança de cidadania; hora vistos como eternos adversários de interesses corporativos, econômicos e da contravenção que se fortalece a passos largos como poder paralelo e ameaça às instituições.

A presente pesquisa foi se revelando diante das inquietudes que temos na fase de definição do nosso objeto de estudo e na formação do corpus de desenvolvimento do trabalho. O problema central era de avaliar os casos da execução de jornalistas no processo de construção de censura e autocensura juntos aos profissionais que atuam em uma das mais importantes regiões fronteiriças de Mato Grosso do Sul Ponta Porã/Br e Pedro Juan Caballero/Py, por meio de análise de matérias publicadas em jornais impressos que circulam nas duas cidades.

O primeiro passo do trabalho exploratório consistiu em identificar as notícias produzidas sobre o crime de mando contra jornalistas na fronteira no *Jornal da Praça*, um dos mais antigos do Estado e de Ponta Porã. Porém, o acervo do veículo foi totalmente destruído em função da má conservação, sintoma característico da ausência de políticas públicas de preservação do acervo histórico pelos poderes estabelecidos. Mais de 30 anos de relatos históricos foram totalmente destruídos.

Frente a situação, a alternativa encontrada foi analisar as reportagens produzidas pelo *Jornal Regional* de Ponta Porã. Com cinco edições semanais, o veículo começou a circular no ano de 2012. Contava com todo o acervo das edições catalogado. Dessa forma, estabelecemos o recorte temporal dos crimes de mandos contra jornalistas ocorridos no período de 2012 a 2018. Esse recorte possibilitou identificar sete casos de execução publicados, desdobrados em 23 matérias relacionadas ao objeto em estudo.

A dissertação resultou na constituição de três capítulos. No primeiro capítulo, a partir de obras como *Bordes, limites, frente e Interfaces - Algunos aportes sobre la cuestión de las fronteras*, compilado pelo cientista político, Alejandro Roscavan (2017) e de autores como Raffestin (1993), Friedrich Ratzel (1898) fizemos a incursão sobre o processo evolutivo histórico, geográfico e filosófico dos conceitos básicos de fronteira. Depois, apresentamos breve da evolução histórica da fronteira brasileira, especialmente da bacia Cisplatina.

Repassamos também pela história regional, econômica e geográfica da fronteira sul-mato-grossense a partir de autores que estudam a fronteira do Brasil com o Paraguai. Abordamos a formação do tecido social sul-mato-grossense, o papel integrativo da Guerra do Paraguai, as disputas e os conflitos pela demarcação da fronteira, a exploração da erva-mate e do comércio paralelo ou clandestino envolvendo ambos os países ao longo sua constituição social. Fatos históricos retratados de forma parcial e que semearam no imaginário popular a visão negativa e pejorativa dos territórios fronteiriços no Estado de Mato Grosso do Sul.

Salientamos o elo de diversificação cultural e de linguagem na formação dos povos da fronteira, elementos característicos de um território em disputa, mas também privilegiado de saberes e vivências diferenciados.

Procuramos atualizar os temas mais recentes e atinentes à fronteira, tendo com base autores como Tito Machado (2015), Leandro Baller (2017), Carlos Busón Bueza (2017), Paulo Cimó (2017) e Rose Prado (2017), Valmir Côrrea (2012) e Lúcia Corrêa (2012).

No segundo capítulo, estudamos o fenômeno da violência contra jornalistas no Brasil e no México, com rápido panorama mundial. A referência a situação mexicana decorreu em razão da atuação das forças do narcotráfico e da corrupção que também cerceia a vida de dezenas de profissionais de imprensa.

Para tanto, recorremos a documentos produzidos pela Organização dos Estados Americanos (OEA), compilados pela Comissão Interamericana de Desenvolvimento de Direitos Humanos (CIDH), nos últimos 20 anos. Acrescemos relatórios produzidos pela FENAJ, dados e conclusões do Mapa da Violência do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), produzido em parceria com o Conselho Nacional de Segurança Pública e

Defesa Social, complementados por estudos desenvolvidos por entidades não governamentais contendo estatísticas, apontando motivos e formas da prática de violência contra jornalistas e comunicadores, bem como sugestões para amenizar o quadro de assassinatos verificados nos países mencionados.

Ao longo do estudo consideramos preocupante o crescimento da prática das diversas formas de violência contra jornalistas em âmbito nacional, transfronteiriço e mundial. O relatório divulgado pelo Conselho Nacional do Ministério Público Federal (CNMP) e produzido pela Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública (ENASP) apresentou dados oficiais sobre as execuções de profissionais da imprensa tramitados na Justiça brasileira e a impunidade que perdura nessa modalidade de crime. A maioria das investigações são encerradas sem conclusão.

Em Mato Grosso do Sul, nos últimos 25 anos, somente o crime do jornalista Samuel Roman foi elucidado, os mandantes e executores presos. Do lado paraguaio, somente o crime de Pablo Medina, do *diário ABC Collor*, foi desvendado com mandante e executores presos. Os demais casos deixaram de ser manchete, caíram no esquecimento devido a rotina da imprensa por novos fatos. Os processos ficaram nas prateleiras, depois arquivados engrossando as estatísticas nacional e mundial de jornalistas assassinados.

Na tentativa de compreender o processo comunicacional da fronteira e o sistema de produção de notícias apresentamos conceitos básicos sobre fatos, acontecimentos, reportagens e notícias. Recorremos as Teorias do *Newsmaking e Gatekeeper* e de autores que estudam a imprensa brasileira como Mauro Wolf (1999), Mário Luiz Fernandes (2013), Marcos Paulo Silva (2013), Cecília Peruzzo (2003), Muniz Sodré (2009), Nelson Traquina (2008) e Mário Beltrão (1963) identificando aspectos como ambientação do trabalho, características e particularidades da imprensa local, regional, comunitária e de fronteira.

No terceiro capítulo analisamos amostras de notícias publicadas sobre execuções a partir da metodologia de Análise de Discurso de Laurence Bardin (1977). A opção nos permitiu destrinchar 23 textos, aferir palavras, identificar, classificar e categorizar frases no sentido de confirmar o gênero noticioso adotado pelo *Jornal Regional*. A compilação também revelou processos de censura e autocensura, consagrados pela ausência do gênero reportagem na produção editorial do veículo. Mesmo no gênero noticioso pressentimos da ausência de nomes de fontes oficiais e não oficiais, o emprego de termos gerais e de terceira pessoa nos relatos, a ausência de editorial no veículo e identificação de autores nos registros visuais (fotos). Concluímos também que a inobservância das regras básicas do jornalismo, a falta de apuração

zelosa dos fatos, com acusações às instituições ou ao crime organizado, tornam o jornalista vulnerável frente a ação do crime organizado.

A partir das conclusões da pesquisa sugerimos também uma série de desdobramentos políticos reivindicatórios, como a elaboração de leis e políticas públicas capazes de garantir a liberdade de expressão e a proteção necessária para que jornalistas e comunicadores possam apurar as verdades dos fatos, investigar, denunciar e cumprir com relevância social os preceitos da profissão. Para que possa exercer livremente e de forma responsável a profissão, pois a liberdade de expressão é o pilar para a democracia, das instituições sociais da evolução humana.

CAPÍTULO 1

1.1 Espaço, território e fronteira

O estudo sobre o espaço fronteiriço passa pela compreensão dos conceitos fundamentais sobre espaço e território.

Inicialmente, espaço geográfico pode ser definido como a totalidade dos espaços sociais organizados, expressão da estrutura e do desenvolvimento do modo de produção vigente.

O espaço geográfico como um todo é [...] a totalidade das relações espaciais organizadas, num grau maior ou menor, dentro dos padrões identificáveis, que adequadamente constituem a expressão da estrutura e do desenvolvimento do modo de produção. Como tal o espaço geográfico é mais do que simplesmente a soma das relações separadas compreendidas em suas partes. [...] a integração do espaço pode ser entendida com a expressão da universalidade do valor. (SMITH, 1998, p. 15)

A concepção marxista, social crítica e geográfica, defende a relação dialética tríplice: espaço, tempo e ser social. As relações são, portanto, interativas, interdependentes, formam e são formadas pelo espaço.

A estrutura do espaço não organizado não é estrutura separada, com suas leis autônomas de construção e transformação, nem tampouco é simplesmente uma expressão da estrutura de classes que emerge das relações sociais [...] de produção. Ela representa, ao contrário, um componente dialeticamente definido das relações de produção gerais, relações estas que são simultaneamente sociais e espaciais. (SOJA, 1993, p.15)

Milton Santos (1994, p. 67) redefiniu o espaço como uma dimensão da realidade, produzida e reproduzida, permanentemente, pelas relações sociais, impactado pelo meio técnico-científico informacional que gera a nova cara do espaço e do tempo. Este movimento tomou conta de todas as dimensões do ser humano. Para Santos (1994, p.33) [...] “a base técnica da sociedade e do espaço constitui hoje um dado fundamental da explicação histórica, já que a técnica invadiu todos os aspectos da vida humana, em todos os lugares”.

Vinculado ao conceito de espaço está o conceito de território, cujo entendimento é importante no sentido de compreender as relações sociais e econômicas nele presentes. Dessa forma, o Plano de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira de Mato Grosso do Sul (PDIFF/MS), publicado do ano de 2012, incorpora o conceito construído pelo extinto Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), a partir de características as quais consideramos mais próximas da realidade fronteiriça sul-mato-grossense.

Um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, compreendendo cidades e campos caracterizados por critérios multidimensionais, tais como o

ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial. (MDA, 2015)

Souza (1995) afirma que o território é uma relação social projetada no espaço, mais do que um espaço concreto. Para o Turra Neto (2015, p 56) “o território se constrói nas relações entre grupos em espaços determinados (ou, de maneira sinônima, apropriação de áreas, de forma efêmera ou permanente) como “recurso para afirmação social, política, para expressão e realização da alteridade”.

Para Ratzel (1882) o território como dimensão de áreas em escalas de poderes, como espaço ocupado por determinada sociedade, geralmente associado à ideia de natureza, estabelecido por um limite de extensão de poder em escala nacional, o Estado-nação.

Historicamente, o espaço fronteiriço é divergente, mas possibilita a união e a alianças em torno de questões comuns, mesmo diante da pluralidade de práticas culturais. Nesse sentido, Valverde (2004) explica que o conceito de território assumiu papel importante, uma vez que poderia servir como base para a compreensão dos inúmeros processos de fragmentação e de união entre as nações. Pondera, todavia, que o movimento passa por evoluções no decorrer do tempo.

Porém, nos últimos 20 anos, o território ganhou um sentido diferente, mais amplo, para abordar uma infinidade de questões pertinentes ao controle físico ou simbólico de determinada área. Hoje um olhar geográfico sobre as fronteiras que separam os homens do século XXI irá necessariamente revelar a pluralidade das suas diferenças e a diversidade de suas formas de associação entre pessoas e espaços. (VALVERDE, 2004, p. 120)

O aparecimento do termo fronteira ocorreu no século XIII, a partir da palavra *front* – que designava o limite temporário e flutuante que separava dois exércitos numa batalha. Sob ponto de vista de conceituação de fronteira nacional, Albuquerque (2005) a compreende como demarcações e delimitações estipuladas pela intervenção humana resultante de processos de disputas, ocupações militares, demográfica, econômica e cultural. O autor recorre a Bordier para salientar que as fronteiras são também produtos de atos jurídicos. Envolve disputa pelo poder na qual a ação política é capaz de constituir relações culturais diferenciadas em contextos históricos semelhantes. Tal conceituação tem traços bem característicos da formação das bordas fronteiriças entre o Brasil Paraguai, que sofreram a influência desses diversos fatores.

De uma forma abrangente, o sentido de fronteira representa um quadro mais complexo onde, em um espaço demarcado, se misturam questões econômicas, sociais, políticas, históricas, ambientais, urbanísticas e também comunicacionais. Essa situação é

particularmente rica no Brasil, país que possui um dos maiores ambientes fronteiriços do planeta. (SOARES, 2011, p. 27)

Sobre a formação conceitual, Zingg (2016, p. 11) entende que a definição de fronteiras “baseava-se principalmente em escala local, sendo que as províncias consistiam em *civitates*, comunidades locais equivalentes a agrupamentos tribais ou nacionais existentes antes da anexação do seu território”.

Após a Revolução Francesa, sua amplitude evoluiu, passando do tradicional, do Estado-Nação, ligado aos limites territoriais, demarcação de espaços e proteção.

Ratzel (1898) considerava como elementos fundamentais para conceituação de fronteira “uma porção de terra onde uma população vive e reconhece uma soberania”. Paralelamente, Rocha (2008) considerava o espaço ratzeliano como o espaço do poder estatal, consolidado por intermédio da expansão territorial.

Raffestin (2011) entende a fronteira como “uma linha imaginária que tem por função separar dois países”, e que esta seria “[...] alvo de manipulação por parte dos Estados-nações que a transformaram em um símbolo que comunica uma ideologia, uma advertência”. (NASCIMENTO, 2012, p. 19)

Na fase classificada como moderna, a fronteira passava pelo conceito de Estado-nações, conquista da soberania, territórios e limites, pois “envolve o reconhecimento mútuo entre os Estados de que são eles unidades dotadas de autonomia para agir internamente, e legitimidade enquanto Estado no plano externo”. (CIANCALIO, 2011, p. 8).

O conceito de fronteira também está relacionado a idéia de limite, tratados jurídicos e formas de integração. Para Machado (2000) as fronteiras pertencem ao povo, capaz de forjar sua expansão além do limite jurídico estabelecido, desafiando demarcações e criando situações de conflito que levam a revisão de acordos firmados entre Estados. A posse e os limites são definidos por tratados da alta política diplomática. Os limites se trata de abstrações geradas e sustentadas pela ação institucional estatal, visto que são instrumentos separados por unidades políticas soberanas, lugar de comunicação troca.

Albuquerque (2010) defende que há variedade de sentidos na atualidade para o termo, tanto no aspecto geográfico, delimitando espaços territoriais que são ocupados pelos mais diversos grupos humanos em suas relações sociais e étnicas, bem como de forma metafórica.

Dentro das diversas concepções construídas ao longo da história foram se afinando em três grandes grupos: fronteiras nacionais, fronteiras bilaterais e fronteiras multilaterais.

Segundo Roberto Martin (1994), a palavra fronteira é derivada do latim “*fronteira*” ou “*frontaria*”. O termo indicava a parte do território situada *in fronte*, isto é, nas margens. A sua existência se faz presente desde os tempos primitivos:

[...] podemos afirmar que já entre os povos ditos “primitivos” colocou-se a questão da delimitação do território, o qual servia de base à reprodução biológica e cultural do grupo. Mas isso não se fazia por intermédio de linhas rígidas, muito ao contrário, mas através de zonas de mais ou menos fluidas que aceitavam até certo ponto uma interpenetração. Em contrapartida, esse caráter eminentemente instável das fronteiras fazia com que, em nome de maior proteção, as comunidades, à medida que iam sedentarizando, ansiassem por habitar os territórios mais bem delimitados e menos sujeitos a invasões. Prepara-se, assim, o surgimento das fronteiras rígidas, características dos impérios. (MARTIN, 1994 *apud* PRADO, 2018, p. 284).

A significação de *fronteria*, portanto, varia e se atualiza em razão das mudanças no campo da geopolítica, da economia, opção religiosa, cultura e formas de dominação. Esse processo acontece também de forma evolutiva.

O conceito de fronteira evoluiu do campo político para o campo econômico, e ficou evidente que as definições de fronteiras evoluíram no tempo e apresentaram correlações entre a definição do conceito e sua classificação com o período em que foram formuladas. (PDIFF-MS, 2012, p. 8)

A compreensão sobre fronteira em diversos territórios apresenta vínculos diretos com as populações humanas que vivem nas margens, nas bordas, submetidas a barreiras ou travessias. Essas características estão presentes nas cidades gêmeas de Ponta Porã/Br e Pedro Juan Caballero/Py, recorte geográfico do nosso estudo. Assim, a fronteira pode significar o começo de uma nação, mas, ao mesmo tempo, o início de outra.

Sobre este espaço, o Governo Federal do Brasil, por meio de portaria N° 125, de 21 de março de 2014, estabeleceu o conceito de cidades gêmeas.

Art. 1º Serão considerados cidades-gêmeas os municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações “condensadas” dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania [] Art. 2º Não serão consideradas cidades-gêmeas aquelas que apresentem, individualmente, população inferior a 2.000 (dois mil) habitantes. (DOU, 2014, p.45).

De acordo com o levantamento apresentado no referido decreto, 29 município na fronteira brasileira se enquadram nesses parâmetros. Mato Grosso do Sul contempla seis municípios:

Bela Vista, Corumbá, Mundo Novo, Paranhos, Ponta Porã e Ponto Murtinho, precedido por Rio Grande do Sul que possui dez cidades com maior número de cidades conurbadas.

Na idade contemporânea, as cidades fronteiriças são marcadas por intensas movimentações que rompem com os tratados estabelecidos, atropelados por fluxos de pessoas, demandas por emprego, comércio e a busca pela sobrevivência. Essa movimentação forja distintos significados na atualidade.

A noção de fronteiras adquire distintos significados no mundo contemporâneo. No sentido genérico, pode ser simbolizada por barreiras e por travessias nos distintos territórios de ocupação humana e de expressão de formas de conhecimento e experiências sociais: [...] dois sentidos consagrados do termo fronteira podem ser diferenciados por meio das palavras inglesas *border* e *frontier*. *Border* significa a fronteira estendida com divisão política e administrativa dos Estados territoriais. Já a palavra *Frontier* pode ser encarada na perspectiva de Turner, a partir do movimento de ocupação da fronteira interna por parte dos agentes portadores do ideal, do individualismo e da democracia (ALBRQUERQUE, 2010, p. 286).

Na Geografia atual, dois grandes grupos estudam a sua formação e papel desenvolvido no contexto mundial, regional e local. Um centrado em processos de diferenciação e controle (estudos de bordas) e outro no conceito metafórico (teoria de fronteira). Porcaro (2017, p. 82) recorre a Brambilla (2015) para afirmar que existem duas principais áreas de estudo das fronteiras. Uma centrada nos processos de diferenciação e controle territorial, dominado pelos estudos sobre fronteiras (*border studies*) e uma do estudo metafórico, com distinção entre esferas ou disciplinas, denominado teoria de fronteiras (*border theor*).

Para os geógrafos Minghi (1969) e Paasi (2013), no século XIX predominava na Europa a concepção estatal da Geografia. Essa fase é considerada como expansionista e belicista, guiada pelo pensamento naturalista, positivista, organicista, fortalecido pelo *darwinismo* social, logo as análises ficavam centradas na relação do Estado com o solo.

O pensamento predominante desta fase se expressa nas teses defendidas pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel (1986; 2011). O teórico defendia que o Estado é um organismo vivo, em constante crescimento e a fronteira entendida como algo periférico a se ajustar visando o crescimento, pois estão vivas e em movimento permanente.

A fronteira também por ser entendida como zona de interpenetração ou de disfunção, como concebe o geógrafo francês Camille Vallaux (1914). O autor define a fronteira como zonas de interpenetração ou disfunção, que se distingue dos traços efetuados nos mapas. São zonas vivas ou de acumulação, produto da adaptação do homem no tempo. Podem ser mortas quando da existência da tensão, depois relaxa e o traçado se fixa.

Porcaro (2017) ressalta essa a concepção naturalista recebeu críticas devido ao emprego de argumentos biológicos pelo caráter determinista dos postulados. Para Moraes (2005) a concepção tinha como papel legitimar o processo expansionista do Estado concebido com natural e inevitável. Em razão disso foi desprestigiado no meio acadêmico ligado à geopolítica.

Nas décadas posteriores, esses teóricos receberam críticas por conceber o espaço como abstração, mensurável e quantificável. Também por sua despolitização, desumanização, falta de historicidade e ignorar aspectos dos conflitos, culturais e históricos. (PORCARO, 2017, p. 87)

Em razão disso a concepção naturalista sofria críticas porque tinha uma compreensão paisagística e se mantinha por interesses estatais em função das regiões. Como esclarece Paasi (2013), nessa etapa as fronteiras eram concebidas como elementos de paisagem e se matinham em função dos territórios estatais como regiões funcionais, ambos considerados como realidades evidentes.

A partir dos marcos da geografia de poder e das políticas públicas da década de 1970 e 1980, Porcaro (2017, p. 90) relata que começaram os antecedentes de ruptura epistemológica para construção mais sólida da perspectiva da construção social das fronteiras, que adentraram a década de 1990. Para Benedetti (2011, p. 90), esse movimento pode ser entendido como tentativa de reformular os vínculos “de espaço e poder a partir de diferentes teorias críticas.”

Claval (1974) e Raffestin (1974; 1986) compreendiam que os seguidores dessa escola rejeitaram a falta de historicidade e considerações sociais dos estudos, bem como a concepção uniforme de espaço, sem revelar os conflitos e as tensões sociais.

Raffestin (1974; 1986) e Claval (1974; 1986), citados por Zúñiga (1993), foram batizados de francófonos e contribuíram com estudos de fronteiras. Porcaro (2017) explica, todavia, que as concepções dos franceses vieram atravessadas por teorias dominantes nos anos em que vigoraram. Claval (2014) assevera que o atravessamento acontecia tanto pelo estruturalismo e pela teoria dos sistemas, como pela semiologia e pela linguística.

Assim, os estudos sobre fronteira são marcados pela diversidade em razão da sua constituição histórica, conflitos e interesses. Porcaro (2017, p. 97, tradução nossa) rebusca Brambilla (2015) para enfatizar o caráter interdisciplinar dessa área de estudo. “[...] assinalam que o estudo das fronteiras requer um trabalho interdisciplinar que analise múltiplas escalas e

dimensões para dar conta da complexidade das fronteiras como processos construídos, vividos e experimentados por seres humanos”.¹

Porcaro (2017) entende que os novos estudos consistem em três linhas básicas: representação e narrativas dos sujeitos, os aspectos formativos e as dimensões fenomenológicas. Esclarece que os símbolos e representações da fronteira incorporaram os enfoques anteriores em relação à concepção dos Estados, todavia, foram reelaborados nos marcos da perspectiva humanista.

A geografia, no atual contexto, também prioriza a esfera do cotidiano e da população da fronteira, como são pensadas, representadas, ressignificadas ou contestadas pelos sujeitos. Brambilla (2015, p. 95, tradução nossa) salienta que os novos aportes priorizam a escala local e o interesse se situa na esfera da vida cotidiana dos moradores das fronteiras. Indagam as formas que as fronteiras são pensadas, representadas, vividas, ressignificadas ou contestadas por diversos sujeitos.²

Foucher (2009, p. 22) entendia que “a ordem política moderna implica no reconhecimento, pelos outros, de fronteiras de Estado demarcadas, com base territorial e soberana. [...] ao se delimitar um território, delimita-se também uma população”.

Para Néstor García Canclini (2008), antropólogo, escritor, crítico cultural e professor da Universidade Autónoma Metropolitana de México, as migrações, as fronteiras permeáveis e as viagens falam, em seus estranhamentos, daquilo que a globalização tem de fratura e de segregação. Por isso se constroem narrativas e metáforas nos relatos de migrantes e exilados.

Alejandro Rascovan (2017, p. 25) considera que a construção da fronteira é um processo contínuo que envolve uma variedade de atores e sentidos. Defende que a delimitação territorial por meio de estados nacionais responde a necessidades próprias do capitalismo industrial.

Em referência a fronteira dentro do fenômeno da globalização, Trincherro (2000, p. 10, tradução nossa) lembra que se estabelecem novas formas de relação conceitual onde se impõem novas e tradicionais maneiras de relações sociais nas fronteiras. “[...] Recentemente há a pretensão de associar a globalização com a liberação das fronteiras e a integração, quando no campo real se impõe novas/tradicionais maneiras de “fronteirização” das relações sociais¹.”

¹ “señalan que el estudio de las fronteras requiere de un trabajo interdisciplinario que analice múltiples escalas y dimensiones para dar cuenta de la complejidad de las fronteras, como procesos construidos, vividos y experimentados por seres humanos.”

² “Los nuevos aportes priorizan la escala local y el interés se sitúa en la esfera de la vida cotidiana y los pobladores de las fronteras. Indagan en las formas en que las fronteras son pensadas, representadas, vividas, ressignificadas o contestadas por diferentes sujetos.”

¹ “[...] Recientemente se hay pretendido asociar globalización con liberalización de fronteras e integración, cuando en el campo de lo real se imponen nuevas/tradicionales maneras de “fronterización” de las relaciones sociales.”

No campo da relação internacional, também apresenta um caráter pontual, temporal, linear, poligonal ligado a interesses comuns, de proximidade, segurança nacional e exploração de recursos objetivando o desenvolvimento.

[...] entende-se a fronteira nacional lateral com entidades especiais de implantação pontual, linear e poligonal que cada estado estabeleceu dentro do seu território, deste lado o limite internacional, em suas proximidades ou sobre ele, por questões ligadas a segurança, a defesa, a exportação de recursos ou ao desenvolvimento.² (Porcaro, 2017, p. 17, tradução nossa).

Como característica dessa forma de interpretar a fronteira, há autores que defendem a necessidade de demarcação, centralização administrativa a partir do Estado-nação, respeito à hierarquia, regras preestabelecidas, barreiras para convivência mútua nas faixas de transições, funcionalidade e impermeabilidade. “O conceito de fronteira se refere aos limites políticos contínuos estabelecidos: esta descontinuidade é uma instituição estabelecida por decisões e que se rege por textos jurídicos.³ (FOUCHER, 2009, p. 178, nossa tradução).

Na concepção pós-moderna de fronteira, as barreiras são superadas, os limites e formas de controle modificados e estruturados por meio de redes comunicativas. Do ponto evolutivo, agrega novos elementos a conceitos que demarcavam a hegemonia. Dentre eles, a presença física do Estado-Nação, atrelado ao estatal por meio de estradas, portos, aeroportos e ferrovias, também utilizados como forma de demarcação dos limites territoriais, na fase moderna.

Conforme Ota (2011) o conceito de fronteira é delimitado do ponto de nacionalidade, concebidas com faixa de transição, composta por características próprias de origem ao chamado homem fronteiriço, definição ancorada segundo a autora em geógrafos como Ratzel, Kjéllen, Sieger, Vallaux e Prescott que nos apresenta a seguinte definição sobre fronteira:

(...) os limites entre as nacionalidades se caracterizam por uma faixa de transição onde os valores de cada parte, particularmente a língua, raça, religião, ideologia, costumes e comércio, se interpenetram. Realmente, as faixas fronteiriças, quando habitadas, são regiões de endosse cultural, daí a caracterização sociológica do chamado homem fronteiriço. Esta interpenetração se faz natural e pacificamente quando se trata de Estados amigos e é limitada e mesmo proibida quando se trata de Estado rivais. Mas, se a caracterização jurídica da fronteira é a linha, a sua realidade cultural ou administrativa (instalação de postos de controle, alfândegas, elementos de vigilância ou defesa) é a faixa. Por isso, Ratzel justifica sua tese sobre a realidade da faixa e a subjetividade da linha de fronteira. (MEIRA, 1990, p. 34)

“Pensar no conceito de fronteira automaticamente nos remete a uma visão de separação, e, de fato, esta consideração é pertinente quando construída sob a perspectiva de nação, de

² [...] entienden a la frontera nacional o lateral como entidades espaciales de implantación puntual, lineal y poligonal que cada Estado estableció dentro de su territorio, de este lado del límite internacional, en su proximidades o sobre el mismo, por cuestiones ligadas a la seguridad, a la defensa, a la explotación de recursos o al desarrollo. (PORCARO, 2017, p. 17)

³ “El concepto de frontera se refiere a los límites políticos establecidos contiguos: esta descontinuidad es una institución establecida por decisiones y se rige por textos jurídicos”

soberania”. (OTA, 2015, p. 181). A autora complementa, salientando que a população que mora na fronteira vê o local como um espaço de intercâmbio.

Ela vai além do conceito paisagístico, de linha fixa, borda, mas é atravessada, vivas, espaço de circulação e interação, característica presente nas linhas fronteiriças do Brasil/Paraguai.

Permeáveis, caracterizadas por zonas isoladas e afastadas dos centros dinâmicos nacionais, com escasso e desigual desenvolvimento econômico com relação ao país, sem autonomia para tomar decisões locais, mas que têm recursos naturais pouco explorados e pouco conhecidos. Possuem deficientes vias de comunicação e acesso e estão próximas de áreas de países vizinhos de conformação humana e geográfica semelhantes. (PADRÓS, 1994, p. 69)

Para Shinn (2008, p. 59), nessa nova fase histórica, “prevalece o entendimento sobre a ausência de fronteira, tida como uma característica-chave da pós-modernidade”.

O período contém como características comuns a globalização mundial do comércio, os deslocamentos industriais, a mundialização do sistema de comunicação, a fluidez, o fim das barreiras, a porosidade e a disfuncionalidade.

Ao mesmo tempo em que a fronteira é fechada do ponto de vista da soberania, do Estado nacional, da necessidade de reconhecimento, também é fonte de estranhamentos, rupturas e segregação causadas pelos fluxos populacionais.

Para Albuquerque (2005), as fronteiras nacionais são fenômenos bem mais complexos, não se resumem a limites, divisas, tratados diplomáticos, nem podem ser simplificadas como o lugar do narcotráfico e do contrabando. Considera que não existe fronteira em abstrato, o que existem são situações sociais e singulares de fronteiras. “Alguns fenômenos podem ser generalizados para outros contextos fronteiriços e outros são específicos de uma dada configuração social”. (ALBUQUERQUE, 2005, p. 52).

Rodrigues e Cavalcante (2010, p. 220) caracterizam essa fase como hibridação cultural, fenômeno presente na fronteira seca do Brasil/Paraguai, manifestada pela extrema plasticidade e fluidez de alguns processos de interação que recortam a realidade existente. São traços característicos reforçados por comportamentos como a indeterminação, a ambiguidade e a permeabilidade dos sentidos produzidos em um campo de interações culturais fragmentadas.

Mesmo diante dos avanços da globalização, a fronteira é o espaço em que também se afluam as diferenças construídas e alimentadas pelas sociedades nacionais patriarcais, pensadas de forma homogênea, como se fosse igualitária.

[...] o lugar da explicitação de múltiplas diferenças obscurecidas pelas sociedades nacionais e patriarcais pensada como homogênea, bem como um espaço de intensos

fluxos sociais, hibridismos culturais e configurações de poderes oblíquos.” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 580).

Assim, a transposição da fronteira sul-mato-grossense é marcada por intenso fluxo do comércio, pessoas e laços e de culturais. São interações permanentes em meio a contradições, conflitos e competitividade.

Em relação à dinâmica fronteiriça, no território de Mato Grosso do Sul, existe alto grau de relação e permeabilidade com as fronteiras internacionais – paraguaia e boliviana – por meio de seus atores, que nem sempre têm interesses comuns, e por vezes, até mesmo divergentes e competitivos, resultando assim em diversos e graves problemas sociais, econômicos, sanitários e de degradação ambiental. No entanto, as peculiaridades desse espaço permitem um relacionamento de complementaridade e de integração estratégica para benefícios de ambos os lados, se adequadamente coordenados e articulados, buscando inclusive alcançar os mercados globais. (PDIFF, 2012, p. 6).

Mesmo distante dos centros de decisões, isolada administrativamente, no cotidiano, a fronteira é porosa, contém fissuras preenchidas pela convivência mútua.

As linhas divisórias ali demarcadas são fronteiras vivas, as relações entre os povos são dinâmicas, as interações são constantes, muito embora pareça não existir uma integração completa, mas várias formas de cooperação e entrelaçamento entre os campos sociais presentes. As necessidades de um lado são sanadas pela participação do outro, as brechas de um são preenchidas pela ação do outro, de modo a se complementarem e se apoiarem mutuamente, desenhando um ambiente diferenciado, próprio das áreas fronteiriças. (MÜLLER, 2002, p. 230 e 231).

Frente a diversidade e infinitudes de visões da fronteira defendidas por autores e autoras nacionais e internacionais acreditamos ser pertinente o conceito coletivo desenvolvido Ministério de Desenvolvimento Agrário em seminários e reuniões participativa nos municípios localizados nesse espaço territorial:

[...] a conceituação aqui adotada considera território como: um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, compreendendo cidades e campos caracterizados por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial. (MDA, 2005, p. 7).

O contexto de integração outro aspecto presente é a constituição cultural. Ao mesmo tempo em que é ponto de confluências, a fronteira se torna o espaço em que os “estranhos” se encontram e se fundem, ressignificam-se, preservam a originalidade, mas ao mesmo tempo absorvem o diferente. É um caldeirão de efervescência cultural. Como destaca Raddatz (2015,

p. 10), “uma fronteira não é igual a outra; a fronteira está em permanente construção; a fronteira alimenta-se de si mesma e do conteúdo de quem a atravessa.”

Esta forma de circulação na visão de Ruiz (1996) expressa a interação transfronteiriça que também se constrói sobre o cultural, mais especificamente sobre as semelhanças entre padrões de conduta, valores, idiomas, enfim, no entorno simbólico dos dois lados da fronteira.

Essa forma transnacional de integração sintetiza a fronteira como um cenário em que se combinam desafios e oportunidades e onde está presente um duplo processo cultural.

Em síntese, cada fronteira oferece um cenário onde se deseja combinar desafios e oportunidades, onde se gera um duplo processo cultural com a permanência de determinados componentes tradicionais da cultura de origem e a incorporação de elementos e modos de vida do outro, em um processo que é caracterizado na atualidade de transnacional.⁴ (FANTIN, 2008. p. 8-9).

Outro aspecto importante da mídia regional e local acontece como forma de resistência aos processos de desenraizamento cultural provocados pela globalização constituídos por fluxos informativos em rede, centralizados e desproporcional, que atuam de forma a desterritorializar e eliminar modos de ser, viver, valores presentes na localidade.

Paralelamente ao movimento de globalização acontece o rebuscamento de identidades, a valorização da cultura local e ações de reterritorialização, de forma contraditória, “em tempos de globalização, nunca se discutiu e se valorizou tanto a territorialização, a identidade e os vínculos dos cidadãos com as suas origens”. (FERNANDES, 2013, p. 108).

Estas contradições são mencionadas por Barbero (1999, p.75) quando destaca a preocupação sobre a eventual existência de um espaço público, mas amplo que repassaria as fronteiras dos territórios nacionais e que em boa parte estaria sustentado por relações de comunicação e fluxos informativos globalizados.

Dessa forma, a fronteira é espaço de intercambiar novas de formas resistência devido as constantes experiências multiculturais e intercultural. É espaço do novo, do estranhamento.

A abundância de signos e sinais que destaca os lugares de onde pensamos e escrevemos, a encruzilhada do conhecimento que transborda suas fronteiras costumeiras, o entrelaçamento de linguagens e figuras com as quais se desdobra, descentraliza ou se desfaz o campo do conhecimento, são bons exemplos de uma aposta quase iniciática para mapear territórios que julgamos familiares e que, à medida que os percorremos, descobrimos como são estranhos, des-conhecidos e silenciosos,

4 “En síntesis, cada frontera ofrece un escenario donde no dejan de combinarse desafíos y oportunidades, y donde se genera un doble proceso cultural con la permanencia de determinados componentes tradicionales de la cultura de origen y la incorporación de elementos y modos de vida del otro, en un proceso que es caracterizado en la actualidad de transnacional.”

toda a ignorância que ainda habita o conhecimento, resistindo internamente, desconcertando-o e subvertendo-o.” Barbero (1997, p. 21).

Na visão de Ruiz (1996) “a interação fronteiriça se constrói também sobre o cultural, mas especificamente sobre as semelhanças entre padrões de conduta, valores, idiomas, enfim, no entorno simbólico entre os dois lados da fronteira”.

Em função da distância e do isolamento das grandes cidades, características das fronteiras latinas, os meios de comunicação fronteiriços exercem o papel de resistência cultural, experimentação, pois é alimentado pela diversidade, dualismos e contrastes presentes nas diversas formas de sociabilidade, retroalimentando processos permanentes de construções simbólicas diversas e sociabilidades plurais.

1.2 Formação histórica das fronteiras brasileiras

Após rápida exposição sobre os conceitos território e fronteira e seus aspectos culturais, abordaremos a faixa de fronteira brasileira sob o ponto de vista histórico, forjada por longos processos de ocupação, conflitos e negociações diplomáticas desenvolvidas desde a colonização portuguesa, em 1500.

Fausto (1996) considera que o primeiro evento que permitiu a expansão do território português na América do Sul foi a União Ibérica. A fusão entre as duas nações colocou as possessões lusas e hispânicas sob controle de um mesmo governo, entre 1580 e 1640. Nesse período, a necessidade de respeitar fronteiras foi praticamente descartada e, aproveitando a união dos dois impérios, os colonos portugueses ultrapassaram o limite do Tratado de Tordesilhas, de Norte a Sul.

O tratado teve relação direta na formação do espaço territorial sul-mato-grossense, pois estabelecia o campo de disputa entre portugueses e espanhóis em torno da faixa da linha imaginária definida pelo Tratado de Tordesilhas. A região se transforma em palco de embates históricos que começam no eixo Sul e vão se alastrando pelo arco central da faixa de fronteira brasileira. Tem como ponto de partida as províncias da bacia Cisplatina, do Prata e chega até as áreas pantaneiras.

Como exemplo, Chamorro, Combès e Freitas (2015) destacam como símbolo da posse espanhola o povoado de Santiago de Xerez, invadido e destruído por bandeirantes luso-paulistas

em 1632 e reerguido em 1659 por missões jesuíticas, como a de Itatim, que sucumbiram à presença de Portugal na região do Pantanal.

Previamente, em 1593, espanhóis liderados por Ruy Diaz de Guzmán fundaram na margem esquerda do rio Ivinhema o povoamento de Santiago de Xerez (ou Jerez). O núcleo urbano foi considerado a primeira cidade do atual Mato Grosso do Sul. “Essa povoação colonial teve, nesse local, duração efêmera. Em 1600 foi trasladada para a região da bacia dos rios Miranda/Aquidauana, na área não inundável do Pantanal sul-mato-grossense.” (KASHIMOTO; MARTINS, 2005, p. 73).

A colonização do antigo Mato Grosso tinha como linha de frente os padres da ordem jesuíta. Como relatam Chamorro, Combès e Freitas (2015). A missão estava estabelecida, no início do século XVI, nas Missões Jesuíticas do Itatim (do guarani, pedra branca), margem oriental do rio Paraguai, entre os rios Taquari, ao Norte, e Apa, ao Sul.

A ocupação intensa da região aconteceu com a abertura de trilhas pelo bandeirantismo, bandeirismo ou entradas, a partir do século XVII. Eram grupos de excursões organizados em busca de escravos índios, pedras, metais preciosos e especiarias vendidos na Europa, ou que abastecesse os povoados localizados na região cisplatina.

Com o declínio da mineração, no século XVIII, deu-se início ao ciclo das monções, expedições que estreitava a relação entre as capitanias de São Paulo e Mato Grosso, que impulsionou a colonização do Centro-Oeste brasileiro.

Os bandeiras eram atraídos pela atividade de exploração de pedras preciosas e em busca de escravos índios, como relatado por Simonsen (2005), ao relatar que descoberta de minas de ouro pelos portugueses, em diversas regiões do continente sul-americano, motivou uma rápida ocupação do interior do país, pois abriam trilhas para a expansão da pecuária, caça de peles e outras atividades extrativistas.

A colonização na região do antigo Mato Grosso também teve como estímulo o potencial de navegação dos rios da região por onde circulavam as expedições. As rotas fluviais serviam de caminho alternativo para se chegar até as minas do andino Peru. Também interligava as bacias do Prata e Amazônica.

A expansão da pecuária contribuiu no processo de colonização do interior brasileiro até atingir as bordas da fronteira. Fausto (1996, p. 51) destaca que depois [...] “a pecuária foi responsável pelo desbravamento do ‘grande sertão’. A atividade serviu para substituir gradativamente a mineração que entrou em decadência devido à exploração intensa e

descontrolada. Como aspecto positivo garantiu a colonização da região Oeste de Mato Grosso e boa parte da faixa de fronteira.

Durante o processo de colonização foram se delineando os contornos fronteiriços do Brasil com os demais países limítrofes ao longo dos séculos, consolidando a formação do antigo Mato Grosso.

Até meados do século XVIII, a região conhecida como Mato Grosso era subordinada à Capitania de São Paulo. Com a entrada das bandeiras e monções, e a descoberta de ouro em Cuiabá, a Metrópole Portuguesa criou, por meio da Carta Régia de 9 de maio de 1748, a Capitania do Mato Grosso, buscando assegurar o território em uma futura fixação dos limites da região. (KARIM, 2013, *apud* DE ARAÚJO, 2017, p. 65).

Mais ao Sul ocorriam tentativas no sentido de incorporar a região Cisplatina⁵, atual Uruguai, ao território brasileiro. A anexação sempre esteve nos planos da Coroa Portuguesa devido ao posicionamento estratégico da região, marcado pelo potencial natural, hídrico e mineral. A ambição portuguesa de controlar o território da região era estratégica e objeto de litígios seculares com a Espanha.

El Plata foi como ou principal objetivo dois Portugal se esforça para refazer o mapa político da América do Sul. O Rio de La Prata era um limite natural do Brasil. Todas as terras localizadas a leste do rio e seu principal tributário, ou rio Paraguai, possuíam, em consequência, natural e necessária do Brasil. ⁶(CARDOSO, 1961, p. 12 e 13).

Mesmo após a independência de Portugal, a região Cisplatina foi objeto de cobiça do reinado luso-brasileiro. Pereira (2007) afirma que em 1825, no contexto do Brasil independente, um novo conflito emergiu na região Sul: a Guerra da Cisplatina, ou Campanha da Cisplatina, que em língua espanhola é chamada Guerra del Brasil, fomentada pela Inglaterra.

Como mencionamos, a região do Prata era estratégica do ponto de vista comercial e militar na formação das nações do continente sul-americano e objeto de negociações e acordos internacionais entre reinados.

[...] o Prata precisa ser compreendido como um espaço de conflito de interesses político-econômicos acentuados principalmente nos Oitocentos, quando os projetos de Estado e a formação da Nação eram ainda embrionários para o Brasil, a Argentina e o Uruguai. (PEREIRA, 2007, p. 9 e 10).

5 Província Cisplatina era o nome dado ao território atualmente abrangido pelo Uruguai, quando foi anexado ao Brasil, em 31 de julho de 1821. Essa anexação foi justificada com a alegação de direitos hereditários que a princesa Carlota Joaquina, esposa de D. João, teria sob a região. O povo desta província de colonização espanhola jamais se sentiria de fato integrado ao Brasil. A língua e os costumes, herdados da Espanha, impediam essa integração.

6 “El Plata fue señalado com objetivo principal de los esfuerzos del Portugal para rehacer el mapa político de la América do Sul. El Rio de La Prata era el limite natural del Brasil. Todas las tierras situadas al oriente del rio y de su principal afluente, el rio Paraguay, eran, em consecuencia posesión natural y necesaria del Brasil.”

Goes Filho (2013) esclarece que ao lado do Tratado de Madri, o único da história que dividiu um continente, todos os demais acordos de limite são de pouca importância territorial. O acordo articulado principalmente pelo brasileiro Alexandre de Gusmão, na época secretário do rei D. João V, estabelecia dois princípios básicos: o das “fronteiras naturais”, como são os cursos dos rios e as cumeadas das montanhas, e o do *uti possidetis*, que determina que cada parte conserve o que ocupa no terreno.

[...] embora se considere como início do conflito, o apresamento do navio brasileiro Marquês de Olinda com o governador do Mato Grosso, em Assunção, “a guerra do Paraguai”⁷, de fato, inicia com a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, formada por Argentina, Brasil e Uruguai para combater as iniciativas de Solano Lopes. (JARDIM, 2011, p. 9).

Para De Araújo (2017), o Tratado de Paz e de Amizade Perpétua e de Limites, assinado em 1872, definiu as fronteiras entre o Brasil e o Paraguai após a guerra. A tentativa expansionista argentina sobre o espólio territorial de guerra paraguaio acarretaria, todavia, problemas geopolíticos ao Brasil. Dessa forma, não foi possível estabelecer o acordo comum delimitando a fronteira dos quatro países. Houve, então, uma tratativa paralela com o Paraguai após a guerra em que se estabeleceu uma negociação à parte e que não incluiu os demais países da Tríplice Aliança, conforme mencionado segundo artigo – Decreto Nº 4.910, de 27 de março de 1872, assinado pela Princesa Isabel.

2º – Os limites dos Impérios do Brasil com a Republica do Paraguay serão ajustados e definidos em tratado especial, o qual constituirá acto distincto do presente, mas será assignado simultaneamente com este, e terá a mesma força e valor que se delle fizesse parte.⁸ (1872, internet)

O Tratado de Limites Complementar ano de 1872 definindo as linhas limítrofes com o Paraguai, cujo art. 1º dizia:

Da confluência do rio Apa, no rio Paraguay, até a entrada ou desaguadouro da Bahia Negra, a fronteira entre os Estados Unidos do Brasil e a República do Paraguay é formada pelo álveo do rio Paraguay, pertencendo a margem esquerda ao Brasil e a margem direita ao Paraguay.

7 Conhecida como a guerra do Paraguai, de fato, inicia com a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança formada por Argentina, Brasil e Uruguai para combater as iniciativas de Solano Lopes.

8 A assinatura do Tratado da Tríplice Aliança (ocorreu em meio à Guerra do Paraguai, num momento em que Brasil, Argentina e Uruguai já haviam se unido para combater o inimigo em comum. No entanto, estes mesmos países apresentavam antecedentes num quadro de divergências, devido aos inúmeros conflitos e, sobretudo, pela dominação brasileira sobre o Uruguai e a disputa com os argentinos pela hegemonia na América do Sul. (JARDIM, 2011, p. 1).

Pelos acordos, o rio Paraguai ocupava papel estratégico e servia como referência de limites. Soares (2011, p. 32) salienta que era garantia de acesso e de controle de parte do interior sul-americano, razão disputas pelos povos limítrofes durante séculos.

O primeiro tratado definindo os limites fronteiriços entre o Brasil e Bolívia remonta aos tratados de Madri e Santo Ildefonso. Todavia, as atuais bordas são resultados do Tratado de Amizade, Limites, Navegação, Comércio e Extradição, na cidade peruana de Ayacucho, em 27 de março de 1867 – conhecido na Bolívia por Tratado de La Paz de Ayacucho – que formalizou os limites atualmente conhecidos no Mato Grosso do Sul.

De Araújo (2017) também menciona o Tratado de Natal (1928) e as Notas Reversais de Roboré (1958), ambos sem impacto direto no território brasileiro do atual Mato Grosso do Sul. Complementa ressaltando que o conjunto desses conflitos envolvia disputa entre seringueiros brasileiros e bolivianos, solucionado com a assinatura do Tratado de Petrópolis (1903), cujo resultado foi a aquisição do Acre pelo Brasil.

O autor resgata que a região do atual estado do Acre pertencia à Bolívia pois, durante a Guerra do Paraguai, o Brasil assinou acordo por meio do qual abria mão desse território em troca da não entrada da Bolívia na guerra (OLIVEIRA, 2015). A anexação do Estado Acre, território até então pertencente à Bolívia, encerrou uma longa negociação, iniciada no século anterior (PITALUGA, 2015).

De maneira pacífica, as fronteiras do Brasil com seus vizinhos sul-americanos foram definitivamente acordadas no decorrer das primeiras décadas do século XX (GARCIA, 2005): Guiana Francesa (Tratado de Utrecht, de 1713, com interpretação final dada pelo Laudo Arbitral de 1900); Suriname (Tratado de 1906); Uruguai (Tratados de 1851 e 1909); Peru (Tratados de 1851 e 1909); Guiana (Tratado de 1926); Paraguai (Tratado de 1872 e Tratado Complementar de 1927); Argentina (Tratado de 1898, baseado no Laudo Arbitral de 1895, modificado pelos Artigos Declaratórios de 1910 e complementado pela Convenção de 1927); Colômbia (Tratados de 1907 e 1928); Venezuela (Tratado de 1859 e Protocolo de 1928); e Bolívia (Tratados de 1867, 1903 e 1928 e Notas Reversais de Roboré, de 1958).

Nos demais processos demarcatórios predominaram as negociações diplomáticas. Para De Araújo (2017), o acordo garantiu a Portugal o controle das regiões da Amazônia e de Mato Grosso (desde os atuais estados de Roraima, Pará e Amazonas até o Alto-Paraguai, fronteira do Brasil com o Sudeste da Bolívia, onde hoje se situa Mato Grosso do Sul). As delimitações e

anexações geraram conflitos, mas contribuíram nas definições de linhas entre os países vizinhos e na maioria das vezes predominou a negociação.

A formação territorial do Brasil foi sendo estabelecida em diferentes épocas e regiões. Os conflitos por áreas fronteiriças, que ocorreram principalmente nos séculos XVIII e XIX, foram resolvidos, em sua maioria, pela influência da diplomacia. A assinatura de tratados de acordos e limites delimitou áreas comuns entre povos e estabeleceu um extenso espaço fronteiriço. (SOARES, 2011, p. 27).

No processo de formação fronteiriça também é considerado o espaço de construção, de reafirmação de identidade, mas também de questões de soberania. Albuquerque (2005, p. 58) explica que na visão de Canclini (2003), as discussões identitárias, de defesa da soberania nacional, permanecem, caminham juntamente com “as desigualdades de apropriação de saber e poder em ambos os lados do limite internacional. Nela também está presente as discriminações na escola e no trabalho, conflitos e agressões com os imigrantes recém-chegados.

Todavia, também está presente, o caráter integracionista, de coexistência, de pertencimento territorial. A primeira impressão é que a fronteira, sob o ponto de vista geográfico, remete-nos automaticamente à visão de separação, construída sob a perspectiva de nação, de soberanias nacionais.

[...] o território amplia a dimensão, pois é retratado como um espaço ocupado por determinada sociedade. Historicamente, a definição de território está associada à ideia de natureza e sociedade configuradas por um limite de extensão de poder em escala nacional, espaço ocupado por determinada sociedade por um limite de extensão de poder em escala nacional, o Estado-nação. (RATZEL, 1882 *apud* OTA, 2012, p. 206).

Há de se considerar também que isolamento da fronteira territorial brasileira é atribuído historicamente à “vocalização atlântica” do Brasil, o que possibilita baixa densidade demográfica nas regiões fronteiriças. Justifica-se ainda pelas grandes distâncias físicas e pelas dificuldades de comunicação com os principais centros decisórios do país. (MACHADO et al., 2005, p. 88)

Logo, a constituição das divisas fronteiriças do Brasil passou por séculos de construção. Envolveu conflitos históricos, negociações diplomáticas e acordos que permitiram delinear as bordas do território brasileiro.

1.3 Características geográficas da fronteira brasileira

A Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (2005), elaborado pelo Ministério da Integração (MI), divide a extensão continental das divisas brasileiras em três grandes arcos: o Arco Norte compreende os estados do Amapá, Pará,

Amazonas e os de Roraima e Acre (totalmente situados na faixa de fronteira); o Arco Central abrange a faixa de fronteira dos estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; e o Arco Sul, abrange Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O Arco Norte compreende vasta região de floresta, a chamada Amazônia Legal, a base produtiva. Entre as características desse arco está o tamanho desmesurado dos municípios amazônicos, a baixa densidade demográfica e fato de ter a faixa mais larga da (em alguns trechos com mais de 700 km de limite internacional). Apresenta fatores comuns a base produtiva, posição geográfica e o predomínio de população indígena, características adotadas para definir as sub-regiões desse arco.

Apesar de fluxos imigratórios procedentes de outras regiões do país (principalmente nordestina), a faixa de fronteira Norte, de acordo com a Proposta de Reestruturação do Ministério da Integração Nacional (2005) constitui um “arco indígena”, tanto do ponto de vista do território (presença de grandes áreas de reserva) como da identidade territorial (importância étnico-cultural indígena mesmo fora das áreas de reserva).

Já a faixa do Arco Central deriva do caráter de transição entre a Amazônia e o Centro-Sul do país. Ocupa a posição central no subcontinente, recortada por duas grandes bacias hidrográficas sulamericanas, a amazônica e a do Paraná-Paraguai. Com base nas diferenças da base produtiva e de identidade cultural, foram criadas a divisão em sub-regiões: (VII) Madeira-Mamoré, (VIII) Fronteira do Guaporé, (IX) Chapada dos Parecis, (X) Alto Paraguai, (XI) Pantanal, (XII) Bodoquena, (XIII) Dourados, (XIV) Cone Sul-mato-grossense, os últimos quatro em Mato Grosso do Sul.

Essa faixa de fronteira é composta por populações que subsistem da atividade pecuária, exploração extrativista e mineral, alternando entre a produção de pequena escala, caracterizada pela agricultura familiar e a produção em grande escala centrada em cultura como a soja e no milho.

De acordo com o Ministério da Integração Nacional, o Arco Central constitui, culturalmente, uma grande área de transição entre o Arco Sul, claramente identificado com a cultura europeia de descendentes de imigrantes (“colonos”), italianos e alemães, e o Arco Norte, onde predomina a cultura dos diversos grupos indígenas amazônicos. As populações vivem basicamente em cidades de pequenos portes, com até 50 mil habitantes, em espaço bastante diversificado em termos culturais. Tem como centro a grande área ou “sub-arco” cultural pantaneiro, uma continuidade das áreas do Chaco boliviano e paraguaio, considerada a maior extensão territorial alagável do planeta.

O documento menciona que o principal entrave ao desenvolvimento das interações fronteiriças no Arco Central é o tráfico de *cannabis sativa* (maconha) e da cocaína, procedentes, respectivamente, do Paraguai e da Bolívia, acrescida do contrabando de madeira em tora e soja na fronteira paraguaia.

Do ponto de vista geopolítico mundial, a fronteira brasileira é considerada a quinta maior do mundo, como aponta o IPEA (2017) na mesma publicação. Apenas dois países da América do Sul, Chile e Equador, não têm zona de contato interno com a nação brasileira.

O Brasil possui fronteira com todos os países do subcontinente, excetuando Equador e Chile – ou seja, com dez nações –, totalizando 16.885,7 quilômetros. Faixa de 150 quilômetros de largura, definida pela Lei nº 6.634, de 2 de maio de 1979, 10 quilômetros de extensão, envolvendo onze Unidades da Federação (UFs) e 588 municípios, que abrangem 27% do território nacional. (IPEA, 2017, p. 52).

Ainda sobre a fronteira, o estudo do IPEA menciona as características econômicas bem diferenciadas, divididas em três grandes arcos e 27 sub-regiões que servem de parâmetros regionais para reestruturação PDIFF-MS (2018), e apresenta as seguintes características:

Toda a sua extensão territorial está dividida em três grandes arcos: Norte, Central e Sul, e 27 sub-regiões. Os estudos desses arcos mostraram o quanto eles são diferentes. Enquanto o Norte tem como principal característica a presença da densa floresta Amazônica, o Central está vinculado à grande expansão da fronteira agrícola e o Sul tem a base produtiva fortemente concentrada na cultura do milho, trigo, soja e na agroindústria, além de densa rede de cidades perfeitamente interligadas por uma malha rodoviária ramificada. (IPEA, On-line).

O Arco Central fronteiriço está situado basicamente em Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. É uma vasta área territorial com formas de ocupação urbana e rural e sistemas de produção centrados na atividade agrícola. Apresenta como aspecto diferenciado o potencial hídrico recortado por duas grandes bacias fluviais.

O Arco Central possibilita sublinhar peculiaridades no que tange ao aspecto físico e social, o que consequentemente delinea uma forma de ocupação e produção local. Este arco também compreende no Brasil duas principais bacias hidrográficas sul-americanas: a Bacia Amazônica e a Bacia do Paraná-Paraguai, e esta última abrange o Estado do MS. (PDIFF, p.9, 2012).

O PDIFF (2012) menciona que os territórios possuem especificidades e particularidades ignoradas, pois apresenta confluências com diversos países latinoamericanos com matrizes econômicas e culturais distintas:

As fronteiras brasileiras, assim como outras da América Latina, devem ser compreendidas de forma distinta de outros lugares do país, pois possuem especificidades e peculiaridades muitas vezes ignoradas. Nestas regiões, os fluxos de relações são mais complexos, pois perpassam distintos Estados-nação, e a diversidade econômica e cultural gera uma riqueza potencial poucas vezes explorada. (OLIVEIRA et al., 2011, p. 79).

Os limites da fronteira brasileira foram definidos e incorporados pela nova Constituição de 1988, estabelecendo as suas respectivas dimensões. Histórica e politicamente constituída, a Faixa de Fronteira é normatizada pela Constituição Federal, a qual delimita a extensão de 150 km de largura, paralela à linha divisória terrestre brasileira. Correspondente a 27% do território nacional, compreende 588 municípios, distribuídos em 11 Unidades da Federação: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Rondônia Roraima e Santa Catarina. Do ponto de vista populacional, registra-se o número de aproximadamente dez milhões de habitantes nessa área. (IPEA, 2017, p. 9 e 10).

Segundo estimativa do Instituto Brasileiro e Geografia e Estatística (IBGE), publicada em 2018, Mato Grosso do Sul conta com 2.748.023 habitantes. Apresenta a quinta maior taxa de urbanização dentre as unidades da Federação, com 89,20%. Registra a nona menor densidade demográfica do país, com 7,59 habitantes por km².

Os dados de 2017 apontam ainda que, além da elevada concentração populacional em poucos municípios, o espaço geográfico do estado de Mato Grosso do Sul é marcado por grandes vazios demográficos.

O Diagnóstico Econômico de Mato Grosso do Sul do ano de 2015 resume que o território sul-mato-grossense é dividido em três regiões intermediárias e 11 regiões imediatas, estas compostas pelos 79 municípios, com áreas que variam entre 64.962,72 km² (Corumbá) e 280,79 km² (Douradina). Destes, 44 municípios integram a faixa de fronteira internacional com o Paraguai e a Bolívia, totalizando extensão de 1.517 km, dos quais 724,2 km não são delimitados por cursos d'água.

Desse total, a fronteira com o Paraguai ocupa 1.131 km e a fronteira com a Bolívia, os outros 386 km. São municípios fronteiriços: Corumbá (único na fronteira com a Bolívia), Porto Murtinho, Caracol, Bela Vista, Antônio João, Ponta Porã, Aral Moreira, Coronel Sapucaia, Paranhos, Sete Quedas, Japorã e Mundo Novo (todos na fronteira com o Paraguai).

O PDIFF (2012) aponta que o Arco Central possui sistemas produtivos voltados à produção agrícola e à criação de gado, e um modelo industrial-comercial relacionado à agroindústria, que compreende redes de secagem e armazenamento de soja, bem como de frigoríficos de pesca e carne bovina.

Dentro do programa, Ponta Porã integra a sub-região XIV juntamente com Amambai, Antônio João, Aral Moreira, Coronel Sapucaia, Eldorado, Iguatemi, Itaquiraí, Japorã, Juti, Mundo Novo, Naviraí, Paranhos, Sete Quedas e Tacuru. O estudo aponta as potencialidades e problemas dessa faixa de fronteira.

[...] conhecidas pelos problemas quanto ao narcotráfico e a contrabandos diversos, possui potencialidades em termos de atividades agropecuárias (criação de gado de corte e leiteiro, cultivo de soja, mandioca). Sublinham-se algumas atividades atreladas à agricultura, pecuária e ao agronegócio. Compreende extensa rede de armazenamento e secagem da soja e a expansão do cultivo da mandioca para a produção do amido. A presença do Parque Nacional da Serra da Bodoquena, relativamente próximo ao polo turístico fomentado pelo Governo Estadual, sugere a possibilidade de um “corredor turístico” na área. (PDIFF, 2012, p. 10).

Sob o ponto de vista de soluções para o desenvolvimento econômico e social da região, o programa aponta futuras ações necessárias para o desenvolvimento econômico e social do Estado.

[...] as principais frentes de ação do PDIF/MS para a integração das regiões da Faixa de Fronteira são: apoio aos APLs transfronteiriços, participação em grupos finalísticos de integração fronteiriça, defesa da prática de benefícios e isenções ao comércio local, da prática de tarifas locais para a telefonia nas zonas de fronteira, desenvolvimento de normas específicas quanto à educação e ao exercício profissional, implantação de conexões rodoviárias, fomento à elaboração de Planos Diretores Integrados e ao planejamento conjunto da infraestrutura física. (PDIFF, 2012, p. 11).

Na faixa de fronteira, a experiência de efetivação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, em 1943, garantiu a integração produtiva da região. Criou as condições necessárias à ocupação espacial da região de Dourados, a segunda maior cidade populacional de Mato de Grosso do Sul, em 2018, com 220.965 habitantes, conforme dados do IBGE. O povoado até então era distrito da fronteira Ponta Porã.

Foram essas iniciativas colonizadoras que deram origem à Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), criada pelo Decreto 5.941, de 28 de outubro de 1943, no então Território Federal de Ponta Porã. O empreendimento foi um grande sucesso, tendo a CAND, no início da distribuição dos lotes, um crescimento populacional incrível, a ponto de sair fora do controle e nascer uma chamada Segunda Zona, com ocupação populacional não indígena desorganizada e com pouco ou nenhum amparo de sua Administração.” (NAGLIS, 2007 *apud* FERNANDES, 2015, p. 2)

O modelo extrativista de exploração e de criação extensiva é apontado por alguns historiadores e geógrafos como causa do desenvolvimento econômico atrasado em relação a outras unidades da federação.

[...] essa fronteira teria seu desenvolvimento econômico propriamente dito retardatário, visto que uma das características principais foi a sobrevivência de um modelo tradicional e anacrônico de ocupação extensiva e exploração primitiva e predatória dos seus recursos naturais. (CÔRREA, 2012, p. 29).

Outro fator preocupante em relação ao desenvolvimento da fronteira Brasil Paraguai é a má distribuição de renda, a concentração de terras em grandes latifúndios, a monocultura da

soja e mais recentemente da cana, que praticamente dizimou as florestas naturais e deixou largo filões de terra em áreas de pastagens degradadas e de pouca produtividade.

1.4 Cidades gêmeas, história e problemas comuns

A formação das cidades gêmeas fronteiriças Ponta Porã e Pedro Juan tem trajetória de colonização marcada por incursões militares que visavam estabelecer o domínio e a presença de ambos os países na região.

De Araújo (2017) ressalta que a história da ocupação da região onde atualmente se encontra o município de Ponta Porã remonta ao século XVIII, com expedições militares chegando à localidade para explorar o solo e assegurar as fronteiras portuguesas frente aos espanhóis (IBGE, 2017).

O autor faz menção à presença militar na região iniciada no período de colonização e que avançou nos séculos posteriores, cumprindo tática de ocupação determinada pelo imperador brasileiro, Dom Pedro II.

Em 1862, um grupo militar brasileiro liderado pelo tenente Antônio João Ribeiro fixou-se na cabeceira do rio Dourados (atual município de Antônio João), fundando a Colônia Militar dos Dourados, que foi destruída pelos paraguaios no início da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870).

Torrecilha (2004) enfatiza o papel da militarização, pois em 1892, temendo possíveis tentativas de usurpação do território nacional, o Imperador Dom Pedro II ordenou a transferência da guarnição da Colônia Militar de Dourados para *Punta Porá*. A intenção era proteger os carreteiros de erva-mate de saqueadores que atuavam na localidade.

Além da ocupação militar, o imperador brasileiro atuava no sentido de garantir a posse populacional e econômica da região e, em função disso, concedeu a Thomaz Larangeira o direito de explorar a erva-mate em terras devolutas na região fronteiriça e “o sucesso do empreendimento o levou a fundar a Companhia Matte Laranjeira, que arrendou mais de 5 milhões de hectares durante mais de 50 anos e é considerada a principal responsável pelo povoamento da região”. (SEBRAE, 2010, p. 76).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), antes da Guerra da Tríplice Aliança, a área dos futuros municípios de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero era apenas uma região deserta no interior do Paraguai, habitada por tribos indígenas

como os Nhandeva e os Kaiowá, descendentes do povo Guarani, que viviam da caça, pesca, coleta de frutos e cultivo de pequenas roças.

Figura 1 - Vista panorâmica da cidade de Ponta Porã – 1952



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Ponta Porã (MS).

O povoado de *Punta Porá* só foi elevado à condição de distrito do município de Bela Vista no ano de 1900. Depois, por meio do Decreto nº 617, de 18 de julho de 1912, conseguiu se transformar no município de Ponta Porã. O então governador de Mato Grosso, Joaquim Augusto da Costa Marques, estabeleceu como limites do novo município os rios Ivinhema, Brilhante e Santa Maria, ao norte; a fronteira com o Paraguai, ao Sul; o rio Paraná, a Leste; e os municípios de Bela Vista e Maracaju, a Oeste.

De Araújo (2017, p. 72) salienta que oficialmente a criação do povoado gêmeo de Pedro Juan Caballero (Paraguai) aconteceu quase no mesmo período, em 1º de dezembro de 1899. No local, funcionava a primeira delegacia de polícia da região. O distrito foi batizado com o nome do político paraguaio de projeção, herói nacional paraguaio, que viveu entre 1786 e 1821, e participou ativamente do processo de independência da nação paraguaia.

Ponta Porã, a exemplo dos demais núcleos populacionais brasileiros na faixa de fronteira sul-mato-grossense, tinha laços de proximidade com a capital paraguaia de Assunção, mas relações distantes da então capital brasileira, à época Rio de Janeiro e das demais cidades do Sudeste, como São Paulo, província à qual Mato Grosso era vinculada, inicialmente. A entrega de correspondências, por exemplo, acontecia por meio de Assunção, capital paraguaia.

No período pós-guerra com os paraguaios, o Correio atendia o sul de Mato Grosso através do Paraguai, sobretudo pela região de Ponta Porã e pelos demais núcleos de

população distantes da via dos grandes rios. A notícia da abolição do trabalho escravo de 1888 chegou à província por meio da casa comercial Pettis & Calzado, estabelecida em Corumbá, que recebeu um telegrama expedido aos seus correspondentes de Assunção. (CORREA, 2012, p. 57).

O recebimento de telegrama por Assunção também confirmava a integração tardia de Ponta Porã ao sistema administrativo brasileiro, pois ainda no século XIX, comunicava-se com a capital paraguaia.

Ponta Porã não tem telegrapho, nem linha de correios, não obstante ser séde o 17º Regimento Federal de Cavalaria. A correspondência entre os seus habitantes e os de Bella Vista e de outras localidades é feita pelo correio da república vizinha! A mesma falta encontrei entre Campo Grande e Três Lagoas. (CÓRREA, 2012, p. 57).

A ruptura do isolamento comunicacional e da dependência de Assunção só veio a ocorrer no início do século XX, por meio da fixação das linhas telegráficas implantadas pela equipe chefiada pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, homenageado no Brasil com o título de Patrono das Comunicações⁹.

Em 1900, o então capitão Rondon comandava a Comissão de Linhas Telegráficas do Mato Grosso e levou o telégrafo às fronteiras do Paraguai e da Bolívia, reconstruindo a linha de Cuiabá. Os trabalhos foram concluídos em 1906, num total de 16 estações e 1667 quilômetros de linhas telegráficas. O projeto consolidou a presença do Estado brasileiro naquelas fronteiras. (2013, internet).

Pedro Juan Caballero servia de ponto de parada na estrada carreteira que cortava as montanhas de Chirigüelo e bifurcava-se ao Norte e ao Sudoeste. Servia também como posto de abastecimento de mercadorias para os habitantes da região. Mesmo depois da guerra, predominava o sentimento de injustiça referente à definição da fronteira pelo Brasil, após a guerra da Tríplice Aliança.

“A derrota do Paraguai nos forçou a aceitar os limites impostos pelo tratado secreto acordado pelos aliados. Conseqüentemente, Ponta Porã, depois de concluir o trabalho da Comissão de Fronteiras em 1874, torna-se uma fronteira com o Brasil.”¹⁰ (PEDRO JUAN CABALERO, 2017, internet, tradução nossa,).

No território de Mato Grosso do Sul a relação estabelecida era de permeabilidade com as fronteiras internacionais, na faixa paraguaia era busca pela erva mate, produto natural da região e muito apreciado pelos moradores da Bacia Cisplatina. O avanço ocorria por meio de desbravadores que nem sempre tinham interesses econômicos comuns, mas divergentes e

9 Mais informações leia. KEESE, Tiago. Patrono das Comunicações. Revista online Campo e Cidade. Edição 85. Disponível em: <http://www.campoecidade.com.br/patrono-das-comunicacoes/> Acesso em: 13 jun. 2019.

10 “La derrota de Paraguay nos obligó aceptar los límites impuestos por el tratado secreto acordado por los aliados. Consecuentemente Punta Porã, luego de culminado los trabajos de la Comisión de Límites en 1874 se convierte en limítrofe con el Brasil. (PEDRO JUAN CABALERO, 2017, internet). Disponível em: <http://www.municipalidadpjc.gov.py/historia.php>. Acesso em: 25 jul. 2018.

competitivos. Desta forma, o processo de colonização ou dominação resultou em graves problemas sociais, econômicos, sanitários e de degradação ambiental. (PDIFF, 2012, p. 6).

Dois fatos históricos comuns permearam a convivência dos povoados antes mesmo das delimitações dos atuais marcos geodésicos: a Guerra do Paraguai e o extrativismo da erva-mate por ambos. A erva-mate, planta nativa, secularmente endêmica na região da fronteira Brasil/Paraguai, incrementou a atividade econômica local, abriu rotas e possibilitou a integração cultural e econômica dos países da bacia do Prata. "Uma espécie nativa que seu uso remonta aos povos indígenas que a chamam (ka'a) que constituem um elemento fundamental de sua cultura, que foi posteriormente assimilada pelos colonizadores espanhóis e portugueses."¹¹ (BUESA, ZAMBERLAN, BUSANELO, 2018, p. 318).

O apogeu da produção e comercialização da erva nativa para exportação aconteceu na década de 1966, agregada à produção dos estados sulistas.

Em 1960 foram vendidas pelo estado 11.665 toneladas, tendo novo e último pico em 1961, quando atingiram 12.773 toneladas. A exportação brasileira de erva-mate desse início de década foi considerada a maior dos últimos 30 anos, registrada com entusiasmo pelos industriais e produtores de cancheada dos diversos estados ervateiros (sobretudo Paraná e Santa Catarina, além do Mato Grosso). (FERNANDES, 2015, p. 15)

Com o decorrer do tempo, a extração da erva-mate foi perdendo importância econômica e cedeu espaço para a pecuária e a agricultura. Chegou ao ponto de a cultura ser praticamente dizimada em Ponta Porã e região.

O caso paradigmático disso é Ponta Pora, conhecida por ser A Princesinha dos Ervais. No entanto, agora é muito difícil encontrar um árvore de Ilex O caso paradigmático disso é Ponta Pora, conhecido por ser A Princesinha dos Ervais. Não, enquanto isso, agora é muito difícil encontrar uma erva Ilex Paraguayensis. [...] Este região foi uma ociação de ervas daninhas que ao longo do tempo e perdeu ou o cultivo tradicional de yerba mate em favor do gado e outras culturas não-indígenas.¹² (BUESA, ZAMBERLAN; BASANELO, 2018, p. 332).

As mudanças ambientais pelas quais passaram a fronteira Brasil/Paraguai ocorrem dentro do contexto histórico e econômico, considerando o processo de ocupação populacional.

Essa transformação do meio ambiente fronteiro, para ser compreendida, deve ser, portanto, combinada com fatores históricos contribuintes de formação social e econômica, remetendo ao contexto de penetração de assentamentos populacionais

¹¹ "Uma espécie nativa que seu uso remonta aos povos indígenas que a chamam (ka'a) constituindo um elemento fundamental de sua cultura, que foi posteriormente assimilado pelos colonizadores espanhóis e portugueses."(tradução nossa).

¹² El caso paradigmático de ello es Ponta Porã, conocida por ser A Princesinha dos Ervais. Sin embargo, actualmente ya es muy difícil encontrar un árbol de Ilex O caso paradigmático disso é Ponta Pora, conhecida por ser A Princesinha dos Ervais. No entanto, agora é muito difícil encontrar uma árvore Ilex Paraguayensis. [...] Esta região foi uma importante região de ervas daninhas que ao longo do tempo e perdeu o cultivo tradicional de yerba mate em favor do gado e outras culturas não-indígenas. (BUESA, ZAMBERLAN; BASANELO, 2018, p. 332

pioneiros pelos sertões remotos do Brasil, das suas fronteiras internas e, ainda, da construção das fronteiras nacionais em âmbito platino. (CÔRREA, 2012, p. 30)

O processo de colonização da faixa de fronteira brasileira é marcado pela influência política e favores do Estado. Exemplo patente é a formação de concessão da exploração à Erva-Mate Larangeira em detrimento da posse natural estabelecida pelos povos originários.

E é no extremo sul de Mato Grosso, constituindo uma extensa região dominada economicamente, sobretudo por uma empresa, a Companhia Mate Larangeira, habitada por inúmeros povos indígenas, além de contar desde o século XIX com um considerável número de posseiros, especialmente gaúchos, que incluía também uma grande presença de paraguaios e seus descendentes. (QUEIROZ, 2008 *apud* FERNANDES, 2015, p. 58).

A evolução histórica aqui apresentada mostra uma profunda identidade fronteiriça construída em bases econômicas e culturais, até previamente a ação dos próprios Estados. No entanto, depende da efetivação de acordos multilaterais e bilaterais que possibilitem a integração e o desenvolvimento regional, pois representam territórios com vasto potencial e condições de elevar a qualidade de vida da sua população.

1.5 A fronteira Brasil/Paraguai em Mato Grosso do Sul como espaço de integração e conflito

Na atualidade, a fronteira Brasil/Paraguai é impactada pelas transformações, sente os reflexos positivos e negativos da reorganização econômica mundiais proporcionadas pela globalização, dentre eles oligopolização privada de setores estratégicos da produção primária e de produtos semielaborados. Tem como contraste o retrocesso das relações do mundo do trabalho, o subemprego e a taxa de desocupação que são indicadores sociais que alimentam a construção de imagem negativa de território violento.

[...] menos visível ou destacada, que se refere à ampliação das desigualdades (intra e entre as sociedades) a atomização e agudização de conflitos associados à pauperização, ao desemprego estrutural, às crises econômicas, às intervenções e ao extremismo e precarização dos direitos sociais têm contribuído para o crescimento do fluxo populacional mundial. (SILVA, 2018, p. 181).

Para Corrêa e Fidelis (2012), Mato Grosso do Sul é um dos estados da Federação mais privilegiados para uma observação próxima desses fenômenos ao mesmo tempo históricos e contemporâneos, locais e globais. Os autores citam que dos quase dez por cento da totalidade da fronteira terrestre brasileira, a Bolívia e o Paraguai abocanham cerca de 386 mil quilômetros

de fronteira seca. Mencionam que a faixa de fronteira toma quase metade do território estadual, englobando 39 municípios, dos quais quase três dúzias deles localizados na linha de fronteira. Como diferencial, o estado sul-mato-grossense apresenta, juntamente com o Rio Grande do Sul, o maior número de cidades-gêmeas e em conurbação do país. (OLIVEIRA, 2005).

Fausto (1996) mostra que o atual território sul-mato-grossense foi alvo de um longo e profundo processo de expansão dos domínios portugueses sobre terras consideradas espanholas. Ao cruzar a linha demarcatória do Tratado de Tordesilhas, os exploradores luso-paulistas não se intimidavam com a distância na busca sem limites por riquezas minerais e índios para a escravidão.

A interpenetração populacional entre paraguaios e brasileiros é crescente nas últimas décadas, marcada por fluxos migratórios constantes e que promovem uma forma de integração própria, assentada em laços culturais e históricos.

[...] o principal contingente de migrantes internacionais no MS se refere aos migrantes latinoamericanos, em que se destacam os paraguaios, responsáveis por mais de 50% dos migrantes internacionais. [] Tais dados parecem evidenciar o papel da migração fronteiriça, como rota de passagem, e dos laços profundos e históricos entre as comunidades de ambos os lados da fronteira. (SILVA, 2018, p. 196)

Um dos fatores que facilitaram a integração e fluxos contínuos de migração e impactaram a região é a presença da fronteira seca, conforme apontam Floretin e Baller (2018, p. 167, tradução nossa): “[...] Os 700 quilômetros de fronteira seca ao norte entre as cidades de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã experimentaram picos de movimento de pessoas nas décadas que se seguiram à integração de rotas nas áreas de fronteira.”¹³

Silva (2018) acrescenta que o território limítrofe brasileiro, entre o Paraguai e a Bolívia, possui um baixo nível de integração estratégica, o que torna a fronteira uma área de passagem ou mobilidade para acessar outras zonas e áreas. Pondera que há predominância de limitações para o desenvolvimento sustentável e incorpora a existência efêmera ou relativa, constituindo-se mecanismo de acesso a outros locais e interesses.

A movimentação entre fronteiras também ocorre de forma dupla. O fluxo migratório ocorre ao inverso. A partir da década de 1950, imigrantes provenientes dos estados do Sul, expulsos pela nova monocultura da soja, fizeram com que trabalhadores brasileiros procurassem a faixa de fronteira e entrassem no Paraguai à procura de terras mais baratas. A

13 [...] los 700 kilometros de frontera seca ao norte entre las ciudades de Pedro Juan Caballero y Ponta Porã experimentaron picos de movimiento de personas em las décadas que siguieron a la integración rutera de las zonas fronterizas.”

busca aconteceu motivada pela liberação de aquisição de terras com preços atrativos para estrangeiros, incentivada pelo ditador paraguaio, Alfredo Stroessner (1959-1989)¹⁷.

O fluxo de imigrantes proporcionou a formação de uma nova categoria populacional, batizada de *brasiguaios*, oriundas do processo de mecanização do campo, legalização das relações e expansão da monocultura no Brasil.

[...] as estações mais razoáveis variam entre 300 a 500 mil pessoas), que foram transferidas para a fronteira leste do Paraguai na década de 1970, expelidas pela monocultura da soja e pela construção da barragem de Itaipu, e o contexto de disputas geopolíticas e que o Par Aguay, apesar de ter trazido o progresso econômico para o campo) enfrenta sérios problemas de documentação, títulos de terras e conflitos com o movimento camponês paraguaio.¹⁴ (SPRANDEL, 2006, p. 137 *apud* FLORENTIN; BALLER, 2018, p. 155)

De forma gradativa, a força econômica do agronegócio anexou novas terras para plantação de soja no Brasil e fomentou a especulação da terra, que adquiriu alto valor comercial em função da demanda internacional de grãos por meio de commodity¹⁵ agrícola.

O aumento da terra no Brasil provocou o êxodo de produtores brasileiros para o Paraguai. Esses produtores foram obrigados a avançar diante dos complexos agroindustriais localizados no Brasil associados à produção de matérias-primas voltadas para o mercado internacional. (FLORENTIN; BALLER, 2018, p. 158)¹⁶

Após o fluxo migratório de sulistas para o Paraguai, na década de 1980, aconteceu o retorno de trabalhadores rurais migrantes dos estados do Sul, boa parte paranaenses que não lograram sucesso na imigração para o país vizinho. Entre as causas que motivaram o regresso estavam a insegurança jurídica na documentação das terras provenientes da reforma agrária ou pressão do movimento organizado do campesinato paraguaio, que reclamava as terras ocupadas por brasileiros. "No entanto, nem todos vocês chamados, pejorativamente, *brasiguaios*, foram

14 [...] las estaciones mas razonables variám entre 300 a 500 mil personas), que se transfirieron a la frontera este del Paraguay en la década de 1970, expulsados por el monocultivo de la soja y por construcción de la represa de Itaipu, e el contexto de disputas geopolíticas y que el Paraguay, apesar de haber llevado el progreso económico al campo) enfrentan serios problemas de documentación, titulación de tierras y conflictos con el movimiento campesino paraguayoy.”

15 O termo commodity vem da língua inglesa e sua tradução literal para o português é mercadoria. Entretanto, quando se trata de comércio internacional – que é basicamente a troca de bens e serviços entre diferentes países – , o termo abrange todos os produtos que são ofertados no mercado sem qualquer tipo de diferenciação significativa. Ou seja, uma commodity que está sendo negociada no mercado europeu não será diferente do mesmo tipo de commodity que está sendo negociada no mercado sul-americano, já que a localização na qual ela é produzida não afetará de forma significativa o resultado final do produto por possuírem características semelhantes.

16 El encarecimiento de las tierras en el Brasil desató el éxodo de productores brasileiros hacia em Paraguay. Estos productores se vieron obligados a mudar-se ante el avance de los complexos agroindustriales localizado en el Brasil asociados a la producción de materias primas dirigidas al mercado internacional.

bem-sucedidos na terra paraguaio. Assim, houve retornos significativos em 1984 e 1985 que deram origem ao apelido de brasiguaios”. (FLORENTIN; BALLER, 2018, p. 156)¹⁷

Além da questão agrária, a fronteira apresenta problemas comuns como a exploração das reservas do Aquífero Guarani, pauta bilateral colocada principalmente pelos movimentos sociais, em razão das ameaças de desertificação do solo e contaminação do lenço freático por venenos utilizados na agricultura de grande escala. Enfim, são diversos os temas multilaterais pendentes que precisam ser dirimidos, em consequência da debilidade do governo paraguaio na faixa de fronteira.

Assim, a lista renovada de encostas na área fronteiriça inclui: a) repensar a equema de contato intercultural entre populações e origem brasileira e paraguaia em vez de buscar referências comuns no campo educacional e cultural; (b) a extensão da fronteira agrícola por atores de origem brasileira em populações desprotegidas, o caso específico dos povos originários das populações camponesas chaco ou paraguaias na região leste; (c) ameaças aos recursos naturais madeira espectro animais ou recursos preciosos com água; e d) atividades criminosas transfronteiriças afetadas por ambas as populações”.¹⁸ (FERREIRA, 2010, *apud* FLORENTIN; BALLER, 2018, p. 172, tradução nossa).

Boa parte destes trabalhadores rurais brasileiros que retornaram para o Brasil no fim da década de 1970 e início da década de 1980 se organizou em torno de acampamentos ligados ao Movimento Sem-terra (MST), no Sudoeste e sul de Mato Grosso do Sul. No retorno, pressionava os governos do período da redemocratização do Brasil: José Sarney (1985 – 1990), Collor de Mello (1985 – 1990), Itamar Franco (1992 – 1994) e Fernando Henrique Cardoso (1994 – 2003) para resolução do problema agrário e social. Em decorrência das mobilizações e ocupações de terra foram obrigados a implementar, por pressão social, planos tímidos de reforma agrária para

17 Sin embargos, no todos os los denominados, peyorativamente, brasiguaios, fueron exitosos en territorio paraguaio. Así hubo retornos significativos en 1984 y 1985 que dieron origen al mote de brasiguaiyos.”)

18) Así, el renovado listado de asuntos pendientes en zona de frontera incluye: a) replantear el equema de contato intercultural entre poblaciones e origen brasileiro y paraguayano em lugar de buscar referencias comunes em el ámbito educativo y cultural; b) la extensión de la frontera agrícola por parte de actores de origen brasileiro sobre poblaciones desprotegidas, caso concreto de los pueblos originários del chaco o poblaciones campesinas paraguayas en la región oriental; c) las amenazas a los recursos naturales maderas especis animales o recursos preciosos com el agua; y d) las actividades criminales transfronterizas que afectan ambas poblaciones

amenizar os conflitos advindos de ocupações de propriedades particulares consideradas como improdutivas.

Na época, os movimentos agrários de Mato Grosso do Sul se organizaram em torno dos sindicatos filiados à Federação dos Trabalhadores em Agricultura do Estado de Mato Grosso do Sul (Fetagri) e ao MST.

No período, o fluxo populacional migratório na fronteira Brasil/Paraguai, de certa forma, expressava a instabilidade econômica e política de ambos os países, impactando os seus municípios e distritos.

Em paralelo foram se formatando acordos multilaterais na busca da formação do Mercado Comum do Sul (Mercosul)¹⁹, que garantiam, ainda que de forma parcial, tratativas jurídicas que começaram ser efetivadas no sentido da integração comercial, ações conjuntas de segurança, planos para a superação do atraso econômico com fomentos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bird), a incorporação e fortalecimento da agricultura familiar, incentivos à produção em escala do agronegócio. Mesmo assim, os territórios dessa faixa de fronteira ainda são frágeis.

Com relação à economia e ao comércio local, percebe-se que o espaço fronteiriço é frágil. Em decorrência de as cidades que compõem o recorte geográfico para fins de pesquisas estarem situadas nas margens do território nacional e serem afetadas pelas oscilações da moeda e do câmbio. (MÜLLER, 2015, p. 121)

Neste contexto, além de alternativas de estímulo ao desenvolvimento econômico, faz-se necessária a efetivação de políticas de integração que elevem os indicadores sociais e econômicos dos países vizinhos de fronteira seca.

As principais iniciativas voltadas às condições de cidadania são: apoio às instituições de defesa dos direitos humanos, valorização e divulgação da cultura local, integração das ações de saúde e promoção de ensino bilíngue, incentivo às discussões referentes à cidadania nos comitês fronteiriços, apoio à elaboração de documentação do cidadão, viabilizar ambiente favorável, em curto prazo, equacionando os conflitos indígenas e fundiários existentes que desestimulam os investimentos privados na região, especialmente nos municípios mais próximos à fronteira com Paraguai e Bolívia. (PDIFF, 2012, p. 11)

Dentro da mesma interpretação, o Programa de Desenvolvimento de Faixa de Fronteira do Governo Federal fez uma análise criteriosa da região de fronteira. Concluiu que um dos

¹⁹ Mercosul é a abreviação de Mercado Comum do Sul, um bloco econômico sul-americano formado oficialmente pelo Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. O principal objetivo do bloco é garantir a construção de uma consolidação econômica, política e social entre os países-membros, colaborando para o aumento da qualidade de vida dos cidadãos que habitam os Estados que constituem o bloco.

motivos da expansão do narcotráfico, descaminhos e violência ocorre da falta de integração e ausência de políticas sociais:

[...] demonstra que as ameaças ao Estado residem, isto sim, no progressivo esgarçamento do tecido social, na miséria que condena importantes segmentos da população ao não exercício de uma cidadania plena, no desafio cotidiano perpetrado pelo crime organizado e na falta de integração com os países vizinhos. Estas são as principais ameaças presentes na Faixa de Fronteira, que colocam o desenvolvimento regional como estratégia prioritária para a soberania brasileira e a integração continental. (BRASIL, 2005, p. 6)

O aumento da violência associado às facilidades de proliferação do narcotráfico e dos descaminhos, segundo alguns autores, decorrerou em parte das ações efetivas de integração com o Paraguai, adotadas a partir do governo de Juscelino Kubitschek, em 1958, e na Ditadura Militar dos países, que resultaram na construção de obras de infraestrutura logística que permitiam acesso ao oceano Atlântico.

O primeiro grande projeto de infraestrutura realizado pelo governo brasileiro foi a construção da Ponte da Amizade, que uniu a então cidade paraguaia de Puerto Presidente Stroessner, hoje Ciudad del Este, com Foz de Iguazu, no Paraná. Outro marco foi o asfalto da rota BR-277, inaugurada em março de 1996, que ligava Foz [do Iguazu] com Paranaguá, também no Paraná, porto livre disponível ao governo paraguaio para levar a produção até o [oceano] Atlântico.”²⁰ (FLORETIN; BALLER, 2018, p. 166, tradução nossa)

A saída para o Atlântico era historicamente reivindicada pelos governos paraguaios de outrora. É apontada por alguns historiadores e geógrafos como causa dos conflitos diplomáticos que levaram à Guerra do Paraguai. As intervenções coincidiram com períodos ditatoriais em ambos os países, pois se possibilitou o escoamento da produção agrícola paraguaia, o que permitiu novas rotas para a contravenção. "A mesma estrutura logística que serviu para integrar os modelos de produção do Paraguai e do Brasil serviu para abrir as portas ao crime organizado de transfronteiriço." ²¹ (FLORETIN; BALLER, 2018, p. 167, tradução nossa)

Os autores apontam como causa do fortalecimento do contrabando o enfraquecimento de acordos bilaterais em torno do Mercosul, mesmo com a integração da malha de infraestrutura. "A ascensão das redes transfronteirizadas e o fraco atuação dos governos no combate às trocas ilícitas vieram porque causa do enfraquecimento bilateral" (RODER

20 La primera gran obra de infraestructura realizada por el gobierno brasilero fue la construcción del Puene da Amistad que unio la entonces ciudad de Puerto Presidente Stroessner, hoy Ciudad del Este, com Foz de Iguazú. Otro hito fue el asfaltamiento de la ruta BR-277, inaugurada em marzo de 1996, que unía Foz com Paranaguá, puerto franco a disposición del gobierno paraguayo para sacar producción al Atlántico.)

21 “La misma estructura logística que sirvió para integrar los modelos productivos del Paraguay y de Brasil sirvió para abrir las puertas al crimen transfonteiriço organizado.”

FIGUEIRA, 2010, p. 66, tradução nossa)²². Floretin e Baller (2018) acrescentam: "Sem a impedimento, a integração logística possibilitou um amplo movimento de pessoas, bens e redes transnacionais que precederam a criação do Mercosul, em 1991". (FLORENTIN; BALLER, 2018, p. 169, tradução nossa)²³

A infraestrutura existente possibilitou o fluxo migratório dos moradores da faixa de fronteira. As tratativas diplomáticas, no entanto, não conseguiram dirimir a herança simbólica da fronteira como espaço da violência, construção que foi se fortalecendo ao longo do processo histórico destes territórios.

[...] à compreensão do processo migratório que movimentou por longo tempo a linha divisória Brasil-Paraguai, sobretudo no que diz respeito aos assentamentos paraguaios em território brasileiro sul-matogrossense após a guerra de 1864-1870, e nas características marcantes que essa fronteira adquiriu ao longo do tempo como território de violência e da contravenção como estratégias de sobrevivência de sua gente. (CÔRREA, 2012, p. 11)

Esse ciclo começou nas disputas coloniais pelo domínio territorial, fortaleceu-se na Guerra Cisplatina e se sedimentou na exploração da erva-mate em ambos os lados da fronteira. A prática explorativa no mundo do trabalho é narrada pelo jornal "La Prensa", de Buenos Aires, em 1914, sob o título "Os escravos brancos".²⁴ Pelo relato, os trabalhadores eram atraídos pela propaganda promovida pela imprensa dos dois países, ambos, no entanto, não respeitavam nenhuma noção de liberdade individual. Os extrativistas eram obrigados a se embrenhar nos bosques submetidos a todas as formas de contratemplos naturais e de relações de trabalho. O trabalho nos ervais se desenvolvia no deserto, no isolamento, contra as dificuldades da natureza, sozinho nas enfermidades, sem amigos ou familiares próximos:

"[...] quem aceita a miséria aceita esse modo de vida - ou de morrer, se quisermos falar em pureza de começar abandonando os pais, a esposa e os dois filhos / ... No Paraguai, eles são conhecidas essas crueldades, essa escravidão de homens brancos, particularmente explorados na imensa área ervateira de Matto-Grosso, e também são conhecidas em nossos territórios do norte e na província de Corrientes./... O homem que sai não volta, se houver volta, você pode dizer que operou um milagre e que o venderá doente, inutilizável para o trabalho, enfeitiçado pela solidão e pelo álcool." (CÔRREA, 2012, p. 271, tradução nossa).

A mesma forma de relação de trabalho é narrada pelo jornal "La Democracia", de Assunción, no ano de 1897. De acordo com a reportagem, os trabalhadores paraguaios eram

22 "El auge das las redes transfronterizas y el escaso éxito de los gobiernos en el combate a los intercambios ilícitos se produjo porque se debilitó la fiscalización biliberal."

23 "Sin embargo, la integración logística hizo posible um amplio movimiento de personas, bienes y redes transnacionales que antecedió la cración del Mercosur, em 1991."

24 "Los esclavos blancos"

recrutados na Vila de Concepción, submetidos a relações de trabalho desumanas. Já vigorava na época a sonegação fiscal e descumprimentos contratuais. No relato descritivo, a Erva-Matte Larangeira obtinha lucro no território brasileiro, mas contratava mão de obra de peões paraguaios do Juiz de Paz da então vila Concepción, que eram obrigados judicialmente a cumprir o contrato de trabalho com os patrões brasileiros.

Es esto un lio judicial, vergonzoso y detestable./...Hé, pues, ahí três circuntacias que favorecen a la Mate: No paga derecho do exlingaje./ Tampoco paga derecho de tránsito, de peage ni de ponazgo./ 3ª Contrata em Villa Concepcion peones-esclavos para yerbales brasileiros./ Con tales ventajas claro que a La Matte podia hacer em la plaz de buenosAires la rebaja que hizo, em dano de los ingeteses da La industrial [empresa industrial paraguaia]. (CORREA, 2012, p. 271).

Além da submissão às relações de trabalho similar à escravidão com a empresa Erva-Mate Larangeira, as relações de conflito e exploração persistiam na fronteira brasileira, mesmo depois da Guerra da Tríplice Aliança. O então “*Jornal da Pátria*”, de Corumbá, do ano de 1889, já apontava a existência de práticas de violência, contrabando e descaminhos por parte de moradores paraguaios. A reportagem selecionada por Lúcia Corrêa (2012) apresentava o que se considerava comportamento vandálico dos paraguaios, mesmo diante da chamada “generosidade” dos habitantes de Corumbá, pois alimentavam dissenções políticas e promoviam as invasões armadas na fronteira.

Então miravam o livre saque que lhes era prometido pelos caudilhos que os tinham a serviço dos seus apaixonados intentos; agora é o interesse do contrabando com prejuízos das rendas estaduaes que os alimenta, fazendo-os commetter actos violentos, criminosos e vandálicos contra os nossos compatriotas alguns dos quaes em exercícos de funções pública.” (CORRÊA, 2012, p. 267).

A historiadora menciona que a construção conceitual da fronteira como corredor migratório, de fluxo de pessoas e mercadorias, marcada por conflitos, contribuiu para a construção da imagem da fronteira como espaço violento e de contravenções, até mesmo em função da luta pela sobrevivência.

[...] À compreensão do processo migratório que movimentou por longo tempo a linha divisória Brasil-Paraguai, sobretudo nos diz respeito aos assentamentos paraguaios em território sul-mato-grossense após a guerra de 1864-1870 e nas características marcantes que essa fronteira adquiriu ao longo do tempo como território de violência e da contravenção como estratégias de sobrevivência de sua gente. (CORRÊA, 2012, p. 11).

A presença do conflito em função de guerras pelo domínio territorial, servidão e exploração no mundo no trabalho, atividades ilícitas, contribuiu na construção estereotipada da fronteira como espaço de violência e da contravenção.

Os conflitos eram alimentados pela indefinição da linha de fronteira geográfica real e legal. Havia a disputa pelo domínio de povoados, como a Guerra Cisplatina, na qual o Brasil incorporou gradualmente as áreas territoriais paraguaias. O movimento gerou reações do povo paraguaio. Os resquícios estão presentes na atualidade, manifestados pela disputa pelo controle territorial das zonas rurais paraguaias.

Em Bela Vista, os camponeses paraguaios que resistiram aos novos contornos demarcatórios eram alvo de críticas por fazendeiros e autoridades brasileiras. Na visão dos brasileiros, os povoados existentes na fronteira desvalorizam as propriedades em razão dos pequenos roçados. Consideravam os vizinhos do povoado paraguaio viciados e voltados à pequena agricultura familiar.

Nunca-te-vi, é composto quasi sua totalidade, de paraguayos indolentes, e viciosos, que apenas se limitão a plantação das pequenas lavouras, para a manutenção; e traze quasi sempre, dificuldade para as autoridades policiaes, pos é alli, onde neste município, mais de desenvolvem as sérias de crimes. (CÓRREA, 2012, p. 270).

Para Gustavo Costa (2013, p. 144), “os conflitos que emergem nessas regiões de fronteira muitas vezes revelam processos de exclusão e de construção de “estigmas sociais, reforçados pela visão estereotipada da fronteira como área de tráfico de drogas e de armas, de contrabando e falsificação de produtos”.

A fronteira de Mato Grosso apresentava, já na origem constitutiva, a prática da contravenção. Remontava ao período colonial. A prática inclusive era estimulada pelos governos português e espanhol, já no século XVIII, por meio da troca de peles por metais e mercadorias europeias.

O contrabando com as regiões platinas interessava aos portugueses, que o praticavam abertamente. Não obstante, a recíproca também era válida, porque os súditos da Espanha introduziam contrabando nas regiões limítrofes, como o é o caso de Mato Grosso. (ARRUDA, 1997 *apud* CORRÊA, 2012, p. 71 e 72).

No contexto fronteiriço, a violência também pode ser encarada como forma de resistência às tentativas de controle social e político, hora exercido pelo Estado, hora pelo poder econômico. O sistema jurídico padronizado, homogeneizado, sem o devido respeito às peculiaridades, às diferenças regionais e a multiculturalidade desrespeita as diferenças

presentes, como por exemplo o ato de tentar dividir o povo Guarani culturalmente em países diferentes, coabitando no mesmo espaço territorial.

Barreiros (1974) considera que as relações de violência nem sempre implicam na utilização da força com meio determinante, seu emprego acontece para manter ou modificar o *status quo*. A partir daí, pode evoluir e ganhar conotação política.

O modelo socioeconômico também gera processos de exclusão violentos presentes na sociedade, com reflexo direto no sistema fronteiriço de segurança e justiça, mesmo questionado por segmentos da sociedade civil.

A configuração desse modelo socioeconômico na região não ocorre de modo harmônico, mas é marcada por conflitos sociais e processos de exclusão que não raramente incidem sobre os sistemas de justiça e segurança pública. Movimentos sociais que questionam o modelo vigente e reivindicam a execução de políticas. (FAISTING e CARBONARI, 2016, p. 33 e 34).

Assim, a violência social se faz presente em plena era globalizada. Contraditoriamente, convive com o avanço civilizatório marcado pela promoção e centralidade das políticas de direitos humanos, justiça social, incorporação de acordos e tratativas nas áreas por parte das instituições do Estado.

[...] profundas transformações que incidem sobre sua inserção nos mercados globalizados, sobre suas políticas de controle da inflação e de estabilização monetária, sobre a expansão dos gastos públicos, sobre a estabilidade das instituições e práticas democráticas, além de – tímidos é certo – ganhos na redução das desigualdades sociais, o controle democrático da violência permanece como um dos mais graves desafios às políticas governamentais (ADORNO, 2010 *apud* FAISTING, p. 2).

Para além da violência, a fronteira funciona como espaço de formação de identidades manifestadas na rotina, na convivência mútua, precisa, portanto, ser entendida como tal, estudada e compreendida.

Ao trabalhar numa perspectiva de reconhecimento das identidades culturais e sociais que permeiam a realidade dos países separados por uma faixa geográfica, mas tão próxima pela rotina e experiências de sua população, mostra-se o espaço de fronteiras nacionais como lugar que merecesse ser observado com atenção e seus agentes serem vistos como sujeitos que vivem uma realidade distinta, na qual o respeito e a consideração estão presentes nas ações, gastos, nas práticas socioculturais cotidianas e que, embora ocorram momentos de tensão, como em qualquer outra comunidade, o destaque fica para as relações que estimulam a fraternidade entre os vizinhos, sinalizando para uma convivência harmônica irmãos/hermanos. (MÜLLER, 2015, p. 135).

Como afirmam Buesa, Zamberlan e Busanelo (2017, p. 318), sobre a divisa Brasil/Paraguai, há uma fronteira entre os dois países que passa totalmente despercebida.

Contém grande potencial cultural e econômico, mas que carece de políticas públicas, ações de integração mais efetivas, acordos laterais e multilaterais de integração efetiva.

A conotação construída sobre a fronteira, no entendimento de Daniela Ota (2015), reforça a imagem da fronteira violenta, “terra de ninguém”, “lugar ermo”. Ou “terra onde vigora a lei do 44”, conforme expressava o advogado e ex-deputado federal João Leite Schimidt, liderança política pedetista histórica em Mato Grosso do Sul e Mato Grosso em referência à violência nos dois estados.

Para reverter a imagem estereotipada da fronteira cabe a ambos os países adotarem medidas que consolidem a integração feita no cotidiano fronteiriço a partir da necessidade subsistência local, diante de uma globalização e a integração comunicativa que derrubam barreiras e transformam o local no global e o global no local.

CAPÍTULO 2

2.1 O fenômeno da violência no meio profissional do jornalista

Assim, a inclusão de casos de violência contra profissionais de imprensa em países como o México, Honduras e o próprio Brasil tem como propósito apresentar o contexto da violência praticada nos países da América Latina.

O Estado mexicano foi uns dos primeiros no continente latino instituir programa de proteção exclusivamente para jornalistas, em razão do alto número de casos ocorridos nas últimas décadas.

Dados divulgados no relatório da ONG “Campanha Emblema de Imprensa” (PEC), em julho de 2019, apresentam o México e o Afeganistão como os países em que mais jornalistas foram assassinados em 2018. Os dois se mantiveram como os países mais perigosos para o exercício desta profissão na primeira metade deste ano.

Os levantamentos estão apoiados em ampla documentação de instituições governamentais e não governamentais preocupadas com fenômeno. As mortes estão diretamente associadas ao narcotráfico ou envolvendo o *staff* político. Os métodos de repressão e intimidação têm semelhanças com os do Brasil.

Matéria divulgada no portal G1, em 04 de julho de 2019 produzida pela Agência EFE²⁵ destaca que nove jornalistas foram assassinados no mesmo ano no México, contra seis, no Afeganistão. E acrescenta: “[...] esses dois países concentram quase um terço dos 38 jornalistas assassinados no mundo na primeira metade deste ano, número que, no entanto, representa uma queda de 42% com relação ao do mesmo período do ano anterior, de acordo com a PEC”. (2019, Internet).

Segundo a organização, [...] as principais razões que fazem com que estes dois países sigam como os mais perigosos para exercer a profissão têm a ver com os grupos terroristas no Afeganistão e os grupos criminosos no México. [...]. O Paquistão também apareceu no

25 A agência nacional da Espanha nasceu, sob o nome e a forma atual, no final da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), que devastou e dividiu o país entre os republicanos de esquerda e os falangistas (fascistas) de Francisco Franco, o caudilho que derrubou a república e governou até morrer, em 1975. Organizada pelos vencedores com a fusão de três agências privadas preexistentes (a Fabra, a Faro e a Febus), a nova agência foi batizada com o nome da letra inicial de suas antecessoras – ou, dizem as más línguas, as iniciais do ditador. Hoje, a EFE é uma empresa estatal, porém com bastante autonomia administrativa e financeira, e, com fortes investimentos de expansão na América Latina, pretende ser a principal fonte de informação no mundo hispânico.

levantamento, com quatro vítimas mortais. Ocupou o terceiro lugar em assassinatos de jornalistas, seguido de Brasil e Colômbia, com dois em cada país. (on-line)

Na mesma linha, o relatório da Campanha Emblema da Imprensa (PEC)²⁶ menciona que a ‘América Latina foi a região com mais assassinatos de repórteres, totalizando 15 casos (os mencionados no México, Colômbia e Brasil, além de um em Honduras e outro no Haiti).’ O Brasil aparece em quarto lugar no levantamento²⁷.

A prática de violência contra jornalistas nos países da América Latina, particularmente em Honduras, levou à seguinte conclusão pela entidade não governamental: “[...] essa violência torna vulnerável o exercício profissional e estimula as práticas de autocensura”. A época, Honduras se convertera “em um dos países mais arriscados para o exercício do jornalismo” devido à instabilidade política que predominava.

Desta forma, a conclusão apresentada no relatório responde, em parte, questão formulada inicialmente na pesquisa sobre presença de processos de censura e autocensura entre profissionais de imprensa do *Jornal Regional de Ponta Porã*, comprovada por meio de análise da rotina produtiva do diário, a Entrevista de Profundidade e a Análise de Conteúdo das amostras coletadas.

Os levantamentos sobre a situação do México apresentam números expressivos considerando que está voltado para um segmento ou categoria social, a partir do ano de 2010:

Os dados coletados pela Comissão Nacional de Direitos Humanos projetam a imagem catastrófica da situação dos jornalistas no México. Desde 2010, 73 jornalistas foram mortos, 12 jornalistas desapareceram à força e houve 44 tentativas assassinato. Em 2006, a Comissão Nacional de Direitos Humanos registrou 52 ataques à mídia. Em 2017 registrados pelo menos 12 homicídios de jornalistas.²⁸ (CIDH, 2018, p. 7).

De acordo com a CIDH, no México há também o complexo trabalho de coberturas dos jornalistas em período eleitoral, o que também caracteriza um desafio dentro e fora do Brasil.

26 Campanha emblema da imprensa (PEC) é uma organização não governamental (ONG) com estatuto consultivo especial da ONU. A PEC, fundada em junho de 2004 por um grupo de jornalistas de vários países, com sede em Genebra, é uma organização internacional independente sem fins lucrativos e não-governamental. Visa reforçar a proteção jurídica e a segurança dos jornalistas em zonas de conflito e agitação civil ou em missões perigosas. Disponível em: <https://pressemblem.ch/contact-links.shtml>. Acessado em 25 de julho de 2018.

27 Mais informações leia. JORNAL DE BRASÍLIA. Brasil é o quarto país mais perigoso para jornalistas. Disponível em <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/brasil-e-o-quarto-pais-mais-perigoso-para-jornalistas/>. Jornal de Brasília. Acessado em 28 de jun. de 2019

28 Los datos reunidos por la Comisión Nacional de los Derechos Humanos ofrecen un panorama catastrófico de la situación de los periodistas en México: desde 2010, 73 periodistas han sido asesinados, 12 periodistas han sufrido desaparición forzada y hubo 44 intentos de asesinato. Desde 2006, la Comisión Nacional de los Derechos Humanos

"Como resultado desse papel, os jornalistas agem em meio a interesses conflitantes e podem se tornar alvo de ameaças e agressão física por atores políticos e não estatais."²⁹ (CIDH, 2018, p. 8).

No relatório de 2014, o organismo apresentou as causas que levaram à prática de violência contra jornalistas, na época referente a Honduras, mas que se assemelham aos demais países da América Latina.

Em alguns casos, esse tipo de violência continua sendo exercido por atores estatais, especialmente no contexto de operações de segurança pública e manifestações públicas ou de casos envolvendo denúncias sobre corrupções e irregularidades cometidas por autoridades estatais e locais. [...] “nos anos recentes, ocorreu um aumento no número e no tamanho das organizações do crime organizado, como carteis de narcotráfico e outros grupos, que são na atualidade uma das principais ameaças à vida e à integridade dos jornalistas.” (CIDH, 2013, p. 16).

Comparativamente com o Brasil, o relatório confirma a indagação inicial da pesquisa sobre quem lidera as execuções de jornalistas, cujo as implicações e resultados serão abordados em tópicos posteriores, por meio da análise do sistema produtivo do Jornal Regional de Ponta Porã e do questionário de Entrevista por Produtividade com profissionais que atuam na localidade e no decorrer do capítulo III a partir da análise de conteúdo .

A Relatoria Especial CIDH apontou que, entre 1995 e 2005, foram assassinados 157 jornalistas, funcionários e funcionárias de meios de comunicação, em 19 Estados-membros da Organização dos Estados Americanos (OEA), por razões possivelmente relacionadas ao exercício do jornalismo. (CIDH, 2014, p. 20).

Dentre os países latinoamericanos com maior número de registros, por exemplo, destaca-se o México. Conforme a relatoria de 2013 a “na década recente, o Estado do México informou

ha registrado 52 ataques contra medios de comunicación. En 2017, se registraron al menos 12 homicidios de periodistas. (CIDH, 2018, p. 7)

²⁹ “Como consecuencia de esta función, los periodistas actúan em medio de intereses contrapuestos y es posible que se conviertan en blanco de amenazas y agresiones físicas tanto por parte de actores políticos como de actores no estatales.” (CIDH, 2018, p. 8)

preocupantes estatísticas sobre violência contra jornalistas. Entre 2006 e 2013, foram assassinados 55 jornalistas no país.” (OEA; CIDH, 2014 p. 11).

Como contextualiza o relatório, acrescentando outras formas de violência: "Ameaças físicas e intimidação são as formas mais difundida de ataques a jornalistas. Agressões físicas e sequestros também são comuns.”³⁰ (CIDH, 2018, p. 6).

Sobre medidas do Estado mexicano de prevenção à prática, o documento pondera ainda que “os jornalistas mexicanos que requerem o serviço de proteção integral alegam que a extensão na medida não atinge os seus familiares. No relato, diversos jornalistas que têm medidas de proteção informou os Relatores Especiais de que tais medidas são muitas vezes inadequadas e não respondem plenamente à situação das suas famílias.”³¹ (CIDH, 2018, p. 7).

Predomina ainda a descrença nos organismos de segurança. Boa parte da categoria não confia no processo investigativo das autoridades locais. Como salienta o relatório especial: “[...] numerosos jornalistas expressaram profunda desconfiança das autoridades locais encarregadas das investigações, que em muitos casos se acredita ter agido em conluio com organizações do crime organizado”³² (CIDH, 2018, p. 13).

A proliferação da violência praticada contra jornalistas no México levou a CIDH a se reunir com mais de 250 profissionais e representantes da sociedade civil e 21 entidades federativas para tratar da questão. Como resultado das conferências, foi publicado o *Informe Especial sobre la Situación de la Libertad de Expresión en México*. As conclusões do relatório apresentam contexto preocupante.

O México está passando por uma profunda crise de segurança que afeta gravemente os direitos humanos de seu povo. Um dos aspectos centrais da crise é o enfraquecimento do Estado de direito e da governação local que se espalhou no país, que facilita e, ao mesmo tempo, é exacerbado por assassinatos, desaparecimentos e tortura. [...] Jornalistas. Trata-se de violência que busca reprimir o debate público e a participação cívica, que é um ataque geral à essência da vida democrática no México a nível local, estadual e nacional.³³ (CIDH, 2018, p. 3 e 4).

30 . "as amenazas físicas y la intimidación constituyen la forma más extendida de ataques contra periodistas. También son comunes las agresiones físicas y los secuestro.”

31 " el informe, varios periodistas que tienen medidas de protección informaron a los Relatores Especiales de que esas medidas son a menudo inadecuadas y no responden plenamente a la situación de sus familias.”

32 “[...] numerosos periodistas expresaron una profunda desconfianza ante las autoridades locales a cargo de las investigaciones, que en muchos casos se cree que han actuado en connivencia con organizaciones de delincuencia organizada.”

33 México atraviesa una profunda crisis de seguridad que afecta gravemente los derechos humanos de su población. Uno de los aspectos centrales de la crisis es el debilitamiento del Estado de derecho y la gobernabilidad a nivel local que se ha extendido en el país, que facilita y, al mismo tiempo, se ve exacerbada por homicidios, desapariciones y torturas. [...] los periodistas. Se trata de violencia que busca sofocar el debate público y la

No México, como menciona o relatório da CIDH (2018), há ainda outros meios de sedução do profissional da imprensa como forma de tentar silenciá-lo, desestimular o trabalho investigativo por meio de cooptação ou optar por fazer oposição ao poder estabelecido.

Além do uso da violência em todas as suas formas, atores criminosos e autoridades públicas procuram cooptar jornalistas para seus próprios propósitos e coagi-los a divulgar informações que favorecem organizações criminosas ou prejudicam seus oponentes.³⁴ (CIDH, 2018, p. 4).

Nem mesmo a criação da Lei para Proteção de Pessoas Defensoras de Direitos Humanos e Jornalistas permitiu ao Estado mexicano cumprir a responsabilidade fundamental de proteger, promover e garantir os direitos humanos. Todavia, a medida passou a ser um instrumento de defesa de centenas de profissionais que recorreram à nova lei como forma de se proteger.

Em 8 de novembro de 2013, o Estado enviou informações atualizadas sobre o mecanismo de proteção nacional. Informou que foram recebidos 105 pedidos de proteção, dos quais 40 provinham de jornalistas. Em nove dos 105 casos, determinou a não incorporação da pessoa solicitante ao mecanismo. (CIDH, 2013, p. 86). Para confirmar a demanda destaca que [...] “desde a sua criação, o Mecanismo tem dado proteção a pelo menos 310 jornalistas de um total de 370 que o solicitaram”.³⁵ (CIDH, 2013, p. 10).

O relatório da CIDH indica como causa da prática da violência o contexto de transição de um período de tradição cultural autoritária de governantes para o regime mais democrático, com sinais de mais liberdade de expressão. No entanto, ainda marcado por atitudes de perseguição a jornalistas mais críticos.

[...] contexto implica uma transição histórica de práticas governamentais autoritárias do passado para o pluralismo político emergente e reivindicações de padrões democráticos. Esta transição não eliminou as práticas problemáticas e intimidadoras do passado, tais como as expectativas de cobertura adequada na publicidade oficial, a demissão de jornalistas críticos pela mídia quando as autoridades e a falta de pluralismo na propriedade e nos critérios editoriais do sistema de mídia. ³⁶ (CIDH, 2018, p. 4).

participación cívica, que constituye un ataque general a la esencia de la vida democrática en México a nivel local, estatal y nacional.

34 Además del uso de la violencia en todas sus formas, actores delictivos y autoridades públicas intentan cooptar a periodistas para sus propios fines y coaccionarlos para que difundan información que favorezca a las organizaciones delictivas o perjudique a sus opositores.

35 [...] Desde su creación, el Mecanismo ha brindado protección al menos a 310 periodistas, de un total de 370 que la solicitaron.

36 [...] contexto implica una transición histórica desde las prácticas gubernamentales autoritarias del pasado hacia un pluralismo político emergente y los reclamos de estándares democráticos. Esa transición no ha eliminado las prácticas problemáticas e intimidatorias del pasado, como las expectativas de una adecuada cobertura en la

A exemplo do que acontece no Brasil, os jornalistas mexicanos também são submetidos a formas de difamação por parte de funcionários públicos por causa da postura política e editorial assumida publicamente. Nesse sentido, o relatório aponta as supostas vítimas que recorrem a indenizações milionárias como reparação de danos arbitradas judicialmente em função de matérias publicadas. Vários processos não têm fundamentação. Há ainda a criação de obstáculos de estruturais governamentais do judiciário que impedem os profissionais de obter reparação. A prática revitimiza profissionais, alvo de ataques e intimidação.

Ataques digitais contra jornalistas e suas fontes, assédio através das mídias sociais e vigilância secreta sem supervisão estão entre os desafios mais recentes e alarmantes. Por sua vez, os obstáculos estruturais nas instituições judiciais e governamentais muitas vezes impedem os jornalistas de obter reparação, o que poderia levar à revitimização de jornalistas que são alvo de ataques ou intimidação.³⁷ (CIDH, 2018, p. 6).

A situação para o jornalista mexicano também se agrava diante da falta de regulamentação estabelecendo limites e formas de reparações de danos fora da realidade econômica dos profissionais em supostos casos de acusações infundadas. Apesar da extinção do princípio da difamação na Constituição de 1987 mexicana ainda persistem outras formas “legais” para intimidar e penalizar os profissionais de imprensa. "Os Relatores Especiais saudaram a abolição da difamação criminal a nível federal em 2007. No entanto, a difamação ainda existe em nível estadual em entidades federais, enquanto outras cinco mantêm outros tipos de crimes contra a honra em seus códigos criminais."³⁸ (CIDH, 2018, p. 5).

Essa forma de ação intimidatória compromete o trabalho do profissional de imprensa mexicano. "A falta de regulamentação sobre o uso de alegações infundadas poderia dissuadir

publicidad oficial, el despido de periodistas de postura crítica por parte de medios de comunicación cuando las autoridades lo exigen y la falta de pluralismo en la titularidad y el criterio editorial del sistema de medios.

37 Los ataques digitales contra los periodistas y sus fuentes, el hostigamiento a través de medios sociales y la vigilancia secreta no supervisada están entre los desafíos más recientes y alarmantes. A su vez, los obstáculos estructurales en las instituciones judiciales y gubernamentales a menudo impiden que los periodistas obtengan resarcimiento, lo cual podría provocar la revictimización de los periodistas que son blanco de ataques o actos de intimidación. (CIDH, 2018, p. 6)

38 “Los Relatores Especiales consideraron positiva la abolición de la difamación penal a nivel federal en 2007. No obstante, la difamación sigue existiendo a nivel estatal en entidades federativas, mientras que otras cinco mantienen otros tipos de delitos contra el honor en sus códigos penales.”

os jornalistas de realizar um trabalho jornalístico rigoroso no interesse público.”³⁹ (CIDH, 2018, p. 6)

As formas de repressão ao exercício profissional não ficam limitadas à reparação de danos com valores abusivos e más condições de trabalho. Há também a organização de campanhas de difamação de jornalistas e fontes pelas redes sociais, situação semelhante que acontece com jornalistas brasileiros, com maior incidência após as jornadas de junho de 2013.

A pressão e a intimidação sobre o jornalista acontecem também na forma de sequestro. Os casos registrados acabam em execução. É usado para intimidar e aterrorizar o jornalismo investigativo. Em quase a totalidade dos casos o desfecho acaba em assassinato do profissional.

Essa forma de violência acontece nos Estados em que há a forte presença do crime organizado com forma de retaliação pela produção de matérias sobre corrupção, narcotráfico, segurança pública, dentre outros temas.

2.2 Violência contra jornalistas no Brasil

Levantamento da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)⁴⁰, publicado no dia 18 janeiro de 2019, aponta que o Brasil segue a mesma tendência de aumento de violência presente no México. Após pequena queda nos últimos anos, os índices de violência praticados contra jornalistas voltaram a crescer no Brasil, associados principalmente à cobertura de atividades políticas.

No Brasil, em 2018, os casos de agressões cresceram 36,36%, em relação ao ano de 2017. Foram registradas 135 ocorrências, entre elas um assassinato. No total os casos de vimitização atingiram 227 profissionais no País. O incremento esteve diretamente relacionado à eleição presidencial e episódios associados a ela, como a condenação e prisão do ex-presidente Lula. (FENAJ, 2018, p. 4).

39 “La falta de regulaciones sobre el uso de demandas infundadas podría disuadir a periodistas de llevar a cabo una rigurosa labor periodística en pro del interés público.”

40 Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) está efetivamente incorporada às lutas em defesa dos jornalistas e do jornalismo no Brasil. Criada 20 de setembro de 1946, a FENAJ sempre se destacou na longa e árdua jornada pela adoção de regras que organizassem a profissão e garantissem para a sociedade acesso público à informação ética e plural. Com mais de 40 mil jornalistas associados aos seus 27 sindicatos estaduais e quatro municipais, a Federação tem dado demonstrações históricas de preocupação com a liberdade na comunicação e com a democracia como valor inalienável do cidadão sem abrir mão de sua missão principal de lutar por melhores condições de vida e trabalho para os jornalistas profissionais.

Do contexto de polarização política ideológica nas eleições presidenciais de 2018, emergiram novos atores sociais que escolheram os jornalistas como vítima do ódio generalizado contra os veículos de comunicação, como forma de contextualizar a linha editorial assumida pela empresa de comunicação ou pela postura crítica, reflexiva, assumida pelo profissional de comunicação.

O relatório *Violência contra Comunicadores no Brasil: um retrato de apuração nos últimos 20 anos*, produzido pelo Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP)⁴¹, e a *Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública (Enasp)*⁴² confirma o Brasil como um dos mais violentos contra profissionais da área de comunicação.

Com base em registro dos processos criminais instaurados pela Justiça brasileira, mais confiáveis do ponto de vista estatístico, desde o ano de 1995, o país registrou sessenta e quatro homicídios de profissionais da imprensa, praticados em todas as cinco regiões do País. No posicionamento internacional o Brasil se posiciona em sexto lugar no ranking de nações mais perigosas para jornalistas, segundo a UNESCO⁴³. Fica atrás apenas de países em manifesta crise institucional, política e até humanitária, como Síria, Iraque, Paquistão, México e Somália. (CNMP; ENASP, 2019, p. 3).

Esse levantamento apresentou os casos de execução a partir do ano 1995, em razão do período de prescrição da pena que, pelas leis brasileiras, que é de 20 anos.

Já o banco de dados da ONG Observatório da La Prensa em parceria com a ONU tem cadastrados 112 doze jornalistas brasileiros assassinados entre 1970 a 2018⁴⁴.

Ao comparar os dados sobre violência de 2012⁴⁵ a 2018, apresentados pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), os casos de violência generalizados contra profissionais de

41 O Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) atua em prol do cidadão executando a fiscalização administrativa, financeira e disciplinar do Ministério Público no Brasil e de seus membros, respeitando a autonomia da instituição. O órgão, criado em 30 de dezembro de 2004 pela Emenda Constitucional nº 45, teve sua instalação concluída em 21 de junho de 2005. A sede fica em Brasília-DF. Disponível em

42 Criada em 2010 e fruto de iniciativa e trabalho conjuntos do CNMP com o Ministério da Justiça e o Conselho Nacional de Justiça, a Enasp tem como missão conferir maior eficácia aos programas de segurança pública por meio do diálogo e articulação transversal dos sujeitos atuantes no Sistema de Justiça.

43 A UNESCO no mundo e no Brasil. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) foi criada em 16 de novembro de 1945, logo após a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, acompanhando o desenvolvimento mundial e auxiliando os Estados-Membros – hoje são 193 países – na busca de soluções para os problemas que desafiam nossas sociedades.

44 OBSERVATÓRIO DE LA PRENSA. Infoamérica. Acesso em https://www.infoamerica.org/libex/muertes/atentados_br.htm. Acessado em 15 de agosto de 2019.

45 Ano em que foi adotado o Plano de Ação das Nações Unidas sobre a Segurança dos Jornalistas e a Questão da Impunidade,

imprensa no Brasil aumentaram. Em primeiro lugar apareceram as agressões físicas (de 31 para 33 casos), ameaças/intimidações (de 15 para 28) e as agressões verbais (4 para 27 casos). Prevalece no mesmo índice o cerceamento por meio judiciais (10 casos). Nos indicadores apontados pela federação apareceram com destaque os impedimentos ao exercício profissional (19 casos em 2018). O quantitativo é alimentado por informações repassadas pelos sindicatos estaduais com base nos casos registrados em delegacias ou que se tornaram público por meio dos próprios meios de comunicação.

Os casos de execução apresentaram redução caindo de três em 2012 para apenas um em 2018. A mesma tendência aconteceu nos casos de atentados, com queda cinco para três registros.

Tabela 1- Comparação da violência contra jornalistas (2012 – 2018)

VIOLÊNCIA ONTRA JORNALISTAS	CASOS 2012	CASOS 2018
AGRESSÕES FÍSICAS	31	33
AMEAÇAS/INTIMIDAÇÕES	15	28
AGRESSÕES VERBAIS	4	27
CERCEAMENTOS POR MEIOS JUDICIAIS	10	10
IMPEDIMENTOS AO EXERCÍCIO PROFISSIONAL	0*	19
CENSURAS	0	10
VIOLÊNCIA CONTRA ORGANIZAÇÃO SINDICAL	2	3
ATENTADOS	5	3
ASSASSINATOS	3	1
PRISÕES/DETENÇÕES	4	1
PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO ASSASSINADOS	3	0*
TOTAL	77	135

Fonte: Relatório Fenaj 2018 – “Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil.”

* Sem registro de dados devido a mudanças de metodologia.

Com base no relatório do CNPMP/EBASP foram identificados, nesse período, 64 casos de crimes de homicídio contra profissionais da imprensa e comunicadores. Faz-se necessário, nesse ponto, esclarecer que o presente estudo não abarca todo e qualquer delito dessa natureza cometido em face desses agentes. O foco é profissional de imprensa vitimados em razão do exercício de suas funções ou em razão dela. (CNMP; ENASP, 2019, p. 6).

A distribuição de casos por Estado, conforme quadro abaixo, aponta o Rio de Janeiro com maior quantidade de execução (doze jornalistas), seguido pela Bahia (sete), Maranhão

(seis), e Minas Gerais e Mato Grosso do Sul (5). No caso do último, o registro pode ser preocupante, considerando-se a proporção de profissionais que atuam no estado e a densidade populacional.

Tabela 2 - Violência contra jornalistas nos estados brasileiros em 2018

UNIDADES FEDERATIVAS	QUANTIDADES DE CASOS
Rio de Janeiro	13
Bahia	7
Maranhão	6
Minas Gerais	5
Mato Grosso do Sul	5
Pernambuco	4
Ceará	4
Rondônia	3
Rio Grande do Norte	3
Goiás	3
Sergipe	2
São Paulo	2
Paraná	2
Mato Grosso	2
Amazonas	2
Alagoas	2
Paraíba	1
Pará	1
Espírito Santo	1

FONTE: CNMP; ENASP/2018

O crescimento das diversas formas de violência como ameaças também tem preocupado entidades sindicais nacionais e internacionais e a própria OEA.

[...] os jornalistas estão entre as pessoas que mais recebem ameaças de morte e que cerca de 8% das comunicações enviadas entre 2003 e 2011 dentro do seu mandato estavam relacionadas a assassinatos ou ameaças de morte cometidas contra jornalistas. (CIDH 2014, p. 12- 13).

Além de ser vítima da violência ou constrangimento praticados na rua, o jornalista também foi submetido à violência psicológica da censura, aponta o relatório.

Em alguns casos, a mordada partiu das próprias empresas empregadoras, que proibiram seus profissionais de se manifestarem em redes sociais sobre questões polêmicas, política e ideologia. Na Empresa Brasil de Comunicação (EBC), houve casos de censura a cobertura política e também de outros temas, como o Fórum Mundial da Água. (FENAJ, 2018, p. 4).

No ano de 2014, a Fenaj, juntamente com a Federação Nacional dos Jornalistas (FIJ)⁴⁶, vinha demonstrando preocupação com a violência praticada contra esses profissionais, conforme exposição apresentada pela primeira vice-presidente da entidade classista brasileira, Maria José Braga (2014, on-line), quando menciona: “A Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ) e a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) estão atentas ao alarmante aumento do número de casos de violência contra jornalistas e outros profissionais da comunicação em todo o mundo.”. Até então o risco para a atividade estava restrito há alguns casos, mas ganhou novas proporções.

[...] historicamente, os riscos estavam restritos às coberturas de guerra e de conflitos sociais. Nos últimos tempos, o perigo deixou as zonas restritas e chegou à cobertura jornalística diária. Mas é preciso insistir que o jornalismo é uma atividade perigosa por sua própria natureza. Tudo isso não é “natural”. (BRAGA, 2014, on-line).

Os jornalistas entrevistados atribuem as causas que alimentam o círculo da violência às condições impostas à categoria e aos desvios do papel do jornalismo, mesmo não considerando a atividade como de risco.

As entidades representativas dos jornalistas, entretanto, não identificam o jornalismo como uma atividade de risco. As condições de trabalho que são impostas à categoria, associadas a desvios do papel do jornalismo – como a espetacularização da violência, a escatologia e a aceitação pessoal (por parte do profissional) de tarefas que não lhe cabem – têm “transformado” a profissão em uma atividade perigosa para inúmeros profissionais. (BRAGA, 2014, p. 2).

O relatório *Violência e Liberdade*, da Fenaj aponta as causas de tratamento ao qual a categoria vem sendo submetida. Faz a seguinte alusão: “Sabemos que ainda ocorrem restrições ao exercício profissional em razão dos interesses patrimonialistas dos empresários, que se submetem a interesses econômicos, comerciais e políticos”. (FENAJ, 2012, p. 5).

A FIJ e Fenaj alertam sobre a violência cotidiana das redações e externa que acomete os profissionais da área. Apontam que ela tem causas concretas e, invariavelmente, constituem atentado contra a liberdade de expressão e de imprensa, e contra o direito constitucional de acesso à informação de qualidade. Considera “a gravidade da questão: jornalistas estão sendo

46 A FIJ, a maior organização mundial de jornalistas, representa 600.000 profissionais de mídia de 187 sindicatos e associações em mais de 140 países. Fundada em 1926, a IFJ é a organização que fala por jornalistas no sistema das Nações Unidas e no movimento sindical internacional. Fundada pela primeira vez como Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ) em 1926 em Paris, foi relançada como Organização Internacional de Jornalistas (IOJ) em 1946, mas perdeu seus membros ocidentais para a Guerra Fria e ressurgiu em sua forma atual em 1952 em Bruxelas.

agredidos e assassinados no Brasil por estarem cumprindo seu papel social de levar informação de qualidade à sociedade”. (FIJ; FENAJ, 2013, p. 5).

Na mesma linha de raciocínio, Braga (2014, p. 2) resgatou que o Relatório Especial para Promoção e Proteção do Direito à Liberdade de Opinião e Expressão das Nações Unidas considera que ataque contra um jornalista é “*um atentado contra os princípios de transparência e prestação de contas, assim como contra o direito a ter opiniões e participar em debates públicos, que são essenciais em uma democracia*”. Acrescenta que: “Quando tais crimes permanecem impunes, fomenta-se a reiteração de atos violentos semelhantes, o que pode resultar no silenciamento e na autocensura dos(as) comunicadores(as).”

Dentro especificamente do fenômeno da violência contra jornalistas no Brasil, a Fenaj, com base no relatório *Violência e Liberdade de Imprensa no Brasil*, de 2012, fez a seguinte ponderação:

[...] as tentativas de silenciar os jornalistas são sempre tentativas de impedir que informações importantes, geralmente denúncias graves, sejam apresentadas à sociedade. É sempre uma ação desmedida para que interesses privados (de uma pessoa, corporação ou grupo social) se sobreponham ao interesse público. Tenta-se calar o mensageiro para impedir a divulgação da mensagem. (FENAJ, 2012, p. 4).

O mesmo relatório ponderou sobre os limites dos dados estatísticos apresentados: “[...] sabemos que os números são subestimados porque muitos profissionais ainda preferem o silêncio à denúncia pública”. (FENAJ, 2012, p. 5).

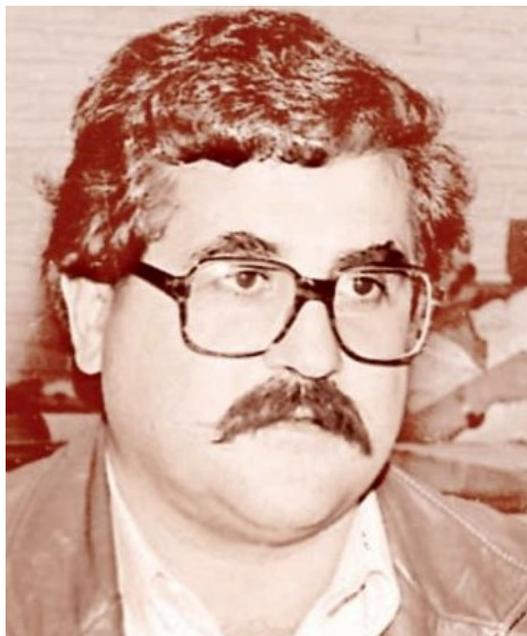
Para a entidade, a falta de notificação dos casos de violência não contribui para dar visibilidade aos fatos e a partir daí cobrar ações efetivas das empresas e do Estado no sentido de efetivar políticas públicas de segurança e de cidadania para o exercício profissional.

Reafirmamos que a denúncia é um importante instrumento de combate à impunidade, que certamente favorece a continuidade da violência. Por isso, nossa preocupação em denunciar as agressões contra a categoria no Brasil e internacionalmente. (BRAGA, 2018, p. 5)

Há também casos não notificados, geralmente atos de violência que envolvem a equipe de trabalho. Em algumas ocorrências os profissionais não foram identificados ou a violência aconteceu contra equipes de profissionais. Os nomes dos jornalistas não foram divulgados, o que não permitiu a classificação por gênero de 62 vítimas (27,31%).

2.3 A prática de violência contra jornalistas na fronteira de Mato Grosso do Sul.

Figura 2 - Jornalista Santiago Leguizamón virou símbolo do jornalismo ético no Paraguai



Fonte: ABC Collor

O ciclo de execuções de jornalistas por narcotraficantes em Ponta Porã/Pedro Juan Caballero, com base em levantamento exploratório em jornais impressos e eletrônicos da região de fronteira, apresenta como marco a execução do jornalista Santiago Leguizamón, no dia 26 de abril de 1991. O crime até momento continua impune. De acordo a pesquisa exploratória, os casos vão se sucedendo anualmente, com breve interrupção a partir do ano de 2015.

Mesmo alertado sobre a possibilidade de ser assassinado por denunciar narcotraficantes que atuavam na região, Santiago Leguizamón não se intimidou com as ameaças. Em razão disso ficou conhecido entre os jornalistas da fronteira paraguaia com Brasil pela célebre frase: “Prefiro a morte física à morte ética⁴⁷.”

O jornalista se tornou símbolo do exercício profissional da atividade jornalística no Paraguai. A data de execução transformada em dia nacional da categoria, no Paraguai. No dia, tradicionalmente, ocorrem mobilizações do segmento em defesa da liberdade de expressão e

47. TELEFUTURO PARAGAY. Cumplen 26 años del asesinato de Santiago Leguizamón. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x_-w0pcLUiM. Acessado em 27 de jul. de 2019.

por melhores condições de trabalho e salariais. Como reconhecimento pela postura profissional de combate a contravenção, de proteção às comunidades indígenas e camponesas foi homenageado com busto em frente a sede do Sindicato dos Jornalistas Paraguaios⁴⁸.

De acordo com o site brasileiro *Observatório da Imprensa* (2015, on-line) a fronteira seca Brasil/Paraguai é um dos lugares mais perigosos da América Latina para se exercer o jornalismo, e aponta como principal motivo a quantidade de grupos de narcotraficantes que atuam na região.

A região de fronteira entre Brasil e Paraguai é uma das mais perigosas para jornalistas na América do Sul. De acordo o site de notícias brasileiro *Observatório da Imprensa* (2015, internet) Pedro Juan Caballero, principal cidade do lado paraguaio da fronteira, encontra-se na rota de contrabando entre os dois países. Estima-se que, entre traficantes brasileiros e paraguaios, haja mais de 100 gangues atuando na região⁴⁹. Desde o início de 2014, quatro jornalistas haviam sido mortos ali.

A entidade não governamental *Observatorio de la Libertad de Prensa* que atua em parceria com a ONU, por meio do Infográfico⁵⁰, registrou 16 assassinatos de jornalistas paraguaios, boa parte atua em região de fronteira. (Vide tabela abaixo).

Tabela 3 - Jornalistas paraguaios executados com registros na ONU

PERIODISTA	ANO	HISTÓRICO
ÁNGELA COSTA MÉNDEZ	2006	Radiofonista de la emisora comunitaria de Mayor Otaño, Itapúa, era una voz crítica y abierta a las inquietudes de las organizaciones campesinas y populares de la región. Asesinada el 21 de diciembre, se atribuyó su muerte a razones sentimentales, que cuestionaron las organizaciones periodísticas paraguayas.
GABRIEL ALCARAZ FAUSTO	2014	Medio de comunicación; RADIO AMAMBAY. De 28 años, conductor de un programa de noticias, fue asesinado en Pedro Juan Caballero por los disparos de dos individuos al salir de la emisora el 16 de mayo. Había realizado denuncias sobre el narcotráfico en la frontera brasileña.

⁴⁸ ABC COLLOR. Ofrenda floral a Santiago Leguizamón. Disponível em <https://www.abc.com.py/edicion-imprensa/locales/ofrenda-floral-a-santiago-leguizamon-1808783.html>. Acessado em 15 de agosto de 2019.

⁴⁹ Mais informações leia. Morte de radialista expõe riscos na fronteira entre Brasil e Paraguai <http://observatoriodaimprensa.com.br/monitor-da-imprensa/ed841-morte-de-radialista-expoe-riscos-na-fronteira-entre-brasil-e-paraguai/> Acesso 28 de março 2019.

⁵⁰ Infoamérica/ONU. Paraguay. Observatorio de la Libertad de Imprensa https://www.infoamerica.org/libex/muertes/atentados_py.htm. Acessado em 15 de julho de 2019.

MANUEL ARTAZA CARLOS⁵¹	2013	<p>Medio de comunicación: fotoperiodista Gobernación Amambay Fotógrafo de prensa de 45 años, trabajaba para la Gobernación del Departamento de Amambay, fronterizo con Brasil. Asesinado el 24 de abril, su muerte se produjo en un clima difícil para los periodistas, en el que las tensiones políticas locales se suman a la amenaza permanente de los cárteles de la droga.</p>
YAMILA CANTERO	2002	<p>Aunque su muerte se presentó como un crimen pasional por parte de la policía, periodistas y familiares no aceptaron esa versión. De 26 años, era considerada la periodista más activa y crítica de San Ignacio, en Misiones, apareció muerta el 6 de julio.</p>
EDGAR PANTALEÓN FERNÁNDEZ FLEITAS,	2014	<p>Medio de comunicación: RADIO BELÉN COMUNICACIONES Periodista y conductor del programa <i>Ciudad de Furia</i> fue asesinado de varios disparos en Concepción (Paraguay) el 9 de junio. Investigaba sobre la corrupción y el crimen organizado.</p>
BENITO RAMÓN JARA GUZMÁN	2000	<p>Medio de comunicación: RADIO YBY YAÚ Reportero de Radio Yby Yaú, en Bernardino Caballero, Concepción. Asesinado de varios disparos el 13 de abril.</p>
SANTIAGO LEGUIZAMÓN	1991	<p>Medio de comunicación: RADIO MBURUCUYA El 26 de abril murió acribillado de 21 balazos en Pedro Juan Caballero. De 41 años, era el director de la emisora de radio y había informado ampliamente sobre casos de corrupción local, razón por la cual estaba amenazado de muerte, incluso que moriría el 26 de abril. En una emisión aquella mañana en Radio Nanduty, Leguizamón había dicho: "el ejercicio de la libertad de prensa se está volviendo más y más difícil" (v. Wikipedia).</p>
PABLO MEDINA VELAZQUEZ	2014	<p>Medio de comunicación: ABC COLOR De 53 años, corresponsal del diario en Curuguaty, fue víctima de un atentado que le costó la vida 16 de octubre. Asesinado por encargo.</p>
SALVADOR MEDINA VELÁZQUES	2001	<p>Medio de comunicación: FM ÑEMITY Asesinado el 5 de enero en Capiraby, Sa Pedro. Era colaborador de la emisora comunitaria y docente. Había denunciado actividades ilegales de corrupción y narcotráfico y estaba amenazado.</p>
CALIXTO MENDOZA	1997	<p>Medio de comunicación: RADIO YBY YAÚ Periodista crítico asesinado el 2 de marzo</p>

51 FRANCES PRESS: O GLOBO. Mais informações disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/jornalista-paraguaio-e-morto-a-tiros-na-fronteira-com-o-brasil.html>. Acesso em 28 de jul de 2018

		cerca de Yvy Yaú, departamento de Concepción.
MARTÍN OCAMPOS PÁEZ	2009	Medio de comunicación: RADIO HUGUAÑANDU FM Director de la emisora comunitaria de Concepción, asesinado el 12 de enero. Su muerte se relacionó con sus denuncias sobre los abusos policiales y militares en la zona.
ALBERTO "TITO" PALMA	2007	Medio de comunicación: RADIO CHACO BOREAL Locutor radial chileno radicado en Paraguay, corresponsal en Itapúa de Radio Chaco Boreal de Asunción, Paraguay. Su crimen está presuntamente relacionado con las denuncias de corrupción de las autoridades paraguayas.
SAMUEL ROMÁN	2004	Medio de comunicación: RADIO CONQUISTA FM De 36 años, conductor del programa 'La voz del pueblo' en la emisora comunitaria de Capitán Bado, departamento de Amambay, muy crítico con el alcalde de la ciudad brasileña de Coronel Sapucaia, Estado de Mato Grosso do Sul, unida geográficamente a Capitán Bado. Fue asesinado el 20 de abril en territorio brasileño.
ROMERO CHAVEZ, MERARDO ALEJANDRO	2011	Medio de comunicación: LA VOZ DE ITAKYRY Periodista de información política asesinado a balazos en su domicilio de Itakyry, Alto Paraná, el 3 de marzo, después de recibir amenazas de muerte. Detenidos los autores del crimen, declararon haber recibido 2.000 dólares de un político local, luego procesado.
GERARDO SERVIÁN CORONEL	2015	Medio de comunicación: RADIO CIUDAD NUEVA De 45 años, fue asesinado el 4 de marzo en territorio brasileño (Ponta Porã, Mato Grosso del Sur) junto a la frontera con Paraguay. La labor periodista era crítica con la administración pública de Zanja Pytá, en el departamento paraguayo de Amambay.
MARCELINO VÁZQUEZ GONZÁLEZ	2013	Medio de comunicación: Emisora de radio SIN FRONTERAS FM Director de la emisora Sin Fronteras FM de Pedro Juan Caballero, departamento de Amambay, en la frontera con Brasil, asesinado el 6

FONTE: INFOAMÉRICA/ONU

O jornalista paraguaio, Osvaldo Cáceres Encina, em artigo sobre o acontecimento, no dia 24 de abril de 2017, publicado no site do jornal Diário ABC Color, apresentou 17

assassinatos de profissionais de imprensa nos anos de 1991 e 2018, com base no levantamento do Sindicato dos Periodistas Paraguaios (SPP)⁵².

Tabela 4 - Jornalistas paraguaios executados com registro no Sindicato dos Jornalistas Paraguaios

QUANT.	DATA	NOME	NACIONALIDADE.	DISTRITO
1	26/04/1991	Santiago Leguizamón	Paraguaio	Pedro Juan Caballero
2	02/03/1997	Calixto Mendoza	Paraguaio	Pedro Juan Caballero
3	05/01/2000	Benedito Roman Jara	Paraguaio	Concepcion
4	05/03/2001	Salvador Medina	Paraguaio	Pedro Juan Caballero
5	06/07/2002	Yamila Cantero	Paraguaio	Santa Marina - Misiones
6	20/04/2004	Samuel Román	Paraguaio	Capitan Bado
7	15/12/2006	Angela Costa	Paraguaia	Itapúa
8	22/08/2007	Tito Palma	Paraguaio	Itapúa
9	14/01/2009	Martim Ocampo	Paraguaio	Concepcion
10	03/03/2011	Mirardo Romero	Paraguaio	Itapúa
11	06/02/2013	Marcelino Vázquez	Brasileiro	Pedro Juan Caballero
12	25/04/2013	Manoel Carlos Artaza	Paraguaio	Amambay
13	06/07/2014	Édgar Paulo Fernandes	Paraguaio	Concepcion
14	16/10/2014	Pablo Medina	Paraguaio	Canindeyú ⁵³
15	16/10/2014	Antonia Almada	Paraguaia	Canindeyú
16	16/05/2014	Fausto Gabriel Alcaraz	Paraguaio	Pedro Juan Caballero
17	05/03/2015	Gerardo Serverian	Paraguaio	Pedro Juan Caballero

Fonte ABC Collor/Sindicato dos Jornalistas Paraguaios.

Ficou de fora dos dois levantamentos o jornalista Juan Aristides Martinez, executado em 24 de maio de 2013, talvez por se enquadrar no perfil de empresário. Era proprietário da emissora de rádio 98.5 FM de Pedro Juan Caballero. Do total de assassinatos registrados pelo SPP seis ocorreram em Pedro Juan, perfazendo sete registros considerando a execução de Manoel Carlos Artaza, no Departamento de Amambay, Samuel Román, em Capital Bado/Aral Moreira e Pablo Medina e Antonia Almada, em Canindeyú, distritos localizados em faixa de fronteira. Na somatória aconteceram *11 casos de* assassinatos ocorridos na faixa de fronteira do Brasil com o Paraguai

52 Mais informações leia. ABC Collor. Paraguai tem 2º assassinato de jornalista em pouco mais de um mês <https://noticias.r7.com/internacional/paraguai-tem-2-assassinato-de-jornalista-em-pouco-mais-de-um-mes-20062014> <https://noticias.r7.com/internacional/paraguai-tem-2-assassinato-de-jornalista-em-pouco-mais-de-um-mes-20062014>

53 De acordo com o site a Operadora Turística MGM esse departamento está localizado no canto nordeste da região oriental do Paraguai A capital é a cidade de Salto del Guaira. É frequentada por brasileiras próximas da fronteira. Tem uma população de cerca de cerca de 150.000 pessoas. Disponível em: <http://mgmoperadora.com.br/atracao/1272/3/34/0/4020/destinos-internacionais/america-do-sul//assuncao/alto-parana-e-canindeyu>. Acessado em 28 de jul. de 2019.

Nesse levantamento, apesar de não estarem localizados na faixa de fronteira, merece destaque as execuções nas cidades de Concepcion (3), Canindeyú (2) e no Departamento de Itapúa, extremo sul do Paraguai (2). Ocorreram também mais duas execuções no Brasil e o número de casos chegou a 12 ocorrências.

No período de 2012 a 2018, recorte adotado para levantamento das notícias publicadas para pesquisa, aconteceram nove assassinatos de jornalistas na faixa de fronteira Brasil/Paraguai: Luis Henrique Georges, Paulo Cardoso Rodrigues, Marcelino Vázquez, Juan Aristides Martinez, Manoel Carlos Artaza, Pablo Medina, Antonia Mirabel Almada, Fausto Gabriel Alcaraz e Gerardo Serverian.

A execução do jornalista Roberto Rocarro (Anexo de a, b, c e d), em 8 de outubro de 2012, ganhou notoriedade nacional e internacional, com repercussão em jornais de circulação nacional, como O Globo, e manifestação da organização não governamental (ONG) Internacional Comitê de Proteção dos Jornalistas (CPJ)⁵⁴, que cobrou a investigação imediata do crime pelas autoridades brasileiras. O jornalista tinha profundo conhecimento do submundo político e da contravenção nas cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Para tornar público estas relações escreveu o romance *Tempestade*, onde denunciou o *modus operandi* do narcotráfico na região e seus tentáculos no poder político.

Rocarro também era sócio do site Conesul News e então editor do periódico mais antigo de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, o *Jornal da Praça*, fundado em 28 de novembro de 1978. Sua morte ganhou desdobramentos políticos, motivou a realização de audiência pública na Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul⁵⁵, mobilizou a sociedade organizada das duas cidades. Um ano do ocorrido as entidades organizaram manifestação pública para cobrar o andamento das investigações por parte da Polícia Civil.

No mesmo ano, no dia 12 de fevereiro, aconteceu a execução do diretor-proprietário do *Jornal da Praça*, Luiz Henrique Georges (“Tulu”). As investigações policiais, no entanto, não apontaram qualquer relação entre as duas mortes, cujo desfecho já apresentamos. (*Anexos E-F*)

54 O Comitê para a Proteção dos Jornalistas é uma organização independente e sem fins lucrativos que promove a liberdade de imprensa em todo o mundo. Defendemos o direito dos jornalistas de denunciar as notícias com segurança e sem medo de represálias.

55 Mais informações leia: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/audiencia-publica-na-sexta-feira-debate-violencia-contra-imprensa>. Acesso 03 de set. de 2018

Após a execução de Roberto Rocarro e “Tulu”, o *Jornal da Praça* ainda tenta se manter no mercado. Passa, porém, por processo de desmantelamento administrativo e até presente levantamento de campo, em janeiro do ano 2019, circulava quinzenalmente⁵⁶.

No ano de 2013 foram executados os jornalistas Marcelino Vázquez e Carlos Manoel Artaza. Vázquez era proprietário da rádio Sem Fronteira FM (98,5), fuzilado no dia 6 de fevereiro, em frente à emissora. No local também funcionava uma boate, de acordo com reportagem do *Jornal Regional*. Artaza tinha 45 anos de idade, era fotógrafo e assessor de imprensa do governador do Departamento de Amambay, Ricardo Sánchez Peña. A execução aconteceu quando circulava em seu automóvel, assim que saiu de uma reunião do candidato Pedro Gonzáles, do Partido Liberal Radical Autêntico (PLRA).

Pelo levantamento, no ano de 2014, registraram-se três homicídios, vitimando Juan Arístides Martínez, Pablo Medina e Antonia Mirabel Almada. Martínez era proprietário da estação de rádio Sin Fronteras 98.5 FM. No *Jornal da Praça* ou sites de notícias da região, não foi possível encontrar registro mais detalhado da execução, apenas citações complementares em matérias sobre execução do jornalista Marcelino Vázquez. Os assassinos ligados ao narcotráfico não se intimidaram nem com o fato de os correspondentes integrarem a equipe do ABC Color, principal jornal em circulação no Paraguai e de forte influência na opinião pública daquele país.

56 . O impresso estava à venda pela sua herdeira, a artista plástica Maria Bonita Rodrigues Georges. Em entrevista concedida ao pesquisador, explicou que parte do acervo estava organizado. Tentou vendê-lo para a prefeitura de Ponta Porã, depois efetuar a doação, mas não houve interesse por parte do poder público municipal ou estadual pelas publicações. Teve a necessidade de desocupar da sede do jornal, na Rua Paraguai, 2.537, e transferiu as edições para um barracão de propriedade da família, onde destruído por infiltrações. Mais 30 anos de história das duas cidades e região da faixa de fronteira relatada pelo diário ficaram sem registros.

Figura 3 - Caminhonete de Pablo Medina emboscada em Canindéu



. Fonte: Jornal ABC Color

Após o crescimento das ocorrências no ano anterior, em 2014, houve o registro de assassinato do radialista Fausto Gabriel Alcaraz, em Pedro Juan Caballero. O locutor apresentava programa no rádio Amambay 570. Era conhecido por fazer críticas constantes ao narcotráfico. Trabalhava na emissora do então senador paraguaio e depois governador de Amambay, Roberto Acevedo.

A análise de conteúdo do Jornal Regional revelou que o crime de execução e impunidade são alimentados pela corrupção de agentes de segurança, inclusive do comandante do Departamento de Narcóticos do Paraguai (Denar). Na ocasião inferiu que o combate aos traficantes chega a ser atribuição exclusiva da imprensa paraguaia.

Em 2015, aconteceu a execução do radialista paraguaio Gerardo Ceferino Servían Coronel, de 44 anos. O profissional apresentava um programa de radiojornalismo na emissora Ciudad Nueva FM, Sanja Pytã. Foi executado a tiros na Avenida Brasil, divisa de Ponta Porã (MS) com Pedro Juan Caballero, no dia 5 de março. Uma câmera de segurança instalada na Avenida Brasil, registrou o momento. Além da imagem disponibilizada pela imprensa local e em reportagem no canal Youtube (Dourados News, 2015), o relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ), de 2015, menciona que um homem do banco traseiro de uma moto disparou contra o profissional, pego de surpresa e sem chance de defesa, pois circulava em outra moto.

Figura 4 - Corpo do radialista Gerardo Servían Coronel executado em Ponta Porã



Fonte: site Dourados News.

Conforme levantamento no relatório CNMP/ENAPS (2019), Mato Grosso do Sul é o quarto estado brasileiro em assassinato de jornalistas, nas últimas duas décadas. Dos quatro casos envolvendo a execução de profissionais em Mato Grosso do Sul, somente um homicídio foi desvendado e os culpados condenados pela Justiça. Como expressa o jornalista blogueiro, Edvaldo Bitencourt:

O mais grave, além do ataque frontal ao *Estado de Democrático de Direito*, é a impunidade. Só um homicídio foi desvendado e os culpados foram condenados pela Justiça, colocando MS no topo do ranking nacional e revelando cenário tão cruel só encontrado em países dominados por ditadores sanguinários. (BITENCOURT, 2019).

Constam no relatório da CNMP/ENASP (2019, p. 27). a morte do radialista Edgar Lopes de Farias, em 29 de outubro de 1997, em Campo Grande; (Processo 0000982-94.2006.8.12.0001), Samuel Roman, ocorrido em 20 de abril em Coronel Sapucaia (Processo: 000874-90.2005.8.12.0004), Paulo Roberto Cardoso Rodrigues - Rocaro (Processo: 0001338-25.2012.8.12.0019) e Luiz Henrique Georges, o “Tulu” (Processo: 0006294-84.2012.8.12.0019).

O inquérito de Edgar Lopes de Farias foi encerrado no dia 1º de fevereiro de 2019. Em dezembro de 2005, após recorrer a outras linhas de investigação, a polícia não alcançou dados suficientes que revelassem a autoria e a motivação do crime. Por isso, em 2006, o Ministério Público requereu que o processo fosse arquivado judicialmente pela ausência de

indícios indicativos de autoria no inquérito aberto pela Polícia Civil do Estado de Mato Grosso do Sul.

O caso da execução do jornalista Roberto Rocaro, o relatório do CNMP/ENASP (2019, p. 27) menciona que a apuração prossegue. A linha de investigação indica que questões políticas teriam motivado o crime, em função da disputa entre militantes do PT, partido ao qual a vítima era filiada, não existindo, por ora, vinculação entre o homicídio e a profissão de jornalista de Paulo Rocaro⁵⁷. O jornalista ameaçava divulgar dossiê da então concorrente interna ao cargo e mulher de Cláudio Rodrigues, Sudalene Alves Machado Rodrigues⁵⁸.

Após três anos, o suspeito de mandante do crime foi executado, como registrou reportagem do *Jornal Correio do Estado*, de 18 de setembro de 2015.

Cláudio Rodrigues, mais conhecido como "Meia Água", foi executado na manhã desta sexta-feira (18), no município de Jandira (SP). Ele conduzia o carro de uma empresa quando foi abordado pelos suspeitos e atingido por vários disparos de pistola 9 mm. A Polícia Civil paulista ainda não tem informações sobre a identidade dos criminosos. (MENDONÇA, 2015)

Em relação ao empresário Luiz Henrique Georges (Tulu), o relatório dos órgãos menciona que a última informação sobre o caso foi registrada no dia 14 de fevereiro de 2019:

[...] no inquérito policial, os indícios até agora colhidos revelam que a vítima possuía inúmeros negócios, lícitos e supostamente ilícitos, no Brasil e no Paraguai, não havendo, por ora, informações que indiquem que a sua morte decorreu da atividade jornalística desenvolvida por uma de suas empresas. (CNMP; ENASP, 2019, p. 29).

Dos jornalistas que constam no relatório do CNMP/ENAPS (2019, p. 28), o único crime que não ficou impune foi do jornalista Samuel Román, no município fronteiriço de Aral Moreira. O jornalista denunciava esquema de corrupção prefeitura do município envolvendo o então prefeito, Eurico Mariano.

Os réus Marcelino Ortiz, Xavier Emílio e Manoel Coronel Fernandes foram assassinados no ano de 2005. Rigoberto Rojas Gimenes assassinado em 18 de maio de 2007. Rubens Palácio e Tony Gimenez foram apontados como coautores. O que revela a ação de

57 Mais informações leia . FERNANDES, Bob; MIRANDA, Bruno. Quem matou Paulo Rocaro? Quem matou e quem mandou matar Luiz Henrique "Tulu"? 30 de outubro de 2017. Ponte. Disponível em: <https://ponte.org/quem-matou-paulo-rocaro-quem-matou-e-quem-mandou-matar-luiz-henrique-tulu/>. Acesso em: 28 maio 2018.

58 Reportagem produzida pela jornalista Lúcia Morel, publicada no site de notícias do Terra, sob o título: Polícia: assassinato de jornalista em 2012 no MS teve motivação política, apontou as relações políticas que circundavam a morte de Paulo Rocaro. Publicado no dia 07 de maio de 2014. <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/policia/policia-assassinato-de-jornalista-em-2012-no-ms-teve-motivacao-politica,4f9aa0d97f18e310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acessado em 25 de julho de 2019

queima de arquivo. Já Eurico Mariano, mandante do crime, cumpre pena de dezessete anos e nove meses de reclusão, em regime fechado.

Outro fato que caracteriza o risco de afrontar o narcotráfico e a corrupção política na fronteira Brasil/Paraguai é a situação do jornalista paraguaio Cândido Figueredo Ruiz, correspondente do *Jornal ABC-Color* do Paraguai, em Pedro Juan Caballero. O profissional vive recruso na redação da sucursal sob proteção constante de policiais. Pela relevância social do seu trabalho jornalístico na fronteira foi premiado pelo CPJ devido ao enfrentamento constante do crime organizado, cuja já atuação garantiu que a polícia paraguaia mantivesse o serviço de proteção ao profissional. ⁵⁹

2.4 A violência fronteiriça entre fatos e notícia

A representação da execução de jornalistas na fronteira de Ponta Porã (Brasil) com Pedro Juan Caballero (Paraguai), pelo *Jornal Regional*, passa pela compreensão de conceitos sobre acontecimentos, fatos, reportagens e notícias, o entendimento sobre o sistema de produção editorial, atravessados por interferências e estruturados com bases em critérios do valor notícia. Entendimentos que contribuíram na Análise de Conteúdo a que nos propomos executar.

A partir deles se dá o enredo em torno da construção midiática da fronteira como espaço cotidiano de violência reproduzida de forma contínua nas edições de jornais impressos e nos sites de notícias de Ponta Porã/Pedro Juan Caballero. Pois a execução de profissionais da imprensa não pode ser um simples relato perdido dentro da “normalidade” cotidiana dos conflitos políticos ou ações de narcotraficantes que atuam no controle dos diversos territórios.

Explicar as consequências dos fatos e dos acontecimentos não é uma simples questão técnica, implica na construção da realidade inspirada em várias áreas do conhecimento, na compreensão e utilização das teorias jornalísticas e num entendimento das estratégias e procedimento metodológicos de como construir fatos e acontecimentos dentro de uma perspectiva epistemológica. (SILVA, 2017).

Dentro do contexto da territorialidade fronteiriça, o jornalismo praticado nas cidades gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, tal qual em outros territórios de faixa de

59 Mais informações: ESTARQUE, Marina. "Minha escolta é quase família", diz jornalista ameaçado de morte que vive há 20 anos com proteção policial 24h. Blog Jornalismo nas Américas. Texas – EUA. Disponível em: <https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-17535-minha-escolta-e-quase-familia-diz-jornalista-ameacado-de-morte-que-vive-ha-20-anos-com>. Acesso em: 26 set. 2016.

fronteira, é espaço permanente de construção e disputa hegemônica dos fatos e acontecimentos. Contribui com novas narrativas a partir da multiculturalidade, da realidade multifacetada, do discurso dos fatos próximos à verossimilhança e do interesse social.

A execução de jornalista nas cidades gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, por sua excentricidade, ganha relevância factual, gera comoção social, suscita debates, desdobramentos políticos e mobiliza a sociedade contra a impunidade. Como menciona Sodré (2009, p. 21), “a ocorrência assume o valor da excepcionalidade, de raridade e de ruptura com padrão rotineiro das expectativas quanto aos fatos sociais”.

Desta forma, a violência de execução ganha relevância factual por se tratar quebra da normalidade, de rotina, uma forma de dissonância do cotidiano.

Nelson Traquina (2008, p. 91) enumera seis “valores-notícia de construção”: a simplificação, a amplificação, a relevância, a personalização, a dramatização e a consonância. Conforme Citelli (2003, p. 19 e 20), esses critérios “cumpram a função de redefinir determinado campo de informação, criando efeitos novos e que sejam capazes de atrair a atenção do receptor.

Sodré (2009) reforça que a notícia depende da veracidade do acontecimento relatado por meio ordenamento de enunciados, construção discursiva e regras estabelecidas na atividade jornalística.

Real ou fictício, o acontecimento é a referência apropriada por uma sequência de enunciados cronologicamente ordenados, alterando-se a técnica de apropriação de acordo com o gênero em que se manifesta a narrativa. Na notícia, que é uma estratégia ou gênero discursivo essencialmente jornalístico, o acontecimento referido obriga-se a ser verídico (real-histórico, portanto,) e a obdecer a técnica corrente na prática do jornal. O real da notícia é sua “factualidade”, a sua condição de representar um fato por meio de um acontecimento jornalístico. (SODRÉ, 2009, p.27, grifodoautor)

Para Mário Wolf (2003, p. 202) “os valores-notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente”.

Segundo o mesmo autor o enquadramento do fato como valores-notícia é sustentado por critérios de importância, interesse, relevância, proximidade e quatro variáveis de importância: 1) grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável; 2) impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; 3) quantidade de pessoas que o acontecimento (de fato ou potencialmente) envolve; 4) relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de determinada situação. Já o interesse está associado à visão que os jornalistas têm do público.

Para Sodré (2009, p. 70), “o acontecimento materializado de forma noticiosa-padrão é o vetor para uma instantaneidade ou temporalidade singularizada do fato social”.

Nessa conjuntura, a concepção de habitus jornalístico estabelece-se como uma chave-explicativa fundamental para a maneira como os eventos cotidianos “dissonantes” – isto é, os acontecimentos originários das quebras de expectativas instituídas pela regularidade do senso comum – são localizados como eventos noticiáveis no pragmatismo da atividade jornalística. (SILVA, 2017, p. 75).

O acontecimento que se desdobra em fatos também é involucrado com base nos critérios jornalísticos, marcadamente de proximidade. Critérios que, por vez, suscitam diversas reflexões sobre as constantes transformações provocadas pelos novos fluxos informativos mundiais por meio das redes sociais.

Nesse contexto, os fenômenos jornalísticos na fronteira Ponta Porã/Pedro Juan têm como diferencial a comutação urbana em linha seca, espaço comum formando cidades gêmeas⁶⁰ em que cohabitam nacionalidades, atividades econômicas comuns e culturas diferenciadas.

As “cidades gêmeas” são espaços localizados dentro da faixa de fronteira, onde as relações transfronteiriças são realizadas. Nestes espaços, existem dinâmicas sociais distintas, geralmente ligadas a redes ou foros de articulação regional ou internacional, que ampliam sua capacidade institucional e de relacionamento com outros atores. A coalescência de cidades localizadas no espaço da linha-limite de uma zona de fronteira e sua fusão em uma única área urbana caracterizam as cidades gêmeas. (PADRÓS, 2016, p. 35).

Dessa forma, a produção noticiosa nas cidades gêmeas ocorre em espaços privilegiados de ocorrências singulares, concretas, observáveis, delimitadas no tempo e no espaço, passível de manipulação, pois emprega linguagens escritas ou imagens que necessitam ser comunicadas para se tornarem referentes dos discursos jornalísticos.

Mesmo observando as regras básicas do jornalismo, a redatora revela que há vários processos contra o *Jornal Regional* movidos pela Polícia Federal (PF), porque a redação interpreta os fatos de forma que não coincide com a versão policial, pois o editor vê uma coisa e no final não era aquilo. Essa situação acontece devido a ruídos de comunicação entre a

60 Do ponto de vista legal, o Poder Executivo federal brasileiro, por meio da Portaria nº 125, de 21 de março de 2014, republicada em 26 de março de 2014, considera, em seu artigo primeiro, as cidades gêmeas como sendo: [...] os municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semiconurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações “condensadas” dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania.

apuração e dificuldades para se obter a versão oficial dos fatos junto ao órgão de investigação. Em função disso abriram processo judicial para contestar a notícia veiculada. “Então, por que a Polícia Federal fez isso? Então é complicado”, questiona.

Sousa (2002) entende que a natureza dos acontecimentos tem como marca distintiva a previsibilidade e a imprevisibilidade, mas sem exclusividade. Com base nestas características pode-se considerar como ‘verdadeiros’ os acontecimentos imprevisíveis. Já na visão de Boorstin (1992) o acontecimento independe da presença da imprensa. Para Hall et. al (1993, p.226) “a mídia torna os acontecimentos significativos por meio dos processos de identificação e contextualização. Seria através dos “mapas culturais” (identificações sociais e culturais) que os jornalistas dão sentido aos acontecimentos incomuns, inesperado e imprevisíveis, que são o conteúdo básico do que é noticiável”.

A ocorrência do fato também é revestida pelo critério jornalístico de proximidade, característica de diferenciação da imprensa fronteira, o que permite ao jornalista a interpretação noticiosa em primeira mão (*furo*), a partir do fato bruto, do conhecimento da causalidade empírica do fenômeno, dos bastidores, o que possibilita a primeira narrativa sobre o acontecimento manifestado pelo relato discursivo.

Na prática, valores que sustentam a noticiabilidade de um fato, ou seja, a condição para que venha se transformar em notícia, podem variar segundo o lugar do fato, nível do reconhecimento social das pessoas envolvidas, das circunstâncias da ocorrência, da sua importância pública e da categoria editorial do meio de comunicação. (SODRÉ, 2009, p. 24 e 25).

Um dos critérios que favorece a notícia é a cobertura de forma presencial (presentidade). Ela ocorre praticamente em tempo real, de forma inusitada, por se tratar de uma quebra de rotina jornalística, sem previsão na pauta, e que pode ser de alta valoração.

A execução de jornalistas se expressa também por meio da fala do crime, que constrói sua reordenação simbólica do mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos como perigosos. Em relação a constituição da notícia [] “atua na forma de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a elas de forma defensiva.” (CALDEIRA, 2000, p. 10 e 17).

Como observamos em duas visitas campo realizada, em 04 fevereiro e depois em 25 de agosto de 2019, as pautas para produção de notícias no Jornal Regional são construídas a partir da apuração limitada pelo tempo, da velocidade temporal requerida pelas novas tecnologias,

sobre a pressão cultural da censura e da autocensura política, econômica e do temor da violência. “[...] o processo de codificação simbólica de padrões culturais mais amplos (e hegemônicos) presentes na vida cotidiana não se dá apenas no plano do conteúdo”, advertem (MORETTI apud SILVA, 2017, p. 214).

Em condições adversas de mercado, equipe reduzida, o duplo emprego ou função dos trabalhadores, no *Jornal Regional* são produzidas cinco edições semanais, contendo a média de 16 páginas e com a tiragem de dois mil exemplares. Observamos ainda a inexistência de uma rotina formal no processo produtivo do jornal em relação a outros veículos do estado, mesmo em sites de notícias, onde acontece a reunião de pauta diária.

A repórter e atual diretora comercial do *Jornal Regional* de Ponta Porã, Mirna Talavera, 40 anos, iniciou na atividade jornalística aos 13 anos de idade, como contato comercial do *Jornal da Praça*. Formada em Ciências Contábeis, começou a trabalhar na redação com jornalistas mais experientes, como Roberto Rocarro e João Natalício, considerados expoentes do jornalismo de Ponta Porã e responsáveis pela orientação de diversos profissionais que ingressaram no mercado do município.

Com base na experiência nas lides jornalística de Ponta Porã, a profissional se disponibilizou a responder o Questionário de Profundidade da presente pesquisa⁶¹ (vide apêndice p.135). Com base na experiência acumulada na profissão considera que “fazer jornalismo na fronteira é pisar em ovos, em tudo é necessário tomar muito cuidado. Consiste em verificar o que acontece, quem foi preso, quem prendeu.

Com base nas informações extraídas da Entrevista de Profundidade, Talavera (2019), detalha que para suprir a deficiência de pessoal o fechamento das edições acontece pelo aproveitamento de matérias provenientes de assessorias de imprensa ou por meio de jornalistas parceiros de várias cidades da região de fronteira: Antônio João, Aral Moreira, Bela Vista e até mesmo Ponta Porã”.

Pela projeção da redatora e diretora comercial, cerca de 50% das matérias são oriundas das assessorias e os outros 50%, produção da equipe de reportagem. Acrescenta que aproveitamento do material proveniente das assessorias de imprensa seria uma forma de compensar o vazio factual. "Ao se tirar os releases, como eu te disse, o que vem?", indaga.

Um exemplo da rotina excêntrica dos profissionais que atuam no órgão é que nas duas visitas realizadas pelo pesquisador à redação, no período da manhã, não foi possível o contato

61 Entrevista concedida na redação do *Jornal Regional*, em Ponta Porã, no dia 22 de agosto de 2019.

com o editor do jornal, Carlos Augusto Monfort e com os demais repórteres, pois grande parte do processo de produção é feita em forma on-line, por meio de rede sociais.

A intenção de inicial de entrevistar o editor chefe não foi possível, mesmo com agendamento prévio para o dia 23 de agosto de 2019 objetivando responder o questionário de profundidade. Quando procurado justificou por mensagem via *Whatsapp* que estava em Campo Grande desde o dia anterior e que não poderia retornar a Ponta Porã.

Fato curioso na rotina do periódico é que o nome do editor responsável ou da equipe de reportagens não consta no expediente das edições. Em visita do pesquisador a assessoria de imprensa da Prefeitura de Ponta Porã fomos informados por colegas de redação que o editor do *Jornal Regional* também trabalha como assessor de imprensa no órgão, mas que estava de férias até o mês de setembro.

A redatora Talaveira (2009) contou por meio de resposta ao questionário de Entrevista de Profundidade que o jornal *Regional* surgiu da união de cinco profissionais das áreas de jornalismo, comercial e impressão, por meio de uma simples conversa entre os interessados, no fim do primeiro trimestre de 2008. Cada qual em uma área específica. Monfort, até a data da Entrevista de Profundidade, ainda o editor.

Ainda por meio da Entrevista de Profundidade, Talavera (2019) narrou que na fundação do jornal gerenciava o departamento comercial, juntamente com Oswaldemir Pavão. A colunista social; Rosemeire Dutra era responsável pela parte financeira; e Zandir de Souza exercia a função de diagramador.

A reportagem comemorativa publicada no dia 26 de novembro de 2002 faz a seguinte menção sobre a criação do veículo que revela a complexidade de se manter um veículo na região de fronteira: “O começo foi muito difícil, mas havia fatores favoráveis importantes; como credibilidade, humildade e muita vontade de trabalhar. (Anexos T-U).

A equipe comercial, de redação e gráfica era oriunda do então *Jornal da Praça*, adquirido por Luis Henrique Georges (“Tulu”) do jornalista João Natalício. Até 2014, esse veículo estava em nome de Izolina de Oliveira, atualmente diretora comercial e colunista do semanário *Jornal de Notícias*. A partir da troca de proprietários, Talaveira (2009) relata que o então periódico alternava constantemente o comando administrativo e editorial, situação que deixou os profissionais do periódico em situação de vulnerabilidade. Então pediram demissão e decidiram montar o *Jornal Regional*. A equipe reclamou que “quando o jornal muda de dono fica aquela coisa: todo dia alguém novo para mandar.”

Na sede periódico, a estrutura é enxuta, funcionando em duas salas: recepção, ocupada por Talavera, e outra funcionária do Departamento Administrativo. Na visita de campo notamos que ambas exercem a função comercial. A impressora plana ADAST 724 está instalada ao lado da recepção. O jornal também não dispõe de uma sala de redação. Os terminais são distribuídos em escritanias individuais, o que revela um sistema de trabalho sem técnica produtiva coletivizada. A redação consta ainda com três jornalistas que se alternam nas coberturas.

As matérias e fotos, de acordo com as respostas do questionário, são enviadas pelos jornalistas e assessorias de imprensa e usados diariamente para fechar as edições. Em relação ao processo de produção editorial o veículo organizou uma rede de colaboradores a partir do interesse de fazer a divulgação dos fatos da região abrangida. O que indica uma demanda regionalizada de notícias na faixa de fronteira. Com expica Peruzzo (2006) uma das características desses veículos é que suprem a lacuna deixada pela grande imprensa, exceto quando acontece algum fato excepcional. Outra característica apresentada pela autora é que aborda conteúdos local como forma de conquistar credibilidade com o segmento empresarial da região, movidos por interesses comuns.

Talaveira (2009), declara que a equipe de jornalista novos e colaboradores são atraídos por fatos novos. “É assim, vê uma coisa e já quer fazer. Depois, entra em contato com a redação e fala: “fiz uma matéria, *se interessar* eu mando para você

A imprensa fronteiriça também ressentida da incorporação de novas tecnologias e de inovação frente aos desafios impostos aos jornais impressos. As dificuldades dos pequenos veículos é uma realidade da imprensa fronteiriça sul-matogrossense. Assim como os concorrentes, o *Jornal Regional* também tem dificuldades de sobrevivência frente as oscilações de mercado e do Dólar.

A dependência de mão de obra especializada, do fornecimento de matéria-prima e manutenção de maquinários, a oscilação nas verbas que os anunciantes direcionam para publicidade e propaganda são alguns dos motivos que provocam o fechamento de muitas organizações midiáticas.” (MÜLLER, 2015, p. 127).

No caso do periódico, Talavera (2019) diz que a intenção é migrar para o jornal *on-line* e explorar melhor as potencialidades das redes sociais. A redatora conta que o periódico tem o projeto de lançar o sítio eletrônico, mas pretende continuar a edição do jornal impresso.

Com relação às dificuldades de se manter no mercado, a partir da experiência exercendo dupla função, Talavera (2019) confirma a dependência de prefeituras e Câmaras de Vereadores para garantir a sustentabilidade do negócio. Explica que o faturamento comercial é insuficiente

para cobrir despesas com a redação e a produção. Com os custos elevado para manter o impresso circulando admite que a sobrevivência do negócio depende da verba estatal. “Não tem como você ter um custeio 100% todo mês, varia muito. Em média, o custo de edição sai entre R\$ 700,00 a R\$ 800,00. O financiamento também vem de assinaturas, publicidade e dos órgãos públicos”, reitera a redatora.

A gestora destaca a dificuldade financeira por que passam os jornais por causa da dolarização dos produtos, mesmo comprado no Brasil. Diz que encarece muito porque tudo gira em torno da moeda americana, inclusive produtos químicos.

Figura 5 - Sede do Jornal Regional, localizada na Rua Guia Lopes



Fonte: O autor

De acordo com Peña (2013, p. 65) a Teoria Newsmaking, os estudos se ocupam da maneira como se desenvolve a atividade jornalística, a forma de decidir. Essa teoria se atém aos rituais de produção da notícia, pois oferece uma ferramenta objetiva para sinalizar o papel das emissões e das fontes de informação durante o processo de construção de sentido no texto.

Nos processos identificados pelo *Newsmaking* a construção da notícia passa pela interferência direta dos jornalistas nas diversas etapas de construção. A elaboração da pauta é motivada por uma intencionalidade, o mesmo acontece com a construção do contexto, edição, titulação, diagramação e até o mesmo o processo de circulação e distribuição das edições.

A teoria procura “descrever o trabalho comunicativo dos emissores como um processo no qual 'acontece de tudo' – rotinas cansativas, distorções intrínsecas e estereótipos funcionais. Baseando-se na etnografia dos *mass media*, essas análises articulam e individualizam empiricamente os numerosos níveis de construção dos textos informativos de massa. (WOLF, 1994, p. 226).

Dentro da mesma linha teórica, Fernandes (2013, p.108) ressalta que “a força integrativa e identitária desses veículos do interior está na notícia de proximidade”. Recorre a Toffler, (1980, p. 107) para lembrar que “[...] milhares de pequenas publicações em todo o mundo passaram a comer pelas beiradas boa parcela da fatia do mercado antes exclusiva a jornais metropolitanos”.

Com base nessas características, observamos que o processo editorial na produção informativa do *Jornal Regional* é meticulosamente estruturado nos princípios do *Newsmaking*. Por ser tratar de uma equipe enxuta, o grupo responsável pela linha editorial procura estabelecer os colaboradores mais assíduos.

Como aponta as respostas dos questionários de entrevista fica sempre atenta para a escolha do título, intenções e expectativas do veículo.

A mesma relação também é salientada por Peruzzo (2003) explicando as relações comerciais dos veículos locais, pois lembra que o veículo é uma unidade de negócio local que busca ser rentável e os interesses guiados pelo mercado está acima de tudo.

“Além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e do futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre as ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. (LUCA, 2005, p.140).

No processo produtivo da notícia em pequenos veículos de imprensa, o processo de decisão editorial às vezes é individual. Portanto, acontece a partir do conhecimento da realidade em que o jornalista atua rotineiramente. É o desafio diário de garimpar informações que resultem em notícia de interesse da comunidade local.

[...] analisar aspectos de comunicação em território fronteiriço é um trabalho árduo. Atua-se em um universo vasto e, por isso, é necessário entender da melhor forma possível a realidade social desse ambiente para extrair fragmentos deste contexto repleto de significados.” (SOARES, 2008, p. 139)

Além dos princípios do *Newsmaking* na redação do periódico, detectamos a adoção dos conceitos da teoria do *Gatekeeping*. Como explica Silva (2017), o processo começa quando o profissional da comunicação seleciona a informação em mensagem. A partir disso, atravessa os “portões” da notícia, repórteres e editores. Outras vezes, requer avaliação cuidadosa, submetida a análise de consequências, responsabilidade e critérios mais exigentes, em caso de reportagem de caráter investigativo, dentre eles os critérios de relevância social e impacto.

No jornalismo, há várias conceituações sobre o que é notícia, e o que é reportagem. A grosso modo a reportagem é 'uma notícia grande', 'uma notícia em profundidade', ou 'uma

notícia ampliada' Esta ligada a extensão (tamanho). “Todavia, Juarez Bahia (1990, p.49) descreve que a reportagem é uma notícia, mas nem toda notícia é reportagem”. Para o autor “o salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação – em que a notícia deixa de ser sinônima de nota – e se situa no detalhamento, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto, adquirindo uma nova dimensão narrativa e ética”.

Complementando o conceito, Nilson Lage (2006, p.15), detalha que as transformações no jornalismo acontecem por meios de disputas acirradas entre os que considera como grupos emergentes jornais/empresas. A partir da concorrência o autor explica que “descobriu-se a importância dos títulos, que são como anúncios do texto, e dos furos, ou notícias em primeira mão: o jornal que publicasse primeiro o relato de um fato de interesse público que seria lido em lugar dos concorrentes e ganharia pontos na preferência dos leitores em geral para as próximas edições”.

Na rotina das redações, o “furo” ou *scoop*⁶² geralmente vinha precedido de uma grande reportagem. O mecanismo de alta valorização editorial nascido da reportagem. Serve como instrumento para atrair leitores e acirrar a capacidade investigativa no jornalismo, guiado sempre pela necessidade de novidade e inovação.

[...] a ideia original de furo de reportagem permanece vital nas redações atuais, embora pareça forçar a sua extinção pelas regras do tempo real na era da internet. Ao contrário, pode-se inferir que, na lógica de aproveitamento e distribuição de conteúdos pelas agências de notícias dos três principais conglomerados de mídia brasileira, o furo de reportagem, pelo seu ‘caráter extraordinário’ (OLIVEIRA, 2013, p.25)

Ao fazer referência à rotina da mídia nas comunidades fronteiriças, Karla Müller (2003, p. 141) comenta que “é postura ativa do jornalista que se torna palco, ao mesmo tempo, agente dos acontecimentos devido a sua proximidade com a população e com as instituições sociais do local em que está inserida”.

Os conceitos teóricos do *Newsmaking e do Gatekeeper* estão presentes nas 23 matérias analisadas, que geraram nove chamadas relatando ou opinando sobre o assassinato de jornalistas da fronteira, publicadas no Jornal Regional, no período de recorte da pesquisa. Quatro reportagens são em espanhol, pois nos três primeiros anos de circulação o periódico contava com redator bilíngue, Alejo Medieta.

62 Colombo (1988 p. 167.) o scoop é a revelação exclusiva de um facto que todos os outros (jornalistas e público) ignoram ainda. Ou então é uma ocasião preparada por outros para usar o jornalista em seu benefício ou prejuízo de outros. Mas todos os directores esperam do repórter o scoop. E todos os repórteres o ambicionam como produção ou como status. Colombo (1988, p. 167):

Pela análise das notícias, verificamos que o acontecimento sobre a morte de colegas é situação extemporânea, imprevisível, atravessa os portões e chega à redação sem ter hora marcada, ou aviso prévio. Em seguida, é submetido aos critérios de noticiabilidade para se tornar fato e virar notícia. Na trajetória, passa por interferências por meio da mediação da reportagem e da edição. É entremeado por processos constitutivos de interpretação em meio à busca de objetividade e imparcialidade, mas também atravessado pela *subjetividade do redator*.

Os crimes estão no contexto real, relatados a partir da visão de mundo do interpretante e com base nos critérios de noticialidade. Sodré (2009), por sua vez, reivindica como referência a veracidade do acontecimento sistemático. “Jornalista seria, acima de tudo, o intérprete qualificado de uma realidade que deve ser contextualizada, reproduzida e compreendida nas suas relações de causalidade e condicionamentos históricos” (SODRÉ, 2009: 62).

Sobre o acontecimento sugere a sua constituição a partir da verossimilhança, que significa a realidade portadora de uma aparência ou de uma probabilidade de verdade, a partir da relação ambígua que se estabelece entre a imagem e a ideia em que configura o enquadramento. Sodré, (2009, p. 41) explica que o “[...] o enquadramento técnico do fato pelo discurso jornalístico resulta, portanto, de um amplo consenso por atores extramidiáticos que podem ser vistos como personagens de um enredo em busca de uma verossimilhança”.

Como menciona Adelmo Genro (1987), o singular se transforma no significativo, isto é, produto de uma modalidade de apreensão subjetiva que supera o particular e o universal no interior da singularidade do fato jornalístico.

Para este autor a busca pela objetividade descreve os fatos tais como aparecem na realidade, qual seja, o abandono consciente das interpretações ou do diálogo com a realidade para extrair desta apenas o que se evidencia.

Na visão de Genro (1987) a produção de informação acontece em uma complexa mediação, tanto objetiva como subjetiva. Reproduz a singularidade fenomênica dos fatos jornalísticos, já tornada significativa pelo subjetivismo da intermediação.

Partilha da visão que os emissores e receptores são partícipes de uma mesma realidade. Por isso, esclarece, o jornalista serve de intermediário e a notícia não fica restrita ao individual, agora são grupos e classes. Conclui afirmando que a notícia deve manifestar o distanciamento efetivo da realidade produzida.

Também tece crítica ao fato de a objetividade reduzir o papel interpretativo e de diálogo do jornalista, pois reduz a atividade do jornalista a relatar apenas evidências. Ao mesmo tempo admite a manifestação da subjetividade do mediador na construção da notícia.

Entretanto Lage (1979) vê aspectos positivos no *mito* de objetividade e da imparcialidade. Aponta como vantagem as práticas da técnica que correspondem à proposição de um improvável ponto de equilíbrio diante do qual um fato ocorrido pudesse ser contado de uma só maneira justa.

O autor destaca o compromisso do jornalista com a realidade material, mesmo diante da aceleração do processo de produção e troca de informações. Denúncia, todavia, as fórmulas arcaicas de manipulação do texto. Na concepção moderna, esclarece que a prática do jornalismo não é sinônimo de manipulação e de alienação. Ao contrário, oferece amplas possibilidades de uma apreensão viva e crítica da realidade social. Situação que podemos identificar a partir da Entrevista de Profundidade e nas estratégias adotadas na produção noticiosa da realidade da violência na fronteira.

Na atribuição da imprensa como construtora da realidade, o filósofo alemão Groth (2011), no livro “*O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais*”, alerta sobre o risco de se atribuir às ideias, exclusivamente, o modo de ser da realidade. Caracteriza as ideias como “sumamente reais” porque produzem efeitos sobre os espíritos, dominam o pensamento, expressam valores e estabelece fins para as pessoas, além de influenciar todo o seu entorno.

Dessa forma, o filósofo alemão abre perspectivas para novos métodos e tratamentos no jornalismo, pois interpreta as regras da atividade como transitórias, que podem mudar, serem abandonadas e perecerem. Salaria que as ideias da realidade que o ser humano criou passam a atuar sobre ele.

Sobre o jornal como agente cultural, Groth (2011) reforça a exigência da liberdade de imprensa em nome do povo e formula a tarefa do jornalista como porta-voz do povo. Vê o jornalismo como criação do espírito e da vontade do povo, ao qual deve servir, pois é o seu criador. Alerta, entretanto, que a forma de valoração do jornalismo acontece dentro dos marcos de uma concepção técnico-capitalista – a tecnologia desenvolvida reservará, de modo coerente, à empresa editora, também as decisões jornalísticas finais e o cumprimento da sua essência.

Em relação as atribuições da empresa e do jornalismo Groth (2011) diz que ao jornalista poderá se conceder, no melhor dos casos, a função de executor. Ao se subordinar todo o jornalismo a determinado valor superior e supremo – à personalidade intelectual moral autônoma, por exemplo –, as regras tecnológicas serão bem diferentes e elas (empresas) terão a liberdade de decisão sobre as questões intelectuais. Ao jornalista caberá a função secundária

de lutar pela sua liberdade intelectual, pois todo o jornalismo é resultado de ação individual e social, sujeito às normas dessa relação.

Nesse contexto, as conceituações apresentam reflexos com a prática do jornalismo de fronteira. Na busca do dever social de combater o narcotráfico, a corrupção e descaminhos, o jornalista se torna o porta-voz de setores sociais que clamam por segurança. A partir do poder comunicativo avança sobre os limites da técnica, num espaço em deveria agir intelectualmente, como recomenda Groth (2011). Essa postura proporciona certa projeção profissional, simultaneamente o expõe face ao poder paralelo do crime organizado que decide sobre a vida ou morte de seres humanos.

Nessa linha argumentativa, Barbero (2003), defende que o jornalista tem a pertinência da mudança no lugar das perguntas. Recomenda, porém, que não se recaia no erro da paralaxe, passando desta forma da singularidade dos acontecimentos noticiosos. Na visão do autor, substância constitutiva da narração jornalística na busca pela compreensão das notícias como formas simbólicas em seu sentido ampliado.

Sousa (2005, p. 74) recorre a Shudson (1988) para explicar que as notícias são confluências que busca conciliar várias explicações. Se isoladas são incapazes de explicar esse produto e porque elas são como são. Aponta com fatores impactantes a ação pessoal, produto de pessoas e suas intenções, que reflete na organização jornalística e nas formas de se adaptar ao meio. Contém respectivos constrangimentos que independe da intervenção pessoal, pois a ação cultural e os limites estabelecidos pelo fenômeno, acontecem independente das intenções pessoais e dos constrangimentos organizacionais.

Assim, a mediação do jornalista expõe os fatos sociais na vida pública. É, por excelência, a arena da disputa do campo democrático. Dessa forma, trata-se da busca por novas narrativas nesse contexto cultural plural, diante da tendência permanente dos meios de comunicação em construir a homogeneização da opinião pública a partir de padrões editoriais harmônicos.

Para quebrar padrões preestabelecidos, Sodré (2009, p.41) recomenda que a imprensa se paute pela verossimilhança, uma realidade portadora de uma aparência ou de uma probabilidade de verdade na rela o ambígua que se estabelece entre imagem e ideia. Ressalta que o enquadramento técnico do fato pelo discurso jornalístico resulta, portanto, de um amplo consenso por atores extramidi ticos, que podem ser vistos como personagens de um enredo em busca de uma verossimilhança.

O fazer da notícia deve, então, congrega diversos ângulos ou campo, pois se constrói e comunica narrativamente as transformações, as passagens do fluxo cotidiano. Na conceituação de Blanchot (1994) não é o relato do acontecimento, mas o próprio acontecimento, aproximação desse acontecimento, um lugar ainda a produzir o acontecimento que ainda está por vir e por cujo poder de atração pela narrativa pode esperar, também ela, a realizar-se.

Moretti (2003, p. 15) ressalta que, “quando uma novidade tão prosaica e modesta consegue difundir-se por toda a parte deve haver algo na cultura circunstante que se encontra em profunda sintonia com ela”.

O tratamento noticioso fragmentado, característica da notícia, também pode proporcionar o relato dos fatos a partir de uma falsa enunciação. Quando este recurso predomina, compromete a veracidade e a credibilidade do jornal e do jornalismo, visto que a representação dos fatos põe em jogo crenças ou pressupostos tendentes a validar essa mesma veracidade.

As fundamentações apresentadas permitem entender o tratamento dispensado por parte a imprensa sobre a fronteira como espaço da violência. Uma realidade construída a partir da colaboração dos veículos de imprensa locais e nacionais que superdimensionam apenas aspectos negativos da fronteira, cuja causas efeitos precisam ser estudadas.

Hoje, em plena vigência mídia da mídia eletrônica de massa, tem-se consciência que a notícia não apenas representa ou transmite “aspecto” da realidade – hipótese embutida no modelo funcionalista, mas de que ela é capaz de construir uma realidade própria”. (SODRÉ, 2011, p. 25).

A ação editorial dispensada pelo meio profissional, de certa forma, colabora com a estigmatização desse espaço territorial, portador de outras formas e valores de sociabilidade. Retroalimenta processos de agendamento focado na especularização da violência.

[...] na medida em que se chega a ele não por meio dos dados brutos da realidade mas a partir dos questionamentos sobre esses dados no sentido do que se pensa sobre eles, no caso da violência obvia representações torna-se tão importante quanto, na medida em que permite conhecer quais crenças, valores e sentimentos fundamentam, orientam, e muitas vezes tentam mesmo legitimar os atos de violência.(FAISTING; CARBONÁRIO, 2016, p. 29).

As notícias divulgadas não retratam aspectos que colaboram com a imagem positiva da fronteira, como a integração, interculturalidade, parcerias mútuas e ação conjunta, independente dos Estados, para a resolução de problemas comuns da fronteira. “Quase sempre cidades são retratadas como lugares ermos, marginais e com alta incidência de crime. Podemos

relatar também que a mídia nacional estimula um discurso preconceituoso com relação aos países vizinhos. (OTA, 2015, p. 182).

Comentando sobre a rotina jornalística, Silva (2017) reconhece o desenvolvimento do modo jornalístico de narrar a vida cotidiana a partir de uma deontologia própria (a pirâmide invertida, os critérios de noticiabilidade, as fontes como *experts*, os paradigmas da objetividade, da impessoalidade e da imparcialidade etc.). O processo para o autor é calcado na regularidade e na racionalidade, entretanto não pode ser compreendido desentranhado desse modo de experimentação do mundo, isto é, fora de uma história de valores mais amplos e aderentes penetrados na vida cotidiana como estruturas de pensamento.

Do ponto de vista da construção da notícia, as 23 matérias e chamadas produzidas pela equipe de reportagem assumem o caráter de notícia informativo: Jornalista Paulo Rocaro foi morto a tiros; Paulo Rocaro foi morto a tiros; Morte de Rocaro traz luto para jornalismo de fronteira; Amigos e colegas destacaram capacidade e competência de Rocaro; CIPP lamenta morte do jornalista Paulo Rocaro; Assassinato de jornalista completa 1 ano sem polícia elucidar crime; Manifestação lembrará 1 ano da morte e jornalista; Empresário é fuzilado na avenida Brasil; Empresário é fuzilado no centro de Ponta Porã; Assassinato de radialista em Pedro Juan sem pistas; Faleceu fotógrafo e jornalista⁶³; Faleceu fotógrafo e jornalista baleado⁶⁴; Matam o periodista radial da rádio Amambay 570; Matan a periodista radial de rádio Amambay 570⁶⁵; É coisa do narcotráfico⁶⁶; Radialista assassinado em Pedro Juan (capa); Radialista assassinado em Pedro Juan (Interna); Assassinado periodista aponta diretamente para o narcotráfico⁶⁷; Te asseguro de que morra⁶⁸; Radialista paraguaio assassinado em Ponta Porã (capa); Radialista paraguaio executado em Ponta Porã (interna); Jornalista Paraguaio é executado; Assassinato de radialista choca a fronteira; Assassinato de radialista em Pedro Juan sem pistas: Assassinato de Marceino Vasquéz assombra a população⁶⁹; Marceino Vásquez, um exemplo de superação⁷⁰: Fotógrafo assassinado em

63 Fallecio fotógrafo y periodista baleado;

64 Fallecio fotógrafo y periodista baleado.

65 Matan a periodista radial de rádio Amambay 570;

66 Es cosa del narcotráfico;

67 Asesinato de periodista apunta directamente al narcotráfico;

68 Se aseguraron de que muera;

69 Asesinato de Marcelino Vasquéz assombra a la población

70 ; Marcelino Vásquez, um exemplo de superación

Pedro Juan.⁷¹ As construções empregam em grande chamadas com o verbo ser e estar, o materializa a simplicidade textual empregada nas chamadas e o conceito de atualidade factual.

A notícia e a reportagem, como explica Medina (2001) não faz muito tempo era considerado um gênero literário. Com o decorrer dos anos por exigência dos eleitores, organização do processo produtivo no modelo empresarial e busca de identidade própria começou a se teorizar sobre os gêneros criados pelo próprio estilo de jornalismo

Marques de Melo (2010) e Assis (2016) classificam os principais gêneros em três grupos: informativo (reprodução do real), opinativo (leitura do real) e interpretativo. (aprofundamento da notícia). Como gêneros da categoria opinativa, Marques de Melo (2003) inclui o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta. Já na categoria do jornalismo informativo estão a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista (COSTA-HÜBES; FEDUMENTI, 2010, p.3).

A Análise de Conteúdo das amostras colhidas do *Jornal Regional* apresentou fortes características do conteúdo informativo nos textos sobre execução dos jornalistas. Mesmo matérias com possibilidade de melhor interpretação, com o a execução do jornalista Roberto Rocarro (Anexos A a D), ou Marcelino Vasquez (Anexos de N a O), com maior destaque do ponto de vista de conteúdo, limitou-se a relatar, articular os fatos ocorridos e o contexto, sem nenhum conteúdo mais aprofundado, como requer o trabalho de reportagem. O estilo adotado pela redação ficou também retratado na matéria sobre a última execução ocorrida em Ponta Porã, em 2015, envolvendo o crime do jornalista Gerardo Servian⁷² (Anexo G). Apesar de relevante do ponto de vista dos critérios de noticiabilidade ganhou pouco destaque de conteúdo e editorial e praticamente consistiu em uma nota de redação.

As fontes são pouco exploradas nas notícias sobre a execução de jornalística, o que poderia ser compensado com desdobramentos nas edições seguintes ou por meio de matéria especial de caráter investigativo, o que poderia ser um diferencial no jornalismo de Ponta Porã e Pedro Juan, visto que, no jornalismo do interior, o profissional está mais umbilicado com as fontes, com os protagonistas da notícia.

Os periódicos interioranos não se pautam pelos grandes eventos de repercussão nacional ou mundial. O seu universo é constituído por eventos locais. As pequenas competições esportivas, o aniversário do município, as tradições folclóricas da

71 .Fotografo assinado em Pedro Juan.

72 Mais informações: TONHATI, Wendy. Radialista paraguaio é executado com vários tiros, em Ponta Porã. Midiamax. 25 de mar. de 2015. Disponível em:<https://www.midiamax.com.br/policia/2015/radialista-paraguaio-e-executado-com-varios-tiros-em-ponta-pora/>. Acesso em: 18 ago. 2018.

comunidade, as decisões do Executivo e do Legislativo municipal, as convenções locais dos partidos políticos, as assembleias dos sindicatos, enfim, a priorização das notícias internas. (FERNANDES, 2013, p. 121)

Do ponto de vista de conteúdo, a opção pela linha informativa, centrada no formato de notícia, está relacionada diretamente as condições de trabalho e de infraestrutura presente na redação. Ao fato de se desenvolver a atividade na faixa de fronteira, em coexistência com o risco permanente e toda sorte de pressão presente nesse meio social.

As entrelinhas das notícias produzidas pela equipe de redação do *Jornal Regional*, deixam transparecer uma relação de proximidade paradoxal com as fontes, pois propicia atitudes de intimidação, autocensura e até mesmo de complacência.

Está submetida a pressão social do meio em que convive diariamente e dele depende para manter sua aceitação, credibilidade e a sobrevivência.

Esses laços afetivos, sem dúvida, vão influenciar os jornalistas do interior, no sentido de pensar e do fazer jornalismo. Os critérios de seleção da notícia terão peso diferenciados em relação aos jornais metropolitanos direcionados principalmente pelo fator proximidade. (FERNANDES, 2013, p. 131).

Essa forma de produzir notícias local é atravessada por processos de censura e autocensura incidem na qualidade da informação produzida para o leitor. Recai também em rotina condicionada as condições de ambientação.

[...] as fontes são quase sempre as mesmas e só ganha relevância midiática o que já for pautado como notícia – e o da forma – há todo um aparato de linguagem, de rotinas produtivas do jornalismo, de economia do tempo, do espaço e da imagem para que um fato seja alçado à condição de acontecimento e ganhe todas as mídias. (PORTO, 2010, p. 217).

Questionada sobre a pouca repercussão com as fontes nas matérias, com base no questionário, Talavera (2019) justificou que as cidades de Ponta Porã e Pedro Juan são pequenas e a ocorrência de fatos é limitada, concentrando-se na cobertura de crimes.

No contexto fronteiriço, o assassinato de jornalista é um fato inusitado. Como explica Traquina (2006, p. 31) é a decretação da pena capital como forma de recado quando o profissional de imprensa se coloca como sensor da sociedade e da política ao informar os temas, assuntos e problemas que não eram levados aos tribunais de Justiça.

Como forma de entender o impacto do crime contra comunicadores em atividade, entrevistamos também o jornalista Edmondo Tazza, de 56 anos, 36 deles na profissão, boa parte em Ponta Porã. Proprietário do Site *Sem Censura News*, atua também como free lancer nos jornais semanários *Jornal de Notícias*, de João Natalício, e no diário *Tche Fronteira*, de Pedro Zadir, concorrente do *Jornal Regional*, fundado há cerca de dois anos.

Em resposta ao questionário de Entrevista de Profundidade⁷³, o jornalista Edmondo Tazza (2019)⁷⁴, relata que na rotina do jornalismo que desenvolve em Ponta Porã jamais enfrentou problema de ameaça ou ato de violência. Para tanto, disse que procura seguir a recomendação que rege o estatuto da categoria, de sempre ouvir as fontes envolvidas no fato e as respectivas versões.

Parti do princípio que por detrás da notícia sempre existe uma pessoa, um cidadão, com a visão de mundo que muitas vezes não é a sua. Recomena que o jornalista não escreva a *bel prazer*, ou que vier na cabeça, pois deve ter muita responsabilidade naquilo que coloca no papel.

No contexto de fronteira, a notícia publicada sobre a causa morte de jornalista contribui na construção da representação da violência nos meios de comunicação de massa, alimentando a fala do crime. Dessa forma, os conteúdos publicados, se não são diretamente responsáveis pelo aumento da violência e da criminalidade, funcionam, quando menos, como um canal de estruturação de sociabilidades violentas, já que neles a violência é, não raro, apresentada como um comportamento valorizado. (PORTO, 2009, p. 227).

Pela *Álise de Conteúdo das Reportagens publicadas no Jornal Regional* confirmamos que a violência assume o protagonismo informativo jornalístico da fronteira. Na rotina de produção, de forma consciente ou inconsciente, o repórter reproduz o cotidiano e a leitura que consegue extrair da realidade.

Tudo o que nós observamos, absorvemos na consciência e julgamos (em sentido lógico). O que nós vivenciamos está sujeito desde o começo à 'constituição' do sujeito conhecedor, é processado e transformado por ele, é adulterado por meio de acentuações, complementações e omissões. (GROTT, 2011, p. 369)

A matéria sobre a execução do jornalista Roberto Cardoso Rodrigues (*anexos A-B*) apresenta traços de subjetividade do redator, com elogios ao papel desenvolvido pelo profissional no combate à violência da qual foi vítima, a sua participação político-partidária, sentimento familiar e a manifestação de entidades classistas, como o Clube de Imprensa de Ponta Porã (CIPP) e o Sindicato dos Jornalistas de Mato Grosso do Sul (Sindjor-MS).

Repercutem nota condenando a ação, considerada um atentado à liberdade de expressão e cobrando a investigação do caso. O Sindicato Rural, do qual era assessor de

73 Entrevista realizada no dia 21 de agosto de 2019.

74 O profissional começou a profissão em Ponta Porã, na redação do Jornal da Praça. Trabalhou no extinto Jornal Diário da Serra de Campo Grande e nas redações da Coordenaria de Comunicação do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Atualmente escreve para o periódico *Chê Fronteira* e o semanário *Jornal de Notícia* é assessor de imprensa da Associação Comercial de Ponta Porã e editor do site *Ponta Ponta Informa*.

imprensa, também se manifestou com o presidente Diovano César faz a seguinte menção. “Um grande profissional que sempre prestou excelentes serviços ao Sindicato”.

Talavera (2019), na Entrevista de Profundidade confessa que o crime que a sensibilizou foi o de Rocarro pelo fato serem companheiros de redação por bons anos no *Jornal da Praça*.

O tratamento editorial dispensado pela redação deixa transparecer a importância factual do ocorrido para a sociedade. Ganha abre de meia-página interna com fotos e chamada de capa também com fotos. Das matérias analisadas, também é a única que ganha repercussão um ano após o crime (Anexos C-D). A pauta partiu de uma ação externa, na qual foi organizado protesto para cobrar a investigação do caso.

Nas quatro matérias publicadas no *Jornal Regional* não são apontados suspeitos, tanto na chamada de capa com na matéria internas veiculadas nos dias 14 de fev. de 2012 e 6 de fev. de 2013. As fontes oficiais ficam na defensiva e não apresentam nenhuma novidade quanto à punição dos envolvidos. Revelam apenas que a linha de investigação apontava para um crime de motivação política. (Anexos A-B).

O crime do empresário Luiz Henrique Rodrigues Georges (Tulu) recebe tratamento editorial especial, todavia sem o teor de repercussão, mesmo com fontes sociais. Ganha tratamento qualitativo na chamada da capa, duas fotos rasgadas que contextualizam a cena do crime e uma chamada de duas colunas que ocupa mais de ¼ de página.

Na matéria interna, o título ganha duas linhas e subtítulo, ocupa também ½ página, com duas fotos de cinco colunas. Descreve o contexto do assassinato. Resgata que Luis Rodrigues Georges (Tulu) foi candidato a Deputado Federal. Não aponta, entretanto culpados e nem suspeito. Também não menciona a atividade empresarial da vítima, nem que era proprietário do Jornal da Praça, concorrente do Jornal Regional. Muito menos de que era suspeito de participação em atividades ilícitas (contrabando). O redator também não faz nenhuma repercussão do crime com a polícia ou com outros atores políticos e empresariais da cidade (Anexos E - F).

O conteúdo, conforme pode ser verificada na sessão anexos, relatam os fatos no modelo tradicional da pirâmide invertida. São redigidas com *lide*, contêm as informações básicas: quem, o quê, quando, como, onde, e, em algumas o porquê. Pela Análise de Conteúdo, revelam a cobertura do fato em si, em forma noticiosa, sem a presença de um trabalho investigativo mais aprofundado. A lacuna poderia ser superada com planejamento editorial, por meio de trabalho

de reportagem mais efetiva junto órgãos oficiais e fontes não oficiais, pois envolvem temas de alta relevância na área de direitos humanos, de interesse político e social.

A mesma característica editorial acontece em relação ao crime do radialista Fausto García Alcaraz. A matéria também ganha chamada, abre de página na capa, duas matérias internas, em língua espanhola e portuguesa, fotos em ambas (*Anexos I-J-K*). Na versão espanhola, em forma de box, sem circulação, o então senador paraguaio Roberto Acevedo, proprietário da emissora de rádio Amambay, 570, atribui o crime ao narcotráfico e a corrupção da polícia. Faz crítica ao comando do Departamento de Narcóticos de Pedro Juan, o qual acusa de ser subjugado aos traficantes.

No texto, o editor joga as acusações para uma fonte oficial, com imunidade e suporte de segurança, para repercutir o fato, entretanto, não ouve a instituição atacada. Relata a presença do Ministério Público paraguaio e do Sindicato dos Jornalistas do Paraguai. Todavia, não apresenta desdobramentos sobre a investigação. O radialista era estudante de Direito. Não há repercussão nas edições seguintes.

A execução de Marcelino Vázquez ganha destaque em três matérias e um artigo, ambos com maior volume de conteúdo das matérias, analisadas. Recebe chamada de capa em forma de box com foto, no lado direito da página (*Anexo N*). A matéria interna, em espanhol (*Anexo P*), ganha abre de página interna com foto da emissora onde ocorreu o crime. A interna, em língua Portuguesa, relata que a polícia não faz alusões a suspeitos. (*Anexos O*). Logo abaixo, um artigo (*Anexo Q*), sem assinatura do autor, resgata a trajetória de vida e de superação do radialista, acentua a popularidade do jornalista como promotor de eventos e então vereador de Pedro Juan. Também não apresenta desdobramentos, nem novidades sobre o crime.

A única matéria com traços de conteúdo investigativo é a referente ao assassinato do jornalista Pablo Medina, correspondente do diário de circulação nacional no Paraguai, o ABC Color e de sua assistente, Antonia Mirabel Almada, na cidade de *Curuguaty*, departamento de *Canindeyú*. A matéria que ganha abre de página relata com detalhes a trajetória e a cena do crime de emboscada. Narra o contexto da execução das duas pessoas. Contém traços de subjetividade do redator: “[...] a uns 50 kilómetros de la cidade de Curuguaty, donde nuestro compañero era corresponsal [...]”. Aponta o nome do suspeito, o motivo do crime (denúncias envolvendo narcotraficantes da região). Ao lado da matéria, há um box, sem cercamento, onde o redator descreve novamente o contexto do crime e a prisão de cinco suspeitos.

Para enriquecer de detalhes, o repórter recorre a um radialista da cidade e repercute o crime a um agente da polícia. A reação imediata da polícia com desdobramentos em prisões

pode ter ocorrido em razão do peso editorial do jornal na formação da opinião pública do povo paraguaio. A foto da matéria contextualiza o sepultamento do jornalista. Entretanto, a chamada de capa não ganhou destaque, ficou perdida como bloco de uma coluna no meio da página, sem foto. Poderia ser mais bem explorada editorialmente em função do apelo do acontecimento e a relevância social, por se tratar de correspondente regional. (Anexos L-M-R).

O crime contra o empresário Luiz Henrique Rodrigues Georges (“Tulu”) também recebeu tratamento qualitativo na chamada da capa. Duas fotos rasgadas contextualizam a cena crime e uma chamada de duas colunas, ocupando mais de um quarto de página. Na matéria interna, o título ganha duas linhas e subtítulo, ocupa também meia página, com duas fotos de cinco colunas. Descreve o contexto do assassinato, cita que “Tulu” foi candidato a deputado federal, mas não aponta culpados nem suspeitos. Também não menciona que era proprietário do *Jornal da Praça*, concorrente, e que era suspeito de participar de atividades ilícitas (contrabando). O redator também não utiliza nenhuma fonte, não faz nenhuma repercussão do crime no meio policial nem cita outros atores políticos e empresariais da cidade. (Anexos E-F).

O último assassinato registrado em Ponta Porã envolveu o radialista Gerardo Servian. O fato ganhou abre de capa com subtítulo, mas sem foto e sem chamada. Na matéria interna, há uma foto de perfil social. Relata o contexto do crime e a presença da Polícia Civil e do Corpo de Bombeiros. Não aponta suspeitos ou linha de investigação. O editor tenta humanizar o relato citando que, no momento do crime, o irmão ouvia a notícia crime pelo rádio. (Anexos G-H).

A análise das reportagens coletadas aponta para um limite discursivo no fazer jornalístico da fronteira. Limite que revela doses de censura e de autocensura que atua no sentido intimidar a ação investigadora presentes na reportagem. Mecanismos de censura que se manifestam da forma violenta quando necessária, com o objetivo de cercear a liberdade de expressão.

O comportamento de autocensura também está relacionado a limites técnicos, condições de trabalho e de segurança existentes na zona fronteira, sem a plena garantia para o exercício profissão. Condicionantes cerceia o protagonismo do jornalista como mediador e produtor de notícia, manifestado pela objetividade dos fatos nos textos informativos produzidos, sem o necessário aprofundamento investigativo. Objetividade que apresenta liites e deixa transparecer a leitura de mundo nas entrelinhas do texto.

É realmente inviável exigir dos jornalistas que deixem em casa todos esses condicionantes e se comportem diante a notícia, como profissionais assépticos, ou como uma objetiva de máquina fotográfica, registrando o que acontece sem imprimir, a ao fazer seu relato, as emoções e as impressões puramente pessoais que o fato nele provocou”. (ROSSI in GENRO, p. 15)

Contudo, as notícias produzidas tornam públicas a violação aos direitos humanos contra o profissional de imprensa. Denunciam ainda que de forma tímida e velada o limite institucional das políticas de segurança, sem apontar culpados diretamente. Questionam a incapacidade do aparato jurídico de enfrentar de igual para igual o poder do narcotráfico e da corrupção entenhada na máquina estatal dos dois países.

2.5 Os desafios de fazer jornalismo na fronteira

As cidades fronteiriças consolidam um processo comunicacional intenso já que as pessoas e informações circulam livremente”. Com retrata Soares (2015, p. 143) é [...] “um processo permanente de comunicação transmitido por meio de jornais, sites, emissoras de rádio e televisão existentes nos dois lados da fronteira”.

Ao analisar o valor notícia, mesmo com as constantes migrações e imigrações informativas, a proximidade é o principal diferencial da imprensa fronteiriça em relação à cobertura em rede nacional ou regional.

[...] importa entender que o local se caracteriza como um espaço vivido em que há elos de proximidade e familiaridade, os quais ocorrem por relacionamentos (econômicos, políticos, vizinhança etc.). [...] laços de identidades os mais diversos, desde uma história em comum, até a partilha dos costumes, condições de existência e conteúdos simbólicos, e não simplesmente em decorrência de demarcações geográficas. (PERUZZO, 2016, p.69).

Tétu (1977) explica que “para definir o local é preciso observar três componentes: a proximidade, o pertencimento a um grupo social e a efetividade do pertencimento”. Ou seja, a discussão extrapola o território e se traduz no local onde acontecem os conflitos e os efeitos das decisões em desigualdade como o acesso à cultura, à saúde, ao transporte, à educação, ao lazer, e outros.

O ato de fazer jornalismo na faixa de fronteira é um desafio constante, cotidiano, de garimpar fatos de interesse e relevância social. Nesse aspecto há necessidade de se dialogar, ouvir e sistematizar a experiência de quem convive, interage no cotidiano pelo ato de transformar fatos em notícias.

Preocupados em conhecer a realidade além dos livros, por meio da Entrevista de Profundidade, ouvimos longamente o relato de dois jornalistas que falaram da rotina noticiosa da fronteira na produção de jornal impresso. O diálogo nos possibilitou o confronto teórico

com a realidade local das redações. Relevou peculiaridades e táticas adotadas de como sobreviver da produção de notícias em meio a convivência com o risco profissional.

Buscamos compreender também a essência do jornalismo impresso fronteiriço a partir dos conhecimentos sistematizados de pesquisadores que estudam as características da imprensa do interior e regional do ponto de vista organizativo, do fazer jornalísticos, vocações e estilos. Para tanto, aproveitamos dos conceitos e teorias de pesquisadores que estudam a realidade peculiar da fronteira, sistematizando conhecimento e desenvolvendo hipótese da realidade circundante das bordas do país em meio aos reflexos da globalização.

No período de recorte da pesquisa levantamos a execução de sete jornalistas paraguaios e dois brasileiros. Com base na Entrevista de Profundidade, Talavera ((2019) atribui a diferença no quantitativo de assassinatos entre os dois países a denúncias envolvendo políticos ou o narcotráfico. Considera a medida como limite, visto que o jornalista atua na fronteira seca deve ser realista quando se refere a preservação da vida.

Para Talavera (2019) os casos de assassinato de jornalista na fronteira seca de Ponta Porã com Pedro Juan Caballero acontecem em função da forma com que os colegas paraguaios fazem o jornalismo, pois assumem a crítica direta à corrupção e o narcotráfico em forma de julgamento, sem atribuir a repercussão do fato às fontes envolvidas, sem ouvir o contraditório, prática mais adotada pelos jornalistas de Ponta Porã.

A explicação da editora, todavia, é superficial, resgata apenas um aspecto da realidade sobre os fatos analisados. Pois os motivos para as execuções de profissionais da imprensa são mais complexos. Envolve diversas faces da realidade. Com base nos relatos das entrevistas de profundidade e das análises de conteúdos as causas vão desde a conduta ética, passando pelo emprego da técnica de reportagem, em que o profissional devia assumir a postura de mediador, à denúncia sem a devida proteção do sistema de segurança, além da ausência de falta de regulação e de conduta ética para os veículos de comunicação.

Como caracteriza Sodré (2009) a notícia pode ser a derivação dos acontecimentos marcados por relatos de fatos significantes. Tais acontecimentos têm correspondências direta com o crime de crime de jornalistas. Implica na passagem no estado de uma coisa ou de pessoa. Pondera que a imprensa também colabora na manipula o e irrup oes maléficas, atravessada pela subjetividade, tendenciosidade ou mesmo falta de um planejamento produtivo nas reda oes.

Como exemplo, Talavera (2019) aponta a execução do radialista Marcelino Vázquez. “Na emissora era o dia inteiro falando de um traficante ou criticando suas atividades empresariais e ligações.”

Talavera (2019) também aponta como causa dos óbitos as condições sociais e a baixa remuneração dos profissionais que trabalham no sistema de segurança da fronteira. Declara que os jornalistas paraguaios vitimados se expõem em demasia, face à insegurança decorrente do nível de corrupção da polícia paraguaia. “Eles ganham muito mal. Para ganhar a vida têm que se sujeitar a fazer vista grossa em relação aos assassinatos e a atuação do narcotráfico. Já em Ponta Porã avalia que já é possível contar com a maior presença da polícia.”

A situação de insegurança é bem relatada na matéria alusiva a morte do radialista Gabriel Alcaraz: *É coisa do Narcotráfico* (Anexo I,) em que o então senador paraguaio, Roberto Acevedo, denuncia inclusive o Departamento de Narcótico do Paraguai (DENAR) de envolvimento direto com o narcotráfico.

Diante a situação de risco envolvendo denúncias, Talavera (2019) aconselha que o profissional não tem a necessidade de se expor tanto para desenvolver a atividade. Acredita que a profissão na fronteira possa ser exercida de forma tranquila, a partir de relatos ponderados, com isenção e observando as regras estabelecidas, que nem sempre são seguidas pelos jornalistas executados. Admite alguns exageros praticados contra profissionais assassinados. “Alguns não tem medida, às vezes vão escrevendo ou falando sem se importar com o que isso acarreta ou a quem pode atingir. Há de se considerar que atuam em local inseguro, que é preciso tomar cuidado”, declarou.

Mesmo diante das estatísticas de execução de jornalistas anteriormente mencionados, a redatora não vê a atividade jornalística em Ponta Porã como risco. Sugere o bom senso na atividade, pois lembra que nem sempre é possível exercer a atividade de forma segura e independente numa fronteira seca.

Para Tazza (2019), há uma diferencial para exercer o jornalismo na fronteira, pois a exemplo do explicitado por Talera (2009) reforça que na atividade “tem que se pisar em ovos, saber sobre o fato e principalmente sobre o que está escrevendo”. Destaca que a questão ética é primordial para exercer a profissão, “não só aqui, como em qualquer lugar”. Esclarece que sobrevive no jornalismo pont-a-poranense porque não tem o hábito de utilizar o poder do jornalismo como arma ou ameaça.

O editor explica que “o jornalismo investigativo em Ponta Porã é bem agitado, mas “tem-se que saber, conhecer a área, o caminho das pedras”. Salienta que “é diferente fazer jornalismo

na fronteira e fazer em Campo Grande ou em Dourados, onde trabalhou também. Sugere que o profissional conheça o local onde atua e não fique jogando “*toco no ventilador*, ou seja metralhadora giratória a disparar por todos os lados. Sobre a pauta explica que assunto tem, em todas as áreas, tanto no poder público, com setor privado”.

Sobre a criminalidade presente na fronteira, Tazza comenta que “a peculiaridade mais marcante é a impunidade em função da linha seca. O ‘cara’ mata no Brasil e vai para o Paraguai; mata no Paraguai e vem para o Brasil.” Revela, ainda, a existência de jogo combinado até mesmo com o narcotráfico como forma de os jornalistas se preservarem. Acrescenta: “quando não tem acerto com a polícia...”

Traçando comparativo entre os riscos presentes na atividade, Tazza ressalta que infelizmente, no Brasil, o que manda é o dinheiro. Você compra do engraxate ao juiz de direito. Você compra qualquer um. E destaca a fórmula: recomenda que o profissional não se meta em *imbróglis*, pois, apesar da força da imprensa, o jornalista é ser humano, não é à prova de bala. “*Então, se você quiser se meter nestes enroscos, começar a dar muito palpites, o primeiro que vai para saco é você*”.

A atividade jornalista da fronteira é retroalimentada pela fala crime, pela violência e interfere na impressão do fenômeno. Caldeira (2000, p.27) menciona que o “medo e a fala do crime não apenas produzem certos tipos de interpretações e explicações, habitualmente simplistas e estereotipadas, como também organizam a paisagem urbana e o espaço público”.

Para o autor, a fala do crime é também fragmentada e repetitiva. Surge nas mais variadas interações, pontuando-a, repetindo a mesma história ou variações da mesma história, comumente usa apenas alguns recursos narrativos

Sobre a cultura da violência presente na atualidade, Moscovici (1989, p. 30) nos desafia a pensar nessas transformações: “Pensar em fenômenos como a violência na contemporaneidade significa, também, pensar o problema da fragmentação e da diversidade”.

Para o autor, a pauta persistente sobre violência midiática pode esconder interesses diversos no jogo de disputa que se chocam o público e o privado em relação a segurança pública.

Porto (2009, p. 217) explica que “os fenômenos da violência, ao serem enfocados pelos meios de comunicação parecem querer sinalizar a barbárie, colocando-nos às vésperas de uma guerra civil”.

Para o autor, a mídia é um dos canais mais significativos a expressar tal clamor. Por meio de suas narrativas e discursos, suscita a existência de uma crise no sistema de segurança pública, imputada à carência e precariedade de recursos humanos e materiais e à baixa eficácia

dos procedimentos, articulando causas estruturais as circunstâncias conjunturais. (PORTO, 2009, p. 219). Assim, o tratamento midiático da violência vai ao encontro dos interesses de mercado ou como instrumento de retórica da classe política.

Mesmo diante de desafios, há presença de otimismo em relação às potencialidades da mídia de interior. No Brasil, a mídia local e regional, por força de uma conjuntura expressa a partir da globalização e pela crise econômica dos grandes meios de comunicação, parece expressar a redescoberta do local (por extensão do regional) como outro território, outro mercado, que quer ser respeitado nas suas especificidades. Acrescenta ainda outro diferencial competitivo:

Sousa (2002) apresenta características importantes da imprensa local como o registro de memória, produção simbólica e de integração. Para o autor, a imprensa local e regional também serve como registro da memória coletiva, cumprem a função informativa e utilitária, contribuem para integração e reintegração da comunidade, para a produção simbólica comunitária, despertam o sentimento de pertença e atuam no sentido de projeção do local no global.

Beltrão (1963, p. 25) acentua as características da mídia interiorana apresentadas, salienta que os jornais interioranos sempre foram, no Brasil, veículos de ideias de reivindicações e cultura das populações regionais. Pondera que em outras ocasiões, a comunicação social regional e local poderá contribuir para formar e solidificar consensos. Contraditoriamente, alerta que também pode atuar no sentido de consolidar o processo democrático como também escamotear ou distorcer a realidade local a partir da interferência do poder político e econômico.

A imprensa do interior também cumpre o papel de contribuir na identidade comunitária, despertar noções de cidadania ou de marginalidade, além de reforçar o entrelaçamento no local em que o cidadão convive.

É na prática concreta da convivência comunitária que o cidadão acrescenta seus elementos referenciais. É ali que ele vive, trabalha, fortifica laços culturais, define sua personalidade, forma-se cidadão ou marginal, constitui família e sente que é onde pode interferir na construção de um futuro melhor para os seus. (FERNANDES, 2014, p. 134).

Para Müller (2015), a imprensa local e regional, ao seu modo, participa na construção de uma realidade sobre a fronteira, os significados carregados pelos seus habitantes. Reforça hábitos e atitudes peculiares ao local.

Silva (2013, p. 30) defende que “o jornal regional é mais admirado porque valoriza o familiar, o normal, o fato comum, do que quando explora o bizarro ou o sensacional”.

Entretanto, a diferenças sobre o que se entende de proximidade temática e proximidade geográfica. Para Fernandes (2013, p. 110) “a primeira é relativa a grupos que necessitam intercambiar informações, interesses e expectativas comuns, ainda que milhares de quilômetros distantes”.

Desta forma, os conceitos e características apresentados, as reflexões possibilitadas pelo trabalho campo, por meio das entrevistas de profundidade e análise de conteúdo, detectamos que a mídia fronteira tenta superar o fazer o artesanal pelo processo organizativo requerido pelas novas tecnologias. Está em processo constante de construção que pode possibilitar novas experimentações linguagens, formatos e modelos diferenciados e com estilo próprio.

CAPÍTULO 3

3.1 Análise sobre os casos de violência contra jornalistas no *Jornal Regional*

A intenção inicial da pesquisa era fazer um amplo levantamento das notícias sobre crimes jornalistas de fronteira em Ponta Pora (Br) e Pedro Juan Caballero (Py) publicadas no jornal da *Praça de Ponta Porã*, um dos periódicos mais antigos em circulação nas duas cidades.

Todavia, na pesquisa exploratória iniciada em fevereiro de 2019 identificamos que todo acervo do veículo foi destruído por falta de armazenamento inadequado.

Diante do problema, houve a sondagem dos demais períodos existentes duas cidades. A opção então se deu sobre o sobre *Jornal Regional*. Com cinco edições semanais, o veículo começou a circular no ano de 2012. Dessa forma, estabelecemos o recorte temporal dos crimes de mandos contra jornalistas ocorridos no período de 2012 a 2018. Esse recorte possibilitou identificar sete casos de execução publicados no periódico, desdobrados em 23 matérias relacionadas ao objeto em estudo, cujo período de circulação coincidia com o recorte temporal proposto na pesquisa, delimitado no período de 2012 a 2015.

O *Jornal Regional* circula com cinco edições semanais e todo o acervo das edições catalogados cronologicamente e encardados, fato que limitou a qualidade apresentada nos anexos e dificultou o trabalho de escaneamento digital imagens pela impossibilidade de manipulação em razão do peso e do tamanho. A opção, então, foi o registro fotográfico que não resultou na qualidade desejada.

Para a representação construída pela matéria veiculada no *Jornal Regional* recorreremos ao método de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, sistematizada pela pesquisadora francesa, professora de Psicologia da L'Université Paris Descartes, autora da obra *L'analyse de Contenu* (1977). A técnica consiste em um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis, em constante aperfeiçoamento que podem ser aplicados a ‘discursos’ (conteúdos e continentes). “A análise de conteúdo aparece com um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que

utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo da mensagem (BARDIN, 1977, p. 38).

As 23 amostras identificadas no levantamento documental das publicações do Jornal Regional corroboravam os acontecimentos do fenômeno pesquisado. Apontavam “pistas” sobre outros elementos constitutivos dos fatos analisados.

Pelo levantamento realizado no ano de 2019 identificamos oito crimes noticiados no período, desdobrados em 23 matérias referentes aos jornalistas envolvidos, dentro do período pesquisado.

Tabela 5–Execuções de jornalistas registradas entre 2012 e 2018 no Jornal Regional.

QUANT.	DATA	JORNALISTA	ATIVIDADE
1	06/02/12	PAULO CARDOSO RODRIGUES	JORNALISTA EDITOR
2	04/10/12	LUIS HENRIQUE RODRIGUES GEORGE	EMPRESÁRIO
4	06/02/13	MARCELINO VASQUEZ	JORNALISTA
5	24/04/13	CARLOS MANUEL ARTAZA MEIRELES	REPÓRTER FOTOGRAFICO
6	16/03/14	PABLO MEDINA VELÁSQUEZ	JORNALISTA
	16/03/14	ANTONIA MIRABEL ALMADA	ASSISTENTE
7	16/04/14	FAUSTO GABRIEL ALCARAZ	RADIALISTA
8	05/03/15	GERARDO SERVIAN	RADIALISTA

Fonte: O autor

Começamos o trabalho de seleção das reportagens escolhidas para análise. Delimitando o conteúdo jornalístico produzido ou reproduzido no Jornal Regional, distribuídos respectivamente nas páginas internas da seguinte forma: 19 (4), 12 (4), 15 (3), 13 (1), 14 (1), 17 (1). Mereceram chamada de capa 8 matérias.

As amostras selecionadas (vide quadro abaixo) receberam um número de identificação com o respectivo título, data da publicação e o número da edição, procedimento que materializou o valor do documental da respectiva pesquisa, confirmadas com os respectivos anexos.

Tabela 6 - Registro das matérias selecionadas

REGISTRO	MATÉRIA	EDIÇÃO
1	Morte de Rocaro traz luto para jornalismo de fronteira (mat. 1)	14/04/2012 - Ano III Ed. 778
2	Amigos e colegas destacaram capacidade e competência de Rocaro (mat. 2)	14/04/2012 - Ano III Ed. 778
3	CIPP lamenta morte do jornalista Paulo Rocaro (mat.3)	14/04/2012 - Ano III Ed. 778
4	Jornalista Paulo Rocaro foi morto a tiros	14/04/2012 - Ano III Ed. 778
5	Assassinato de jornalista completa 1 ano sem polícia elucidar crime	06/02/2013 - Ano V Ed. 1060
6	Manifestação lembrará 1 ano da morte e jornalista	06/02/2013 - Ano V Ed. 1060
7	Empresário é fuzilado na avenida Brasil	05/10/2012 - Ano III Ed. 966
8	Empresário é fuzilado no centro de Ponta Porã	05/10/2012 - Ano III Ed. 966
9	Radialista paraguaio executado em Ponta Porã	06/03/2015 - Ano VI Ed. 1643
10	Radialista paraguaio executado em Ponta Porã	06/03/2015 - Ano VI Ed. 1643
11	Matan a periodista radial de rádIo Ambambay 570	17-18/05/2014 Ano VI Ed. 1420
12	Es cosa del narcotráfico	
13	Radialista assassinado em Pedro Juan	06/03/2015 Ano VI Ed.1643
14	Radialista assassinado em Pedro Juan	17-18/05/2014 Ano VI Ed. 1420
15	Asesinato de periodista apunta directamente al narcotráfico	17-18/05/2014 Ano VI Ed. 1420
16	"Se aseguraron de que muera"	17-18/05/2014 Ano VI Ed. 1420
17	Jornalista Paraguaio é executado	17-18/05/2014 Ano VI Ed. 1420
18	Assassinato de radialista choca a fronteira	08/04/2013 - Ano V Ed. 1062=
19	Assassinato de radialista em Pedro Juan sem pistas	08/04/2013 - Ano V Ed. 1062
20	Asesinato de Marcelino Vasquez assombla a la poblacion	08/04/2013 - Ano V Ed. N. 1062
21	Marcelino Vásquez um exemplo de superación	08/04/2013 - Ano V Ed. N. 1062
22	Fotógrafo assinado em Pedro Juan	26/04/2013 - Ano V Ed. N. 1121
23	Fallecio fotógrafo y periodista baleado	26/04/2013 - Ano V Ed. N. 1121

Fonte: O autor

Pelo fato do nosso objetivo se tratar de fenômeno comunicativo com fortes implicações no campo social, recorreremos inicialmente a metodologia do *Estudo de Caso* como formar de traçar as etapas da pesquisa. Esta fase orientou o trabalho desde a pesquisa da exploratória, levantamento e a sistematização dos dados. Como explica o livro de Roberto Yin, Estudo de

Caso – Planejamento e Método, o recurso além de funcionar como esforço de pesquisa, ainda contribui, de forma inigualável, para a compreensão acerca dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos.

Em relação ao apelo social do tema, há de se considerar a recomendação de Gomes (2008, p. 01) para que o estudo de caso seja significativo, exemplar e de interesse geral.

O autor explica as etapas de procedimentos do estudo, as orientações recomendadas por Roberto Yin (2001) do tipo descrição foram adotadas, visto que o método possibilita ao investigador a compreensão do fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real. Dessa forma, as etapas recomendadas pelo autor são:

- antecipação de contatos com possíveis entrevistados ou com gestores das organizações que serão sujeitos/espacos da pesquisa;
- organização do material necessário à pesquisa (equipamentos de gravação, material para notas etc.);
- estabelecimento de cronograma da pesquisa de campo;
- sempre que possível, realização de estudos de casos-piloto, que podem antecipar algumas situações a serem enfrentadas, durante a pesquisa.

Com base nos textos selecionados e nos respectivos registros, iniciamos o que Violete Morin (1966) considera como poda, ou seja, delimitação a partir dos registros de codificação ou registro a partir de vastos elementos de análise disponíveis na construção discursiva. Como aponta Bardin ((1977) o material ou código pode ser: a palavra, a frase, o minuto, o centímetro quadrado.

Como esforço de pesquisa, o estudo de caso também contribui para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos. No trabalho de campo cumprimos quase na totalidade as recomendações necessárias à coleta de informação. Elaboramos o plano de trabalho previamente.

Empregamos também a metodologia de Entrevista em Profundidade para identificar os dados obtidos na fase exploratória, comparar as informações relevantes para pesquisa, as significações e representações extraídos dos conteúdos e técnicas de redação empregada nas coberturas dos crimes.

A Análise de Conteúdo é uma técnica dinâmica e flexível, útil tanto para apreensão de uma realidade quanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, com a descrição de processos complexos em que ele esteja ou esteve envolvido. [...] um recurso metodológico que busca a base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher

respostas a partir de experiência subjetiva de uma fonte, selecionada para se deter a informação que se deseja conhecer Duarte (2012, p. 62).

Optamos pela técnica com o intuito de colher o máximo informação que fosse complementar ou fornecer pistas para melhor compreensão do fenômeno e o respectivo meio em que atua, pois, como explica Selltiz (1987 apud DUARTE, 2012, p. 64), “a entrevista em profundidade é extremamente útil para estudos do tipo exploratório, que tratam de conceitos, percepções ou visões para ampliar conceitos sobre a situação analisada. ”

Para tanto, foi questionário aberto, estruturado a partir de um roteiro de perguntas para ser aplicado junto a dois profissionais jornalistas que atuam em Ponta Porã, preferencialmente ligados aos jornais com publicações relacionadas ao tema de pesquisa. Nas perguntas estavam previstas respostas fechadas, todavia sem camisa de força que impedissem o acréscimo de informações complementares oferecidas pelos entrevistados, desde que afinadas com o roteiro proposto.

O cientista inglês comportamental Bernard Berelson (1952, apud BARDIN, 2011, p. 147) considera o processo de seleção “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação. Houve o reagrupamento segundo o gênero (analogia) e a frequência das palavras por meio dos critérios previamente definidos.” As categorias podem ser entendidas, assim, como rubricas ou classes que agrupam elementos com características comuns, tais como unidades de registro, sob um título genérico.

A categorização proposta por Bardin (2011) é regida pelos seguintes princípios:

- A exclusão mútua, ou seja, cada elemento não pode existir em mais de uma divisão;
- A homogeneidade, o agrupamento de elementos com características comuns;
- A pertinência, quando a categoria está adaptada ao material de análise escolhido e pertence ao quadro teórico definido;
- A objetividade e a fidelidade, uma mesma maneira para codificar as diferentes partes de um mesmo material;
- A produtividade, ou seja, resultados férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos.

Como forma de organizar as amostras selecionadas foi atribuído um registro numérico para cada notícia vinculada ao *Jornal Regional*, com a variação de frequência de 1 a 23. Delimitamos as unidades de registros de vocábulos substantivados empregados nos textos em dois blocos temáticos: imprensa (110 unidades de frequência e 368 frequências) e violência

(126 unidades de registros e 403 frequências e), em razão da identificação com a hipótese apresentada da pesquisa e os respectivos objetivos da presente pesquisa.

A partir houve a categorização em cinco itens: imprensa, violência, segurança, política e sociedade. A decisão facilitou identificar as unidades de registros extraídas nas notícias produzidas, pois houve formatação de banco de dados com a contagem das unidades de registro dos vocábulos presentes nas amostras. A seleção possibilitou desvendar e identificar a complexa rede temática com diversos desdobramentos para estudos. Como salienta Bardin (2011, p. 126), as regras definem como “o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos.”

Autores como Martins e Theóphilo (2009, p. 98) defendem que a Análise de Conteúdo “pode ser aplicada virtualmente a qualquer forma de comunicação: programas de televisão, rádio, artigos de imprensa, livros, material divulgado em sites institucionais, poemas, conversas, discursos, cartas, regulamentos, etc.”

Ferreira (2000, p. 13) diz que a técnica atende ao propósito de avançar para além dos significados isolados e da leitura simples dos elementos explícitos, aplicando-se a “tudo que é dito em entrevistas ou depoimentos ou escrito em jornais, livros, textos ou panfletos.” A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras.

Bardin (2014) aponta a técnica de Berelson como ponto de partida para essa forma de análise. Consiste na técnica de investigação de descrição objetiva, sistemática e quantitativa, por se tratar de conteúdo manifesto nas comunicações com a finalidade de interpretação simbólicas. Embora, raramente aplicada, orienta-se pelas seguintes categorias:

- Homogêneas: poder-se-ia dizer que “não se misturam alhos e bugalhos”;
- Exaustivas: esgotar o texto na totalidade;
- Exclusivas: um mesmo elemento do conteúdo não pode ser classificado aleatoriamente em duas categorias diferentes;
- Objetivas: codificadores diferentes devem chegar a resultados iguais;
- Adequadas ou pertinentes: isto é, adaptadas ao conteúdo e ao objetivo

O roteiro de análise considerou o contexto que envolve produção da mensagem, visto que é uma forma de inferir sobre o todo da comunicação. A princípio recorre a um enfoque quantitativo por cálculos de frequências.

Do ponto de vista da evolução do método de análise, a deficiência unilateral da técnica quantitativa cedeu lugar às análises qualitativas. Isso possibilitou que o método da Análise de Conteúdo empregasse ambas as abordagens (GODOY, 1995).

Logo, o roteiro de análise leva o interpretante a resultados que possibilitam a compreensão e interpretação de mensagens, pois “conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.” (MORAES, R. 1999, p. 9).

A Análise de Conteúdo tem como origem a hermenêutica, arte de interpretar textos sagrados, sonhos, exegese religiosa, retórica e lógica. Após ser submetida a processos de evolução, começou a ser utilizada em 1927 pelo sociólogo e cientista político Harold Laswell. O método era empregado no estudo da propaganda na Primeira Guerra Mundial, ganhando posteriormente importância metodológica.

Berelson e o sociólogo norte-americano Paul Lazarsfeld contribuíram significativamente para aprofundar os conhecimentos sobre o procedimento analítico, seguindo então inúmeros outros estudos de aprimoramento, principalmente de pesquisadores americanos e franceses.

Bardin (1977, p. 39) considera que “a intenção da análise de conteúdo é a *inferência* do conhecimento relativo às condições de produção (ou eventualmente, de recepção). Salienta que para tanto, a *inferência* recorre a indicadores (quantitativos ou não), situada entre a descrição e a interpretação. ” Também é compreendida como procedimento intermediário que permite a passagem, explícita e controlada.

Em relação à exploração analítica do material, consiste na efetivação ou aplicação sistemática das decisões tomadas na reanálise, os dados brutos são organizados e agregados em unidades que permitem a descrição das características pertinentes do conteúdo. Esse processo compreende o estudo aprofundado do material a partir de hipóteses e do referencial teórico e pode ser chamado de “descrição analítica”, fase em que acontece a escolha das unidades de análise (a palavra, o tema, a frase, os símbolos, etc.).

Durante a análise textual busca-se “entender as causas e antecedentes da mensagem, os respectivos efeitos e consequências” (MARTINS; THEÓPHILO, 2009, p. 99). Desta que a correlação analítica surgiu a interpretação conduzida pelas *inferências*, procedimento que permitiu desvendar o que se escondia sob a aparente realidade dos textos e o discurso enunciado (BARDIN, 2011). Fonseca Júnior (2011, p. 284) esclarece que a produção de *inferências* pode ser considerada “uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada.”

Bardin (2011, p. 125) estrutura a análise de conteúdo em momentos distintos. A primeira fase consiste na pré-análise, ou seja, a coleta e organização de material selecionado. Depois é sistematizar as ideias iniciais rumo a um esquema preciso do desenvolvimento de operações sucessivas para cumprir o plano de análise. Os textos coletados são submetidos à análise com base na formulação das hipóteses e dos objetivos.

A seleção dos dois vocábulos temáticos escolhidos resultou na amostragem preliminar de 236 registros de unidade e 771 palavras freqüenciadas, considerando o contexto. Os blocos temáticos segurança e política foram excluídos em função da delimitação temático e distanciamento dos objetivos definidos na pesquisa, apesar de correlacionados. No total, das 23 matérias selecionadas foram freqüenciadas 1.116 vezes, considerado os quatro temáticos. As palavras mais freqüenciadas foram: jornalista/periodista (39), tiros/impactos (34), morte/crime (30), pistola/arma/escopeta/revólver (22), proprietário (15), violentos (12). As unidades de registros de criminoso/bandido/assassino/narcotraficante/sicário apresentaram somente 11 freqüências.

Com base nos dados acima freqüenciados confirmamos a relação direta da execução de jornalistas e proprietários de veículos de comunicação, executados de forma violenta por meio de tiros de armas de baixa e alto calibre. Fato curioso é a freqüência atribuída identificando genericamente os executores e mandantes que aparecem somente 11 vezes, fato que releva certa precaução dos repórteres e editores em apontarem os culpados ou suspeito pelos assassinatos, por isso emprega forma genérica e terceira pessoa em lugar das fontes.

Para cada unidade de registro foi atribuído um número de freqüência da palavra relacionada ao bloco temático. Em cada palavra substantivada identificada era marcada por x, na respectiva linha e coluna do quadro lateral de forma a quantificar e identificar a repetição em cada amostra.

Houve, então, a contagem das palavras substantivadas com a respectiva quantidade de freqüência e repetição, transformando em tabela com a totalização geral das amostras analisadas. As palavras, então, foram categorizadas e agrupadas em quatro blocos temáticos: imprensa, , violência, segurança e sociedade.

O procedimento de contagem das palavras permitiu a interpretação analítica dos resultados brutos, sistematizados de forma a produzirem significados válidos, pois “os quadros de referências, os conteúdos (manifesto e latente) são revelados em função dos propósitos do estudo” (MARTINS; THEÓPHILO, 2009, p. 99).

A leitura e a seleção iniciada anteriormente nos permitiram a identificação de questões elementares empregadas nos textos noticiados: autoria, fontes, elementos visuais, o gênero desenvolvido. O caminho nos permitiu analisar a profundidade ou não da reportagem, o tratamento editorial na diagramação, o ambiente territorial de produção e respectivo desdobramento dos fatos.

A aplicação bem-sucedida dos critérios apresentados serviu para referenciar os índices e elaborar indicadores que permitiram a aparição de um tema no texto e a frequência de aparição do tema em estudo de maneira relativa ou absoluta (BARDIN, 2011, p. 130). Os textos então foram categorizados com foco na direção do conteúdo, ou seja, na frequência que traduziam um caráter quantitativo (intensidade) ou qualitativo, conforme expõe Bardin (2011, p. 141).

As fases suscitaram a reflexão teórica sobre os resultados obtidos na intenção de entender o contexto no qual o conteúdo foi produzido e veiculado, o que se produziu e a intenção subjacente nas notícias.

O método de Bardan tem relação direta com a técnica empregada nas redações de jornalismo, submetida a processos rotineiros de seleção e ao tratamento de conteúdos presente nos textos. Como destaca o Wolf (1987, p. 83), “ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias.”

A quantificação por unidades de registrou também possibilitou caracterizar o espaço geográfico fronteiriço pesquisado com ênfase para os países na seguinte frequência: Brasil (12) e Paraguai (10). O mesmo procedimento aconteceu em relação as cidades: Pedro Juan Caballero (11) e Ponta Porã (6). Também foram frequenciados o Estado (Departamento): Mato Grosso do Sul (4) e Amambay (3). As demais cidades com unidade de registro e frequência menor permitiram confirmar a relação estabelecida com o crime ou processo de investigação policial a partir das notícias publicadas.

Tabela 7 - Registro e frequência de espaço geográfico fronteiriço

UNIDADE DE REGISTRO	FREQUÊNCIA
Brasil	12
Pedro Juan	11
Fronteira	11
Paraguai; país	10
Ponta Porã	6

Ypehú	5
Mato Grosso do Sul	4
Curuguaty	3
Asúncion; capital	3
Amambay	3
Ygatami	2
Camindeyu	2
Ygatimí	2
Marchetti	2
Dourados	1
Ko ê Porã	1
Ará Vera	
Crescêncio Gonzales	1

Fonte: O autor

Confirmou também a presença da localidade territorial, incluindo distritos urbanos, zona rurais, vilas e povados situados ao longo da fronteira. A frequência também confirma as cidades com maior número de execuções, fornecendo pistas estatísticas dos desdobramentos dos fatos envolvendo execuções.

A análise discursiva dos textos possibilitou ainda identificar o gênero jornalístico na linha informativa. Utilizado em cada matéria veiculada. (Ver quadro abaixo).

Tabela 8- Classificação por gênero jornalístico

	TÍTULO	GÊNERO
1	Morte de Rocaro traz luto para jornalismo de fronteira (mat. 1)	Informativo
2	Amigos e colegas destacaram capacidade e competência de Rocaro (mat. 2)	Informativo
3	CIPP lamenta morte do jornalista Paulo Rocaro (mat.3)	Informativo
4	Jornalista Paulo Rocaro foi morto a tiros	Informativo
5	Assassinato de jornalista completa 1 sem polícia elucidar crime	Informativo
6	Manifestação lembrará 1 ano da morte e jornalista	Informativo
7	Empresário é fuzilado na avenida Brasil	Informativo
8	Empresário é fuzilado no centro de Ponta Porã	Informativo

9	Radialista paraguaio assassinado em Ponta Porã	Informativo
10	Radialista paraguaio executado em Ponta Porã	Informativo
11	Matan a periodista radial de rádIo Amambay 570	Informativo
12	Es cosa del narcotráfico	Informativo
13	Radialista assassinado em Pedro Juan	Informativo
14	Radialista assassinado em Pedro Juan	Informativo
15	Asesinato de periodista apunta directamente al narcotráfico	Informativo
16	Se aseguraron de que muera	Informativo
17	Jornalista Paraguai é executado	Informativo
18	Assassinato de radialista choca a fronteira	Informativo
19	Assassinato de radialista em Pedro Juan sem pistas	Informativo
20	Asesinato de Marcelino Vasquez assombra a la población	Informativo
21	Marcelino Vásquez, um exemplo de superación	Artigo
22	Fotógrafo assinado em Pedro Juan	Informativo
23	Fallecio fotógrafo y periodista baleado	Informativo

Fonte: O autor

No processo de análise relativo à classificação de gênero textual jornalísticos houve a predominância do caráter informativo, com apenas um texto assumidamente opinativo, todavia sem identificação do respectivo autor. Por se tratar de jornal de impresso, no formato tabloide, área de publicação de conteúdo mais restrita, o periódico poderia explorar melhor a apuração dos fatos noticiosos, a depender da exclusividade dos repórteres à redação e a contratação de mais profissionais para reforçar as equipes de reportagens.

Do ponto de vista de construção textual verificamos a predominância de matérias curtas, períodos e parágrafos longos, repetição constante de informações, inclusive nas matérias de box, sem tratamento adequado na diagramação. Essas limitações poderiam ser evitadas com

entrevistas complementares de populares em *off* ou mais pressão sobre as fontes oficiais em relação aos casos ocorridos.

No contexto da fronteira, a atividade jornalística como já afirmamos, contribui para a representação imagética da fronteira. As capas dos jornais, a manchete, o tratamento dispensado na construção do texto, o abre de página, a disputa da narrativa, revelam o universo cotidiano de violência, numa forma de reprodução constante.

Verificamos que as notícias produzidas são base em informações de fontes oficiais. Na maioria das vezes relatam a acontecimento e a sucessão dos fatos, como a presença de policiais. Poucas vezes as fontes oficiais são ouvidas pela reportagem de forma incisiva como relevam as análises de conteúdo. O comportamento pode ser em decorrência de uma relação amistosa e de camaradagem com as fontes, como forma de autopreservação.

A Análise de Conteúdo também apontou que existe a opção da redação pelo gênero informativo motivada pela circunstâncias de risco presentes na faixa de fronteira, como relevam as entrevistas de profundidade comentadas no capítulo anterior. Praticamente não há o emprego de entrevistas ou repercussão com outras fontes não oficiais, nem mesmo as arroladas na cena do crime, exceção à matéria sobre a execução do jornalista Gabriel Alcaraz. (Anexos de H a K)

As fontes usualmente não são identificadas. São substituídas por expressões como “informações” ou fiscais ou segundo, quase sempre em terceira pessoa do plural ou do singular. Tal recurso pode ser uma característica própria do jornalismo policial produzida nas duas cidades. Revela,]de certa forma, uma tática do repórter ou editor não expor suas fontes ou cidadãos que também não querem expressar sentimentos ou expressões sobre ocorrido, relevando processos de censura a autocensura pelo fato de conviver em uma zona de fronteira, considerada de alto risco.

Sintoma bem característico dessa forma de comportamento é fato de *o Jornal Regional* não expressar opinião, pois sequer adota a coluna editorial na tradicional página 2, na qual poderia opinar sobre os fatos e acontecimentos relevantes na fronteira. Nesse aspecto, prioriza o emprego do gênero informativo, sem técnica aprofundada de reportagem e a inexistência de matérias de caráter investigativo, que vai além dos fatos aparentes e das fontes oficiais.

As 23 notícias publicadas, incluindo a execução do empresário Luis Rodrigues Georges (Tulu), não apresenta desdobramentos na linha do tempo, o que poderia ocorrer por meio de *suites* em função da relevância social do fato.

Do ponto de vista de classificação de gênero também é possível perceber em algumas matérias de caráter informativo com doses de subjetividade, estratégia bem caracterizada nas

reportagens produzidas em relação ao assassinato dos jornalistas Roberto Rocaro e Pablo Medina.

É realmente inviável exigir dos jornalistas que deixem em casa todos esses condicionantes e se comportem diante à notícia como profissionais assépticos, ou como uma objetiva de máquina fotográfica, registrando o que acontece sem imprimir, ao fazer seu relato, as emoções e as impressões puramente pessoais que o fato nele provocou. (ROSSI, 1984, apud GENRO FILHO, 2012, p.43).

Destacamos que o mito da objetividade jornalística aos poucos vem sendo questionado por outras correntes teóricas do jornalismo, mesmo considerado importante no sentido de credibilizar o papel da imprensa como mediadora “imparcial” dos fatos. Essa postura editorial, por vez, gera consequências na totalidade interpretativa do leitor, pois está assentada em matrizes culturais.

As limitações explicativas da ação pessoal e da ação social seriam, a versão de Schudson (1988), ultrapassadas pela adição da ação cultural – as notícias seriam vistas não apenas com um produto das pessoas ou um artefato produzido por organizações sociais, mas também como artefato que, mesmo involuntariamente, se apoia e faz uso de padrões culturais pré-existentes para ser realizado e para produzir sentido. ” (SOUSA, 1999 p. 38,).

Além do tratamento editorial, a análise das amostras, na fase de seleção, categorização, permitiu como desdobramento a identificação de outros fatores importantes na noticiabilidade como a construção dos títulos, técnicas de diagramação e o emprego de fotos como recurso visual.

Tabela 9- Tratamento editorial e de imagens utilizadas nas notícias sobre execução de jornalistas.

TÍTULO	LOCALIZAÇÃO	FOTOS
1 Morte de Rocaro traz luto para jornalismo de fronteira (mat. 1).	p. 19 interna - abre.	Foto 2 col. X 10 cm.
2 Amigos e colegas destacaram capacidade e competência de Rocaro (mat. 2).	p. 19 interna - miolo.	Foto 1 col. X 6 cm.
3 CIPP lamenta morte do jornalista Paulo Rocaro (mat.3).	p. 19 interna - lateral esquerda.	sem foto.
4 Jornalista Paulo Rocaro foi morto a tiros.	p.1 capa manchete.	Foto 3 col. X 7 cm.
5 Assassinato de jornalista completa um ano sem polícia elucidar crime.	p.. 1 capa manchete.	sem foto
6 Manifestação lembrará 1 ano da morte e jornalista.	p. 15 interna - abre	Foto 1 Col. X 8 cm.
7 Empresário é fuzilado na avenida Brasil.	p. 15 interna - abre.	duas fotos de 2,5 col. X 8 cm.
8 Empresário é fuzilado no centro de Ponta Porã.	p. 1. capa - abre.	Foto 4 col. X 10 cm.
9 Radialista paraguaio assassinado em Ponta Porã.	p. 19 interna -abre.	2 col. X 8 cm.
10 Radialista paraguaio executado em Ponta Porã.	p.1 capa - abre.	sem foto.

Matan a periodista radial de rádio Amambay 570.	p.12 interna - espanhol.	Foto 3 col. X 7 cm
Es cosa del narcotráfico.	p.12 interna - box.	
Radialista assassinado em Pedro Juan.	p. 1 capa - manchete.	Foto 1 col. X 8 cm alt.
Radialista assassinado em Pedro Juan.	p. 19 interna português.	Foto 1 - 3 col. X 5cm. Foto 2 - 2 col. X 10 cm.
Asesinato de periodista apunta directamente al narcotráfico.	p. 12 interna - abre espanhol.	Foto central 2 col. X 8 cm.
"Se aseguraron de que muera".	p. 19 Interna - lateral derecha.	Foto - 2 col. X 10 cm.
Jornalista Paraguaió é executado.	p. 1 capa - meio.	sem foto.
Assassinato de radialista choca a fronteira.	p.1 capa - abre lateral.	1 col. X 6 cm.
Assassinato de radialista em Pedro Juan sem pistas.	p. 15 interna - abre.	2 col. X 8 cm.
Asesinato de Marcelino Vasqu�ez assombra a la población.	p.13 interna abre.	2 col. X 8 cm.
Marcelino Vásquez, um exemplo de superación.	p. 13 - meio.	sem foto.
Fotógrafo assinado em Pedro Juan.	p. 1 capa - miolo.	sem foto.
Fallecio fotógrafo y periodista baleado.	p. 17 interna - miolo.	2 col. X 8 cm.

Fonte: O autor

Nos títulos referentes a execu o de jornalistas, o editor segue a técnica recomendada: emprega constru es de frases curtas e em ordem direta. Somente dois títulos apontam supostos culpados pelo crime, nos quais   empregada uma constru o de linguagem diferenciada e criativa, com teor apelativo e no imperativo: "Se aseguraron de que 'muera'" (23), referente   execu o do correspondente Plabo Medina e "Es cosa do narcot fico". Deixam transparecer mais ousadia do repórter no caso referene a execu o do jornalista Fausto Alcaraz (12).

As duas matérias, na linha crítica editorialmente, assumem diagrama o de box, sem cerco ou fio, decisão que poderia valorar as notícias. Ambas foram produzidas em espanhol, o que mostra maior ousadia do repórter do repórter bilíngue, Alejo Medieta. A decisão também pode ser uma op o do diagramador de dissociar a notícia secundária da matéria principal.

Na quase totalidade das manchetes ocorre o emprego do verbo de liga o no presente, conforme recomenda o dos manuais de jornalismo, em apenas dois títulos   usado o verbo passado: "Jornalista Rocaro foi morto a tiro" e "Amigos e colegas destacaram a capacidade do jornalista Paulo Rocaro." O emprego da locu o verbal, neste caso, seria desnecessário, poderia ser dispensado, empregado diretamente o verbo "morto."

O recurso talvez tenha sido usado como forma de fechar o espaçamento necessário no título na dimensão do abre da matéria. Na contagem dos verbos predominou o verbo 'ser',

composto com assassinado, executado e fuzilado. O procedimento dá noção ao leitor do método de violência utilizado pelos executantes de crime. Às vezes aparecem variações verbais de teor diferenciado, quantificado para chamar a atenção do leitor, como “elucidar”, “assombra”, “muera” (morra) e “choca” (assusta) também com mais apelativos.

Os vocábulos com maior frequência nos títulos são: assassinar (9), seguido pelo substantivo morte (6). Geralmente são acompanhados de substantivo designando a profissão: jornalistas ou periodista (7) e radialista (6). Uma forma de procedimento que frisa a importância de o fato envolver o ramo profissional com o propósito de atrair leitores. Outro aspecto curioso é designação do adjetivo paraguaio nos títulos, tratamento que não aconteceu quando envolveu execuções de brasileiros.

Observamos ainda que nos títulos há a contextualização do local do crime como tática de reforçar a localidade da ocorrência, “[...] em Pedro Juan”, “[...] na Avenida Brasil”, “[...] na avenida Paraguai”. É possível também observar que os títulos raramente apontam culpados ou supostos executantes especificamente. Recorrem a palavras genéricas como “[...] narcotráfico”, “[...] população”, “[...] amigos.”

Algumas construções empregam adjetivos positivos das vítimas como competência, capacidade, exemplo de *‘superación’*, expressões que reforçam uma certa aproximação do editor ou redator com o meio profissional e simultaneamente uma forma de elogio profissional. A generalização também está presente quando o discurso da parte, do segmento, é empregado na totalidade: “Assassinato de radialista choca fronteira.” O contexto fronteira, por vez, aparece somente em dois títulos. É pouco explorado como forma de atração, em virtude, talvez, do caráter de proximidade ou pelo fato de os presentes atuarem nesse contexto cotidiano.

Com recurso editorial, a construção do título é arte de resumir todo o contexto da notícia em frases curtas. Serve para apresentar a matéria, de forma atrair os leitores a partir de uma identidade temática de empatia ou rejeição. É o fato ou acontecimento apresentado procurando despertar ou não o leitor para a imersão textual.

O título é fundamental para a compreensão do texto porque a ideia de resumo que apresenta tem relação direta com duas características da humanidade: 1) a oralidade, de onde vem a tradição humana de contar história se onde está a raiz do jornalismo, e 2) a habilidade cognitiva pela qual simplificamos o todo em tópicos menores para compreendê-lo melhor. (BERTOLINI, 2014, p.99).

Para Burnett (1991, p. 43), o título é o elemento mais importante da notícia porque “sem um título atraente o leitor não chega sequer ao lead.” Já Amaral (1978, p. 86) explica que os títulos podem revelar a identidade do jornal. É uma forma de apresentação do estilo e até mesmo linha editorial assumida pelo veículo: “eles dão bem o tom da publicação, se séria, ‘escandalosa’

ou ‘equilibrada’, e ‘informa’ também sobre a qualidade de seus redatores e sua capacidade criadora.”

Sobre a construção do título, Amaral (1978, p. 86) recomenda escrever poucas palavras, “o profissional já mostra quanto é capaz e evidencia o grau de experiência da profissão. Um mau título altera, e até mesmo destrói, a qualidade de uma boa matéria.” No processo evolutivo do jornal o título tornou-se um dos elementos mais preciosos, pois é dele a responsabilidade de resumir a notícia. A arte de titular para o autor cumpre o papel de conciliar função técnica e estética (AMARAL, 1978.).

Marques de Melo (1985) avalia que em função da posição que o título assume cumpre o papel de resumir a notícia, enquanto Comasseto, (2003, p. 60-61) orienta que na sua macroestrutura seja construído de forma simples visando o fácil entendimento, pois sem ele a notícia perderá o sentido. Sugere que a frase, preferencialmente, seja em ordem direta, empregue verbo e causa impacto e expressividade.

Nesse aspecto os títulos das amostras analisadas são curtos, objetivo, contextualizam o fato e evitam direcionar o leitor por campo de preconceitos, tendência ou pré-julgamentos. Não ousam apontar culpados de forma específica, sendo coerentes com as informações contidas no *lide* ou com a estratégia de gênero adotada. A estratégia, em nossa interpretação, é preventiva, diante da insegurança da atuação profissional na fronteira, mediante a incapacidade investigativa dos aparatos de seguranças de ambos os países, no sentido de punir os envolvidos nas execuções.

Além do aspecto de titulação, observamos também o emprego da imagem como forma a valorar o fato noticiado. Para Benjamin (BENJAMIM, 1992, p. 83), a fotografia é “o primeiro meio de reprodução verdadeiramente revolucionário”, uma vez que altera o modo de percepção sensorial da humanidade. Wolff (2004, p. 28) menciona que “A imagem faz reviver os mortos e mostra o tempo passado não como passado, mas como sempre presente”.

Nas amostras do Jornal Regional identificamos o uso da fotografia em quase todas as matérias e chamadas de capa, de forma a valorizar e complementar as informações apresentadas no título e na construção textual. Quase todas são trabalhadas em plano aberto, na tentativa de repassar o contexto do crime ou em caráter de perfil, tipo 3x4.

Obtiveram melhor tratamento as matérias envolvendo as execuções do jornalista Roberto Rocarro e do empresário Luis Rodrigues Georges (Tulu). As fotos foram rasgadas e apresentaram maiores dimensões (Anexo D-E). No caso da execução de Luis Rodrigues Georges (Tulu) foram empregadas duas fotos grandes apresentando o contexto do crime. Na

chamada também foi utilizada uma fotografia, com as mesmas características das fotos internas, na capa, ocupando quatro colunas.

A notícia sobre a execução do radialista Gabriel Alcaraz, na versão em português, também ganhou destaque. Foram empregadas duas fotos, uma contextualizando o local do crime e a outra em pose, tipo 3x4, da vítima.

Em geral as fotografias são pouco exploradas do ponto de vista de contexto, exceto a referente a execução do correspondente do ABC Collor, Pablo Medina. Na matéria interna, apresenta o momento do sepultamento do jornalista, com bom contexto, tem o caráter mais intimista do fato, todavia não recebeu o mesmo tratamento editorial na capa, resumindo-se a uma pequena chamada de meio de página, sem valorização na diagramação.

O mesmo procedimento aconteceu em relação à execução do repórter fotográfico Manoel Artaza. A foto interna apresentava o jornalista e não continha o contexto do crime. Também não foi valorada na capa e ganhou um pequeno bloco de chamada situado no meio da página. O fato poderia ganhar maior relevância por se tratar de um assessor do governador de Departamento de Amambay.

A execução do jornalista Gerardo Servian ganhou abre de página, mas com tratamento mediano no texto interno, a foto usada ocupou 2 colunas de 8 cm, recebeu chamada apenas de título e subtítulo, sem fotografia e texto informativo. Já execução do radialista Marcelino Vasquéz poderia ser mais bem explorada na página interna com dimensões maiores e não ganhou destaque principal na chamada, ocupando o lado direito da página em forma de box.

No contexto geral, é possível perceber que a equipe editorial fez a opção equilibrada em relação à exploração factual da imagem. Evitou o tratamento sensacionalista dos fatos apresentados, optando por indicar o contexto da notícia ou ainda, recorrendo à fotografia de arquivo de perfil do jornalista vitimizado, de forma suavizada e alegre.

Indagada na Entrevista de Profundidade sobre o tratamento mais sensacionalistas das fotos em substituição às imagens descontraída jornalistas, com estilo semelhante à Coluna Social, a redatora Talaveira (2019) confirmou que se tratava de uma opção da redação, no sentido de não explorar de forma sensacionalista o aspecto negativo do fato e de preservar a respeitabilidade do profissional executado.

A postura da redatora sobre tem identidade a visão de Quinto (2007, p. 29) sobre o sensacionalismo no jornalismo, entende que a exposição traiçoeira, rasteira e chula das imagens

de pessoas, aos prantos, feridas, mortas, em pânico, no dia seguinte vira sucata, notícia velha, pois cadáveres já vistos, remetem à banalização da violência pelo caráter de sua transmissão.

Sobre a qualidade técnica concluímos que quase a totalidade das fotos apresentaram limites de enquadramento, do ponto de vista e de perspectiva. Na maioria das vezes destacava o local do crime, com as pessoas de costa, a exceção às fotos referentes a execução do empresário Luis Rodrigues Georges (Tulu). (Anexos E-F).

Do ponto de vista de diagramação, o recurso fotográfico poderia ser melhor aproveitamento, superando os limites impostos pelo espaço de diagramação ou talvez pela opção editorial de se priorizar conteúdos em detrimento às imagens, de caráter mais expressivo e com linguagem própria, mais apelativas do ponto de vista editorial ou ainda plano detalhe explorando fontes ou próprio contexto. As limitações apresentadas também podem revelar o pouco aproveitamento das potencialidades do repórter fotográfico ou até mesmo limitação do equipamento fotográfico utilizado, pois cada vez a técnica da boa fotografia é substituída por fotos da câmera de celular. Há a tendência cada vez mais presente no mercado de trabalho de se adotar o jornalista multifuncional, sem função definida, o chamado '*Faz Tudo*'. Outra identificação possibilitada pelas análises é que as fotos que não apresentam crédito dos autores e as legendas que registram apenas o factual, sem informações novas ou diferenciadas.

Como veículo de comunicação, o jornal impresso articula diversas formas de linguagem para produzir impressões, significados e sentidos. Como explica Charaudeau (2007), todo o dispositivo, entendido como um conjunto estruturado e articulado por vários elementos, formata a mensagem e contribui para lhe conferir um sentido.

Sousa (2005) explica que é a ênfase no *design* que ganha espaço nos anos 1960, já com a presença da televisão e do sistema de impressão *offset*. A demanda por produzir *layouts* mais atrativos encontra na paginação modular uma alternativa às ênfases verticais ou horizontais utilizadas até então, abrangendo uma classificação de conteúdos diferenciada, fotos maiores e propostas tipográficas que visam a criar uma identidade própria a cada publicação.

A diagramação representa, portanto, um conjunto de técnicas que envolve vários processos de decisões e emprego de recursos audiovisuais para tornar a leitura atraente e a comunicação mais eficaz e atraente.

O layout de um jornal segue critérios de edição jornalística, que organiza as informações a serem transmitidas, dando-lhes uma hierarquia, determinando de que forma estas serão transmitidas – através de textos (e que tipo de textos), fotos, ilustrações, infográficos, etc. – e de que modo esses elementos irão se relacionar. Os critérios compositivos agregam-se a eles, ancorados em conhecimentos do campo da percepção visual, que sugerem técnicas e estratégias para assegurar a comunicação das mensagens do modo mais eficaz possível (GRUSZYNSKI, 2010, p. 87)

Para Carlos Righi (2014, on-line) a diagramação é “ato ou efeito de diagramar”; “elaborar *layout* ou esquema (de dimensões e formato iguais aos da publicação) em que aparecem devidamente calculados e representados todos os elementos (textos, legendas, fotos, ilustrações, etc.) que compõem o material a ser impresso”. O principal objetivo da diagramação para autor é a articulação destes elementos de forma a:

- Dotar a publicação de identidade, ou seja: articulá-los de forma coerente e personalizada a partir dos requisitos do projeto da publicação, de seu conteúdo e público-alvo;
- Assegurar a continuidade gráfica, ou seja: estabelecer com o grid (malha) as localizações, formas, proporções organização para as páginas, de forma a que o usuário (leitor) se sinta seguro em relação à localização dos conteúdos em cada uma das páginas da publicação ao percorrê-la.
- Atender aos requisitos de comunicação, mercadológicos e tecnológicos estabelecidos no conceito, ou seja: articular os elementos gráficos para atendimento do conjunto de objetivos do projeto, o que exige que o trabalho seja feito com método e o resultado seja analisado em relação às limitações, ao estabelecimento de prioridades e, finalmente, que se mostre como uma solução viável e adequada. (On-line)

Com base nas conceituações apresentadas verificamos a valoração das matérias publicadas no *Jornal Regional* por meio da diagramação ou emprego de fotos, ambos submetidos ao processo hierarquização e ordem de importância dos fatos, que é uma escolha subjetiva, mas validada coletivamente pela equipe de redação. O tratamento de destaque se manifestou na forma da disposição da matéria e chamadas de capa, com 5 manchetes de abre das oito execuções, veiculação das matérias em página ímpar, publicação no caderno principal, posição de destaque à esquerda, no caso da matéria principal, ou abre à direita da página, cumprindo a função de box, posição superior, intermediária e nunca ou inferior (rodapé) na distribuição vertical da página, utilização de fotos internas em todos os relatos e na capa, exceção em duas reportagens já mencionadas.

Analisado o tratamento editorial, recorreremos a Bardin (2014) para organizar “a ordem de aparição das unidades de registro (por exemplo, numa entrevista ou num relato, pode ser o índice pertinente”. A fragmentação textual também possibilitou ainda a identificação de frases associadas aos assassinatos, formas e o grau de violência.

Após a categorização das matérias sob o ponto de vista do tratamento jornalístico, foi realizada a seleção por frequência, identificando as principais palavras de conteúdo

substantivado nos 23 textos informativos produzidos. A partir dos índices quantificados confirmarmos a representação social da execução de jornalistas por meio da Análise de conteúdo. O levantamento resultou na ocorrência de 446 palavras, das quais apresentaremos os 60 primeiros índices de frequência de forma a facilitar a análise textual em afinidade com o propósito da pesquisa. (Ver quadro abaixo)

Tabela 10– Incidências de frequência de palavras nas 23 amostras da pesquisa

UNID. DE REGISTRO	FREQUÊNCIA	UNID. DE REGISTRO	FREQUÊNCIA
Jornalista(s)/ periodista	39	camioneta	8
crime(s)/crimen	19	faleceu/fallecio	7
tiros/impactos	18	país/pais	7
polícia(s)/policia/policial	18	paraguaio/paraguay	7
morto/morte(s)/muera; muerte	17	Brasil	7
emissora/rádio	16	ano	7
disparos	16	jornal	6
motocicleta	16	nota(s)	6
vítima/víctima	15	escopeta	6
atentado	13	avenida	6
bairro/cercania/zona/comunidade	12	veículos/veiculo/vehículo	6
correspondente/corresponsal	11	gabinete	6
fronteira	11	arma(s)	6
clube(s)	11	capital	6
Imprensa	10	fiscal; fiscalia; fiscales	6
corpo	10	estatística	6
ferimentos/heridas	10	comunicador/	5
assassinato/asesinato/homicídio	10	moto	5
jornalismo/periodismo/	9	carro	5
vida	9	calibre	5
sindicatos	9	investigações	5
hospital	9	estado	5
homens	8	ubicado	5
colegas/colega	8	responsáveis	5
radialista	8	vila	5
pistola	8	entidades	5
informações/informes	8	direito(s)	5

gravidad	8	manifesto	5
assassinos/sicarios/assassinato	8	editor	4
		pistoleiros	4

Fonte: O autor

O índice de frequência com base no conteúdo produzido reafirma a atividade profissional como tratamento prioritário. As palavras chave ‘jornalista’ e ‘periodista’ aparecem com 39 frequências, seguidas de ‘imprensa’ (10 vezes), ‘radialista’ (8 vezes) e ‘comunicador’ (6 vezes). Em segundo lugar confirmou os atos de execução com a palavra ‘crimes’ com 19 frequência, ‘tiros’ e ‘impactos’, policiais/policial apareceram 18 vezes, precedidos de ‘disparos’ com 16, vocábulo presentes em função dos procedimentos investigativos, que aparece 5 vezes.

A confirmação do ato de execução acontece por meio da palavra ‘morte’, freqüenciada 17 vezes, precedida no mesmo grupo de sentido pelas palavras ‘vítimas’ (15 vezes), ‘atentado’ (13 vezes), ‘crime/crimes’ (19 vezes), ‘assassinato/asesinato/homicídio’ (10 vezes).

Outra questão a ser observada é o meio de locomoção utilizado nos referidos crimes. ‘Motocicleta’ aparece freqüenciada 16 vezes, ‘camioneta’ 8 vezes e ‘moto’ 6 vezes. A mesma revelação acontece em relação ao tipo de armamento empregado no crime, com ‘pistola’ aparecendo 8 vezes e ‘escopeta’ 6 vezes. Esses últimos índices revelam o alto grau de letalidade empregado na execução.

O ambiente de trabalho também surge no contexto. As palavras ‘emissora’ e ‘rádio’ aparecem 16 vezes, ‘imprensa’ 10 vezes, ‘jornalismo’ e ‘periodismo’ 9. A frequência também sinaliza a localidade. A palavra ‘fronteira’ é empregada 10 vezes, ‘bairro, cercania, zona rural e comunidade’ são citadas 10 vezes, ‘país’, ‘Paraguai’ e ‘Brasil’ aparecem 7 vezes.

A indicação de autoria também surge com base na frequência, os vocábulos ‘assassinos/sicários/assassino’ são freqüenciadas 8 vezes e ‘pistoleiro’ 4.

O conteúdo analisado, de forma esmiuçada, revela ainda a presença das entidades organizativas do meio profissional, com ‘clube’, alusiva ao Clube da Imprensa de Ponta Porã, aparecendo 11 vezes e ‘sindicato’ 9 vezes. A frequência também aponta laços de fraternidade, com a palavra ‘vida’ empregada 9 vezes e ‘colegas/colega’ 8 vezes e ‘manifesto’ 5 vezes.

Os 50 índices mais freqüenciados permitem, dessa forma, identificar a ação deliberada e planejada de eliminação do profissional de imprensa da fronteira. Revela a execução, o tipo armamento empregados, os envolvidos, ainda que de forma genérica, com os substantivos criminosos. Deles derivam as unidades de contexto, que reafirma pistas como a atividade

profissional, o emprego do fenômeno da violência contra integrantes da categoria, o local, a forma, o ambiente, substantivos que relevam a ambientação dos acontecimentos. (Ver quadros abaixo.)

Tabela 11 - Frases relacionadas a violência contra jornalistas na fronteira extraídas das amostras

TÍTULO DA MATÉRIA	UNIDADE DE CONTEXTO
14.02.2014 - (chamada) Jornalista Rocaro foi morto a trios na fronteira	"Rocaro foi atingido por pistoleiros que estavam conduzidos uma moto." [...] "Paulo Rocaro, editor chefe do jornal da Praça e do site Mercosul News foi morto a tiro na noite de domingo na avenida Brasil." "Rocaro foi atingido por pistoleiros que estavam conduzidos uma moto." "Rocaro foi atingido por, pelo menos, cinco tiros" "foi abordado por dois homens."
14.02.2014 - (Interna p. 19) - Morte de Racaro traz luto para jornalismo de fronteira	[...] o Paulo Rocaro foi morto num atentando à bala no final da noite." "foi atacado quando dois pistoleiros que estavam a bordo de uma motocicleta." "os bandidos disparam mais de 9 tiros de pistola 9 mm contra o jornalista "O mesmo recebeu cinco impactos no corpo". "O horário do enterro não tinha sido informado até o fechamento da edição."
14.02.2014 - Amigos e colegas destacaram capacidade e competência de Rocaro	"A morte do jornalista Paulo Rocaro repercutiu em todo o Mato Grosso do Sul"
14.02.2014 - CIPP lamenta morte de jornalista Paulo Rocaro	"O clube de imprensa de Ponta Porã através do seu presidente, Divano Cezar, denunciando a ação violenta de pistoleiros que executaram o jornalista Paulo Rocaro... "O Clube da Imprensa de Ponta Porã lamenta profundamente o ocorrido com o jornalista Paulo Roberto Cardoso Rodrigues, o Paulo Rocaro" [...] "O jornalista foi acometido por vários tiros." "Ele foi vítima de atentando neste domingo (12), na avenida Brasil." "Paulo Rocaro foi vítima da violência que denunciava e combatia diariamente nos meios de comunicação." "Rocaro costuma a dizer que não tinha medo de morrer por dizer a verdade. Ninguém vai me matar por falar e escrever a verdade." "Petista de carteirinha, e, por ironia do destino, foi baleado no dia 12 e morreu no dia 13" [...]
26.04.2013 - (interna p. 17) falleció fotógrafo y periodista baleado	[...] em donde um fotografo al servicio del gabinete del gobernador Ricardo Sánchez resulto em victima de disparo de arma de fogo." "La raiz de la gravedad la victima fallecio antes que pudiera receber atendimento médico adequado em la capital del pais."

06.02.2013 -(chamada de capa) Assassinato de jornalista completa 1 ano sem polícia elucidar crime	<p>"Su estado reviste de gravedad por lo que tuvo que ser trasladado com urgência" [...]</p> <p>[...] "la dirección mencionada quando fue atacado a tiros de pistola calibre 9 mm por persona desconocidas."</p> <p>[...] "se dieron a fuga dejando a la victma tendida dentro del automovel" [...]</p> <p>"La vitima acusó 5 impactos em diferentes partes del cuerpo."</p> <p>[...] uma persona resultó herida de balas y que no momento estava trasladando al la vítima ao hospital" [...]</p> <p>[...] "el fotógrafo del gabinete del gobernador de Amambay, Carlos Manoel Artaza (45) abalaleado ayer Miércoles 24 horas de la noche a raiz de las heridas recibidas."</p> <p>[...] Artaza recibió 5 impactos de bala de pistola 9 mm disparadas por dos sujetos" [...]</p> <p>[...] a causa de las graves heridas llegó sin vida antes de ingresar ao hospital de Emergências Médicas".</p> <p>"El fallecimiento de l periodista e fotografo enluta en la grande familia periodista del Paraguay e y vuelve a echar um <i>manto negro</i> sobre la inseguridad reinante em el departamento de Amambay."</p>
06.02.2013 - (interna p. 15) - Manifestação lembrará 1 ano da morte de jornalista	<p>"Paulo Rocaro foi baleado pro volta de 11h30 do dia 12 de fevereiro do ano passado e acabou falecendo na madrugada do dia14, por volta de 04 horas" [...]</p> <p>[...] após não resistir aos ferimentos vindos a óbito no hospital no regional de Ponta Porã."</p> <p>[...] "os motivos que leveram o jornalista a ser assassinado com 5 tiros, na avenida Brasil".</p> <p>"O jornalista foi alvejado por dois homens que estavam em uma motocicleta que efetuaram aproximadamente 12 disparos" [...]</p> <p>[...] "entidades e associações, bem como o Clube da Imprensa e Sindicato dos Jornalistas de toda a região, farão um manifesto quanto a falta de conclusão do homicídio."</p> <p>"O manifesto acontecerá de manhã de quarta-feira de cinza, data do crime</p> <p>[...] entidades e associações, bem como o clube de imprensa e o sindicato dos jornalistas de toda a região, farão um manifesto" [...]</p> <p>[...] após não resistir aos ferimentos vindos a óbito no hospital no regional de Ponta Porã."</p> <p>[...] "os motivos que leveram o jornalista a ser assassinado com 5 tiros, na avenida Brasil".</p> <p>"O jornalista foi alvejado por dois homens que estavam em uma motocicleta que efetuaram aproximadamente 12 disparos" [...]</p> <p>"O clube de imprensa está convidando várias entidades e segmentos representativos para concentração as 8h do dia 13 de fevereiro..."</p> <p>"Em março do ano passado chegou a ser promovida audiência pública sobre a violência contra a imprensa na Assembleia Legislativa de MS"</p> <p>"Diversas organizações nacionais e internacionais de direitos humanos como a ONU (Organizações das Nações Unidas) cobram providência"</p> <p>"Até a ministra María do Rosário, dos direitos humanos, da Presidência da República, contra do Congresso Nacional a aprovação do projeto de lei a investigação dos crimes de mílicas e grupos de extermínio, classificando as mortes de jornalistas ocorridas no início de 2012 como crime de extermínio."</p>

- "Isso sem contar as manifestações dos sindicatos de jornalistas de todo o Brasil contra cada uma das seis mortes registradas nos últimos 12 meses" [...]
- [...] e da Federação dos Jornalistas (FENAJ) defendendo o projeto de lei para que as investigações dos crimes contra jornalistas tenham participação da Polícia Federal."
- "No entanto, família colegas e sociedade continuam sem resposta."
- "A impunidade só faz aumentar a sensação de insegurança dos colegas de profissão e da população em geral, que reclama justiça contra os mandantes e executores do assassinato de Roberto Rocaro"
- "O exercício do jornalismo sofre, é fragilizado por agressões e reclama por melhores condições de trabalho, de valorização quanto a importância da profissão por Estado Democrático de Direito".
- 08.02.2013 - Assassinato de radialista em Pedro Juan sem pistas
- "Marcelino foi fuzilado no início de ontem (quarta-feira, 06) quando chegava ao prédio onde mantinha a emissora e uma boate".
- "O radialista foi executado por dois pistoleiros que estavam numa moto"
- "a vítima estava na calçada da empresa onde chegava, sendo alvejado com 4 disparos de pistola 9 mm quando saía de sua residência."
- "o crime chocou a população de Pedro Juan Caballero que enfrenta uma série de crimes violentos."
- 06.03.2015 - Radialista paraguaio assassinado em Ponta Porã
- "O jornalista Gerardo Ceferino Servian Coronel, 44 anos, foi executado a tiros na tarde de ontem, no bairro da granja, em Ponta Porã."
- "Pistoleiros que estavam em uma moto estrangeira se aproximaram da vítima e efetuaram os disparos."
- 17-18.05.2014 - (chamada) Radialista assassinado em Pedro Juan
- "O radialista Fausto Gabriel Alcaraz, 28 anos, da rádio Amambay, em Pedro Juan Caballero, no Paraguai, foi assassinado, no início da tarde de ontem, sexta-feira com 9 tiros."
- [...] próximo ao local do trabalho, dois homens em uma motocicleta se aproximaram e efetuaram vários tiros."
- "Ao escutar a notícia, o irmão de Gerardo saiu para o local do crime, mas já encontrou a vítima sem vida."
- "Informações dão conta que a vítima foi alvejada por 14 disparos de pistola 9 mm e ponto 40 em várias partes do corpo."
- 17-18.05.2014 - (chamada) Radialista assassinado em Pedro Juan
- "O radialista Fausto Gabriel Alcaraz, 28 anos, da rádio Amambay, em Pedro Juan Caballero, no Paraguai, foi assassinado, no início da tarde de ontem, sexta-feira com 9 tiros."
- 17-18.05.2014 - (interna) Radialista assassinado em Pedro Juan
- "próximo ao local de trabalho dois homens em uma motocicleta se aproximaram e efetuaram vários tiros."
- "Informações dão conta que a vítima foi alvejada por 14 disparos de pistola 9 mm e ponto 40 em várias partes do corpo."
- "Fausto percebeu a aproximação dos bandidos, tentou correr, porém foi atingido."
- "Ainda assim ele correu para dentro do quintal, sendo perseguido pelo pistoleiro, que o executou a alguns metros porta da casa".
- "Una comitiva del Sindicato dos Periodistas del Paraguay (SPP) se dirige em estos momentos hasta el departamento de amambay".
- "Informes preliminares del fiscal Samuel Valdez detallan que fueron percutidos 11 tiros com um arma de 9 mm y calibre 40.
- 17-18.05.2014 - Es cosa del narcotráfico
- "Recuerdo que Alcaraz denunciaba por nombre y apellido a los narcotraficantes" [...]

18-19/10/2014 - (interna p. 12) - Asesinato de periodista apunta directamente al narcotráfico

[...] "elle denunciaba a los todos los narcos, los grandes, y assin no perdono y cometieron eso. Esto e cosa do narcotráfico, sustovo Acevedo."

"El narcotráfico asesina al periodista Pablo Medina"

"apunta como responsables a narcotraficantes de la zona, como asi también a um político" [...]

"El periodista de ABC Color Pablo medina Velázquez, de 53 anos, fue asesinado a tiros em uma emboscada em um caminno rural del distrito de Villa Ygatami

"El crime causo comocione a todo el pais fue perpetrado por dos sicarios que se enplearon uma pistola 9 mm y uma escopeta calibre 12 "

"Em el atentado también fue ultimada Antonia Mirabel Almada Chamorro (19), assistente de Medina."

"El cobarde homicidio se produjo ayer alrededor de las 14:20 em um camino rural el la zona de la comunidad indigena de Itanarami de la colonia Marchetti"

"Ya de regreso a Curuguaty, el vehículo do comunicador fue emboscado por dos hombres vestidos de para-para'y" [...]

"Los criminales, traz hacer que Medina detuviera de su vehículo, incluso le perguntaran si se tratada de corresponsal do ABC, y depues de asegurar se de su identidad, um de ellós extrajo um pistola 9 mm."

"Medina intento reaccionar y suplicó que no lo mataron, pero el pistoleiro disparo al menos quatro tiros."

"Quando lo periodista caiyó recostado sobre su volante, lo rematarano com um tiro de escopeta em la cabeza"

"Su secretaria acuso dos balazos y murio mais tarde" [...]

"Los assessinos que emboscaram a Pablo Medina de la atuan de del miércoles "se aseguraron" de que el corresponsal de ABC Color muriera com al menos quatro tiros de arma curta y um disparo de escopeta em el rostro" [...]

[...] quando el periodista de ABC Color regresaba de uma cobertura policial a bordo de su camioneta."

"Los sicaros detuvieron el vehículo se aseguraron de tratara del corresponsal para finalmente efectuar quatro tiros de arma corta, calibre 9 mm.

"Posteriormente uno de los autores le disparó con una escopeta directamente no rostro."

"Los criminales aparentemente estaban aparentemente molestados com las denuncias que realizava el corresponsal sobre los cultivo de marihuana, en la zona."

"Los asesinos habrían perguntado al hombre se era corresponsal do ABC Color em la zona rural, tras locual efectuaram varios disparos."

"Se aseguraron de que muera"

CONCLUSÃO

As execuções registradas pelo *Jornal Regional* revelam a fragilidade do jornalista no elo da cadeia informacional da fronteira. Aponta que a profissão necessita de políticas de proteção por parte do Estado e da sociedade. Este fenômeno está cada vez presente em regiões com a forte presença do crime organizado.

Apesar de alguns avanços em âmbito institucional internacional, como os relatórios e estudos produzidos pela OEA/ONU, denúncias e compilação de dados de entidades sindicais, federações de classe e organizações não governamentais, como o Comitê de Proteção dos Jornalistas (CPJ), o quadro é preocupante com mostramos ao longo do capítulo II. As ações para amenizar o quadro de violência contra trabalhadores da comunicação no Brasil ainda são tímidas.

A construção das unidades de contextos, carregados por verbo ou predicativo verbal de alta intensidade no *lide* ou no transcorrer dos textos noticiados, reafirmam a característica real do fato representado. Contém elementos que evidenciam de forma dramatizada a frieza presente nos atos de execução dos jornalistas, caso bem característico nos textos que narram o assassinato do jornalista Pablo Medina. “Medina intento reaccionar y suplicó que no lo mataron, pero el pistolero disparo al menos quatro tiros. [...]”, “Quando lo periodista caiyó recostado sobre su volante, lo rematarano com um tiro de escopeta em la cabeza.” (Anexo L)

As frases presentes na abertura da matéria ou decorrer dos parágrafos também caracterizam um padrão de execução presente: ação em dupla, utilizando moto com carona, caracterizando os *modos operandis* de pistoleiros profissionais. É o caso presente na narrativa da execução do jornalista Gabriel Alcaraz: “[...] próximo ao local do trabalho, dois homens em uma motocicleta se aproximaram e efetuaram vários tiros.” Os crimes praticados contra jornalistas têm padrão pré-estabelecido. Na quase totalidade acontecem na residência ou local de trabalho, ou em avenidas de alta movimentação. Esse contexto de localidade aponta para o fator surpresa empregado pelos executores que agem abertamente na zona de fronteira, sem nenhum constrangimento do aparato de segurança de ambos os países, sem a presença de ação de rotina como rondas, policiamento ostensivo e preventivo nas zonas urbanas e rurais fato que intimidaria o crime organizado.

Os crimes contra jornalistas na fronteira, com destaque para Ponta Porã e Pedro Juan Cabellero (em que são maiores os números de casos) têm como principal motivação as denúncias envolvendo a ação de quadrilhas de narcotraficante, principalmente pela citação de nomes ou negócios relacionados a pessoas envolvidas na contravenção. “Apunta como

responsables a narcotraficantes de la zona, como asi también a um político [...]”, em referência ao assassinato do correspondente do ABC Collor, Pablo Medina. (Anexo L)

O mesmo tipo de denúncia, em terceira pessoa, está presente na execução do jornalista Gabriel Alcaraz, cuja a ousadia de denunciar narcotraficantes é identificada ao longo do texto, pelas seguintes frases: “Recordo que Alcaraz denunciaba por nombre y apellido a los narcotraficantes [...]”; “[...] elle denunciaba a los todos los narcos, los grandes, y assin no perdono y cometieron eso”; “[...] Esto e cosa do narcotráfico, sustovo Acevedo.” (Anexo K-I)

Os casos de execução dos jornalistas Roberto Rocarro, Carlos Manoel Artaza e Gabriel Alcáraz, conforme a Análise de Conteúdo, apresentaram indícios de motivação política. No caso de Rocarro aparece que o editor referenciou sua vinculação partidária: “Petista de carteirinha, e, por ironia do destino, foi baleado no dia 12 e morreu no dia 13 [...]”, em referência à morte de Rocarro. Em relação ao crime de Alcaraz: “[...] em donde um fotografo al servicio del gabinete del gobernador Ricardo Sánchez resulto em vítima de disparo de arma de fogo”, em referência utilizada para Carlos Artaza (Anexo S). Os indícios de motivação políticas são fortes devido ligação então polêmico senador Roberto Acevedo. O jornalista como mencionou Talavera (2009) utilizava da emissora como palanque eleitoral para criticar o narcotráfico, bem como as divergências partidárias presentes em Pedro Juan Caballero.

As reportagens construídas no *Jornal Regional* também fizeram ancoragem dos crimes junto às entidades representativas da categoria que ganharam espaço de forma a cobrar providências contra a impunidade. Os atos de execução estampados nas páginas do periódico permitiram a visibilidade das bandeiras reivindicativas por mais segurança e proteção na fronteira.

Essas táticas narrativas ficam materializadas nas seguintes declarações: “Diversas organizações nacionais e internacionais de direitos humanos, como a ONU (Organizações das Nações Unidas), cobram providências”; “[...] e da Federação dos Jornalistas (FENAJ) defendendo o projeto de lei para que as investigações dos crimes contra jornalistas tenham participação da Polícia Federal”; “O clube de imprensa está convidando várias entidades e segmentos representativos para concentração às 8h do dia 13 de fevereiro[...].”

Há ênfase em torno da necessidade do combate à impunidade são reforçadas nas seguintes frases: “A impunidade só faz aumentar a sensação de insegurança dos colegas de profissão e da população em geral, que reclama justiça contra os mandantes e executores do assassinato de Roberto Rocarro.”: “[...] O exercício do jornalismo sofre, é fragilizado por agressões e reclama por melhores condições de trabalho, de valorização quanto à importância

da profissão por Estado Democrático de Direito”; “Até a ministra Maria do Rosário, dos Direitos Humanos, da Presidência da República, cobra do Congresso Nacional a aprovação do projeto de lei a investigação dos crimes de milícias e grupos de extermínio, classificando as mortes de jornalistas ocorridas no início de 2012 como crime de extermínio.”

Como alerta a socióloga, “a violência é o fantasma cada vez mais presente que afronta e põe em risco a segurança”. Sobre “o binômio mídia/segurança um dos polos do binômio constrói a realidade social por meio dos sentidos e das narrativas pelos quais representam a “realidade” da violência e a violência como realidade”.

Assim, como realidade construída, representada, produz efeitos de orientação de conduta sobre os atores sociais distintos.

[...] A informação “transformada em imagens” produz um efeito de dramatização suscetível de suscitar muito diretamente emoções coletivas. [...] as imagens exercem um efeito de evidência muito poderoso: mais do que o discurso, sem dúvida, elas parecem designar uma realidade indiscutível; mesmo que sejam, igualmente, o produto de um trabalho mais ou menos explícito de seleção e de construção (CHAMPAGNE, 1993, apud PORTO, p. 62).

As conceituações e os métodos de análises apresentados auxiliaram na forma de interpretar o fenômeno da violência contra jornalistas na faixa de fronteira. Ofereceram elementos articulados para constituição de uma imagem representativa da realidade presente na fronteira brasileira e paraguaia, real, porém com traços ficcionais.

Os fatos sobre execuções presentes na narrativa das 23 matérias analisadas de certa forma colaboram na “reprodução dos acontecimentos locais negativos que pode alterar valores presentes da comunidade, porquanto os acontecimentos podem ser evidenciados, negligenciados” (Ota, 2015, p. 189).

Por outro lado, Ota admite distorções no processo de produção de notícias também se fazem presente no cotidiano noticioso da fronteira: “em nosso entendimento fica claro que as deturpações ocorrem mais por um desconhecimento das práticas jornalísticas do que por uma apropriação indevida sobre as normas e procedimentos do fazer jornalístico” (OTA, 2015, p. 197).

Assim, detectamos que a ausência de formação técnica no fazer jornalístico, de forma a buscar a objetividade e a parcialidade, tornam o jornalista vulnerável ao crime organizado, fazendo com que sofra uma exposição demasiada frente ao aparato criminoso presente na fronteira. Principalmente, quando o profissional de imprensa assume o discurso unívoco, sem pluralidade dos fatos, sem ouvir o contrário.

Verificamos a partir da análise das técnicas jornalísticas um conjunto de decisões editoriais que ocorreram do ponto de vista técnico e científico, em função do campo visual mental ocidental: títulos resumidos na ordem direta e manchetes de capa, ou na ordem secundária, emprego de subtítulo com objetivo de atrair a atenção dos leitores para a matéria.

Por meio da Entrevista de Profundidade os relatos das notícias sobre execução de jornalista assumem o caráter superficial, do ponto de vista de conteúdo. Mesmo diante das limitações por atuar em espaço de risco, a equipe do jornal *Regional* adotou decisões possíveis para dar a respectiva revelância social do fato envolvendo a execução de jornalistas, confirmadas por chamadas de capa, abrete de página e densidade dos conteúdos.

A partir da Análise de Conteúdo, com base nas regras editoriais presentes nas amostras, identificamos uma postura editorial responsável, guiado pela ética jornalística, de forma a não conduzir o leitor para tendências ideológicas e políticas locais.

A linha editorial do *Jornal Regional* também não reforçou preconceitos, ou de desvalorização da fronteira por meio de estereótipos ou emprego de sensacionalismo, mesmo em alguns parágrafos transparecendo os traços de subjetividade do redator. Ao contrário, os textos noticiados aproveitaram os fatos ocorridos para apresentar o caráter reivindicário por mais segurança e proteção e para a fronteira.

As ocorrências de assassinatos de jornalista divulgados no veículos ganharam relevância em órgãos de imprensa de circulação nacional e ate mesmo internacional, como no caso da execução do jornalista Roberto Rocarro.

As notícias, todavia, poderiam dar mais destaque ao acontecimento gerado dentro de uma estratégia de continuidade temporal, com *swites* de atualização a cada fato novo ou ano de impunidade. Ser retroalimentado, relevar a situação familiar, filhos, parentes, amigos próximos ou ainda investigar a polícia e o Ministério Público sobre o andamento das ações.

Pela Análise de Conteúdo todas as matérias revelaram ser de autoria da equipe editorial do *Jornal Regional*, porém sem a assinatura do autor, o que remete a responsabilidade para o editor responsável em casos de problemas políticos ou de ação editorial. Mesmo o editor não tendo o nome identificado no expediente. Veficamos ainda a construção de reportagens com base em informação ou colaboração de outros veículos de comunicação, como o rádio. As fotos, no entanto, não continham crédito do autor.

Com base nas entrevistas e de campo e visita a Ponta Porã, percebemos que o exercício do jornalismo de fronteira é um desafio da cidadania, pois está inserido num contexto de risco permanente, sem a presença efetiva de aparatos de leis e de segurança que permitem superar os

processos mentais de censura autocensura. Situação que impede a plena liberdade de expressão consagrados nos Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros ou nos princípios fundamentais dos direitos humanos da ONU. A impressão é que na fronteira, diante da impunidade apresentada pelas pesquisas com base em relatórios oficiais, reforçam a opinião que todos estão a mercê de uma terra com leis e com regras próprias de convivência.

Observamos ainda que as execuções de jornalistas na fronteira, especialmente, em Pedro Juan Caballero, têm maior grau de envolvimento pessoal com o fato. Deixa, então, de assumir o papel de mediador da informação, impregna-se da subjetividade, passa ser o acusador, papel reservados aos órgãos policiais e ao Ministério Público. Agindo dessa forma, distanciam-se dos preceitos da imparcialidade e da isenção, sofre a retaliação dos adversários numa correlação de poder mando desforável ao jornalista. Todavia a reflexão que pairou durante toda a pesquisa é de como enfrentar o crime organizado ou clãs políticos sem certa dosagem de ousadia, diante da omissão ou limitações institucionais de ambos os países?

A quebra de ritual pré-estabelecido na profissão deixa o profissional de imprensa vulnerável, punido com a pena de morte pelo tribunal dos narcotraficantes ou grupos políticos.

Identificamos ainda que as notícias produzidas nesse contexto evitam a identificação das fontes envolvidas no acontecimento, principalmente suspeitos, o emprego de terceira pessoa nos textos e chamadas. Recursos que podemos caracterizar com próprios do meio profissional fronteiriço para evitar a exposição individual, mesmo as matérias não sendo assinadas. Esses procedimentos revelam a presença de um pacto de silêncio que a evita a exposição individual dos envolvidos na criminalidade e no narcotráfico.

A qualidade técnica nas notícias, ainda que deficiente, revela também as condições de trabalho de imprensa fronteiriça ainda em processo de transição entre se constrói em cima do artesanal e a migração tecnológica.

A atividade profissional do jornalista em Ponta Porã, com também em Pedro Juan Caballero, é marcada pelo acúmulo de funções, equipes reduzidas, limitações orçamentárias, dependência do poder público municipal e estadual e de atividades paralelas para garantir a sobrevivência. São situações que submetem o profissional da imprensa ao desvio de função devido a baixa remuneração. Esse contexto leva o profissional a exercer o jornalismo concomitantemente com assessoria de imprensa, e quando não muito de vendedor de anúncios e formulador de estratégias de *merchandising*.

Verificamos ainda que imprensa da fronteira também é estrangulada por processo crescente de concentração da verba publicitária estatal em grandes veículos e meios como

televisão. Não se enquadra nos critérios do Índice de Verificação de Audiência (IVC) ou outros critérios técnicos adotados por grandes empresas publicitárias ou órgãos estatais. Ressentem, portanto, de apoio institucional em função de se tratar de unidades de negócios, empregar profissionais, colaborar na construção multicultural, potencializar a circulação informacional não sociedade, isodada geograficamente.

Por ser periódico impresso, os jornais de Ponta Porã atuam no registro histórico local, regional e de fronteira, fonte permanente de pesquisa, com pouco risco de apagamento. Além disso, do ponto de vista de posicionamento de mercado, enfrenta no dia a dia o processo de hegemonia comunicacional dos grandes grupos midiáticos regional ou nacional, com maior poder fogo juntos aos governos e anunciantes.

Países, como o México, adotaram medidas legais e criaram programas especializados de proteção a jornalista que poderiam ser adotados no Brasil, visto as semelhanças com a realidade parecida entre ambos os países. A violência presente na fronteira é mercada pela ação de quadrilhas organizadas ligadas ao narcotráfico, ao mundo da política, a frágil democracia que não pertencem polícias perenes no setor de segurança, de respeito aos direitos humanos e a liberdade de expressão.

Pelos dados levantados na pesquisa, notamos também que a efetivação das ações que coíba a execução de profissionais da imprensa depende também de investimentos na inteligência investigativa do Estado em todos os níveis, de ações articuladas, independência e capacidade técnica do judiciário por meio da criação de instâncias especializadas no combate do crime organizado e do narcotráfico.

Com efeito, em muitos lugares da região, os assassinatos e agressões graves a jornalistas continuam sendo particularmente preocupantes e não parecem existir medidas suficientes e adequadas para enfrentar de modo decisivo a dívida de justiça para com as vítimas. (OEA; CIDH, 2014. p. 2).⁷⁵

Diante da impunidade vigente, a proteção de jornalistas e comunicadores deve ser encarada como política do Estado, amparada em dados e documentos contidos no *Relatório de Violações à Liberdade de Expressão Relatório Anual de 2016*.⁷⁶, “*Violência contra jornalistas e trabalhadores de meios de comunicação – padrões interamericanos e práticas nacionais*

⁷⁵ OEA; CIHD. Acesso em: <https://www.oas.org/pt/cidh/expressao/docs/publicaciones/2014%2008%2029%20PROTECAO%20JORNALISTAS%20final.pd>. Acessado em: 06 de ago. de 2019

⁷⁶ Articlcr. Violações à Liberdade de Expressão Relatório Anual de 2016. Artigo 19 Brasil. Acesso em: <https://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2017/05/Viola%3%a7%3%b5es-%3%a0-Liberdade-de-Express%3%a3o-Relat%3%b3rio-Anual-2016.pdf> Acessado em: 06 de ago. de 2019

sobre prevenção, proteção e busca por justiça” e a resolução 33/28 do Conselho de Direitos Humanos da ONU, aprovada em setembro de 2016.

Em ambos documentos são ressaltadas as três obrigações básicas que os Estados devem assumir de forma a garantir a segurança de comunicadores. Neles constam a obrigação de prevenir a ocorrência de violações contra comunicadores; proteger comunicadores em risco contra violações e a obrigação de processar e sancionar penalmente os perpetradores dessas violações. (ARTICLER 19, 2016, p.26).

O estudo apontava ainda que o jornalista brasileiro poderia se proteger de ameaça de morte por meio do Programa de Proteção de Defensores de Direitos (PPDDH), ainda desconhecido pela própria categoria.

Uma grande questão para a inserção de comunicadoras e comunicadores no PPDDH reside no fato que essas pessoas sequer conhecem o programa, nem se enxergam como público potencialmente atendido pela política. A violação ao direito à liberdade de expressão por meio de ameaças e perseguições a comunicadoras e comunicadores no exercício de suas atividades é uma violação a direitos humanos e, portanto, deve ser combatido pelo Estado brasileiro. Embora os três programas estaduais pesquisados nesse relatório já tenham atendido comunicadores, nenhuma divulgação específica foi feita focada nesse público. Em um dos casos envolvendo um comunicador, este procurou os “direitos humanos” sem saber da existência desse mecanismo de proteção. (2016, p.66).

Além do embasamento jurídico legal internacional, o relatório apresenta sugestões para combater a impunidade no caso de execuções. Entre elas estão:

Condenar a violência e ataques contra comunicadores; estabelecer mecanismos de alerta e de respostas rápidas à violações, proteger comunicadores que cobrem situações de maior risco, como protestos e eleições; apoiar iniciativas das organizações da sociedade civil e de mídia relacionadas à garantia de segurança; atuar com precisão e cuidado, a fim de esgotar as linhas de investigação relacionadas ao exercício jornalístico; efetuar as investigações em um prazo razoável, processar, investigar e sancionar criminalmente os perpetradores das violações; estabelecer um marco institucional que permita investigar, julgar e sancionar efetivamente a violência contra comunicadores, remover obstáculos legais à investigação e sanção sobre delitos mais graves contra jornalistas. (ARTICLER, p. 28-29-30).

A partir dos dados e contextos identificados na pesquisa, concluímos que o crime contra jornalistas tem implicações direta na qualidade do jornalismo investigativo de fronteira. Um dos sintomas são os processos de censura autocensura identificados nas entrevistas de profundidade e nas entrelinhas dos textos produzidos, compreensível diante da necessidade de sobrevivência frente a ação de retaliação do crime organizado.

Na quase totalidade dos casos os homicídios de jornalistas as investigações são insatisfatórias, insuficientes e sem conclusão. Não há punições aos envolvidos o que fortalece

elo da impunidade. “Logo, fica evidente a falta de resposta adequada no combate especializado dessa forma de crime”. (ARTICLER, p. 29).

Concluimos de acordo a hipótese proposta que a representação construída pelo *jornal Regional* de Ponta Porã, no caso de crimes de jornalistas, está calcada nos critérios de noticiabilidade, As notícias não chegam ao grau de profundidade que requer a reportagem investigativa em razão das condicionantes mencionadas ao longo da pesquisa, mas está marcada por acontecimentos reais, desdobrados em fatos e que apresenta a face cruel do jornalismo fronteiriço: a insegurança, o silenciamento e da impunidade.

Do ponto de vista mais otimista, observamos ainda que a imprensa fronteiriça é campo de fértil de estudos históricos, sociais e de processos comunicativos. A própria reportagens e categorias analisadas no presente, indicando mais 446 índices divididos no grupo imprensa, segurança, política e a sociedade permitem novos desdobramentos de estudos no campo da comunicação e das ciências sociais.

Sob contradições, altos e baixos, criticada ou elogiada, em sua maneira artesanal de ser, a imprensa fronteiriça, particularmente o *Jornal Regional* segue a missão de produzir notícias e construindo representações dos fatos que colaboram na formação pública da fronteira, mesmo no momento de tentativa de descredibilização da imprensa como meio de informação seguro e de qualidade.

Apêndice 1- Questionário da Entrevista de Profundidade aplicada em jornalistas de Ponta Porã

PESQUISADOR:		DATA: / /	E-MAIL() TELEFONE() AO VIVO()
<p>Esta pesquisa busca levantar o perfil dos profissionais de imprensa atuantes na fronteira Brasil-Paraguai, sua rotina de trabalho, suas peculiaridades e dificuldades no exercício da profissão. Alguns dados gerais são colhidos apenas para fins estatísticos. Divide-se em 3 partes: coleta de dados (opcional), perguntas objetivas e perguntas contextualizadas. Tempo estimado para resposta: de 2 horas a 3 horas.</p>			
COLETA DE DADOS:			
ENTREVISTADO:			
IDADE:	SEXO: m() f()	CIDADE:	
CONTATOS (e-mail, telefone, endereço, FB, site, etc.):			
FORMAÇÃO:			
PROFISSÃO / CARGO:		Sindicalizado? Qual?	
EMPRESA / ORGANIZAÇÃO:			
QUANTIDADE DE FUNCIONÁRIOS (se possível, especificar):			
PERGUNTAS OBJETIVAS:			
1 – Como surgiu o jornal? Quem foi ou são os atuais proprietários? R.:			
2 – Quantas pessoas trabalham atualmente na redação? Em quais funções? Como você avalia as condições de trabalho? R.:			
3 – O faturamento comercial é suficiente para cobrir as despesas com a redação e a produção? Depende de verba estatal? R.:			
4 – Descreva um pouco sobre a produção de reportagem e a rotina de fechamento das edições. R.:			
5 – Na visão do jornal, as matérias abordando a violência é uma exigência do leitor ou sugestão de pauta explorada pela redação? E um diferencial do jornalismo praticado em Ponta Porã? R.:			

<p>– Você ou alguém da redação já sofreu algum tipo de ameaça, censura ou violência por causa da atividade? Por quem?</p> <p>R.:</p>
<p>– Você se sente inseguro para atuar com jornalista em pautas investigativas?</p> <p>R.:</p>
<p>8</p> <p>Na sua opinião, qual a causa do assassinato de jornalistas na fronteira? Quem são os principais responsáveis?</p> <p>R.:</p>
<p>9 – Existe alguma proximidade ou negociação com o narcotráfico no sentido de garantir o exercício da profissão?</p> <p>R.:</p>
<p>10 Qual o procedimento ou recomendação para exercer a atividade jornalística e evitar o conflito da atividade?</p> <p>R.:</p>
<p>11 – Qual relação que o jornal estabelece com as fontes, no caso de cobertura envolvendo o assassinato de jornalistas? Quem são as principais fontes oficiais e não oficiais?</p> <p>R.:</p>
<p>12 – O jornalismo na fronteira é uma atividade de risco?</p>
<p>13 – O que é necessário para que o jornalista da fronteira exerça a atividade de forma mais segura e independente?</p>
<p>14 – Você teria alguma questão que gostaria de ponderar sobre a atividade?</p>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENCIA EFE. México é o país mais perigoso para jornalistas; Brasil aparece em 4°. **4 jul 2019, Genebra. Disponível em <https://www.efe.com/efe/brasil/portada/mexico-e-o-pais-mais-perigoso-para-jornalistas-brasil-aparece-em-4/50000237-4016088>. Acessado em 28 de jul. de 2019.**

AGÊNCIA FRANCE PRESSE. **Jornalista paraguaio é morto a tiros na fronteira com o Brasil.** Disponível em: 25 abr. 2013 13h51 - Atualizado em: 25 abr. 2013 16h52. <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/jornalista-paraguaio-e-morto-a-tiros-na-fronteira-com-o-brasil.html>. Acesso em: 24 set. 2018.

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **Conflito e integração nas fronteiras dos “brasiguaios”.** Caderno CRH. Salvador, v. 23, n. 60, p. 579-590, 2010.

_____, José Lindomar Coelho. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai.** 2005. 265 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

AMARAL, L. (1978). **Técnica de jornal e periódico.** Riode Janeiro: Tempo Brasileiro, .

ARRUDA, Gilmar. **Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira.** Londrina: Ed. da UEL, 1997.

ARTICLER. **Violações à Liberdade de Expressão. Relatório Anual de 2016. Artigo 19, Brasil.** Disponível em: <https://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2017/05/Viola%cc%81a7%cb5es-%cc%a0-Liberdade-de-Express%cc%a3o-Relat%cb3rio-Anual-2016.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2019

ASSIS, Francisco de (org.). **Imprensa do interior: conceitos e contextos.** FERNANDES, Luiz Mário et al. Chapecó: Editora Argos da Unichapecó, 2013.

_____. **Jornalismo diversional: função, contornos e práticas na imprensa brasileira.** 2014. 444 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNAIS (ANJ). **Relatório sobre Liberdade de Expressão no Brasil.** De 15 de fevereiro de 2015 a 28 de setembro de 2015. Brasília, 28 de setembro de 2013. Disponível em: <https://www.anj.org.br/site/images/pdf/relatividades/relato%cc%81rio-de-atividades-2014-a-2016.pdf>. Acesso em: 28 set. 2016.

BAHIA, J. (s.d.). **Jornal, história e técnica. As técnicas do jornalismo** (4ª ed.). São Paulo: Ática.

BARDIN, L. (1977). **Análise de Conteúdo.** (L. A. Pinheiro, Trad.) Lisboa: Edições 70, LDA. Acesso em 24 de jul. de 2019, disponível em <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/Livros%20de%20Metodologia/10%20-%20Bardin,%20Laurence%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo.pdf>

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. **Reflexões sobre a desterritorialização cultural no cenário identitário global e regional.** Comunicação: Veredas – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, ano V, nº 5, novembro, 2006.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo.** São Paulo: USP, 1992.

BENJAMIM, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'Água. 1992.

BENEDETTI, A. **Territorio: concepto integrador de la geografía contemporánea**. In: Souto, P. (coord.), Territorio, Lugar, Paisaje. Prácticas y conceptos básicos en geografía (11-82). Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, UBA. 2011.

BERGER, Christa. **Otto Groth e a essência do Jornalismo**. O poder cultural desconhecido. Fundamentos da ciência dos jornais. Tradução: Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2006.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo: USP, 1992.

BENEDETTI, A. **Territorio: concepto integrador de la geografía contemporánea**. En: Souto, P. (coord.), Territorio, Lugar, Paisaje. Prácticas y conceptos básicos en geografía (11-82). Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, UBA. 2011.

BERTOLINI, Jeferson. **O título da notícia na internet: funções clássicas e impactos na leitura e na compreensão do texto**. Revista Científica Ciência em Curso – R. cient. ci. em curso, Palhoça, SC, v. 3, n. 2, p. 99-110, jul./dez. 2014.

BRATICEVIC, Sergio, TOMMEI, Constanza y; RASCOVAN, Alejandro (Compiladores). **Bordes, límites, frentes e interfaces: algunos aportes sobre la cuestión de las fronteras**. *et. al.* PORCARO, Tania, *et al.* In: 1. ed.,. Ciudad Autónoma de Buenos Aires:, p. 308. M&A Diseño y Comunicación S.R.L.2017

BERGER, Christa. **Otto Groth e a essência do Jornalismo**. O poder cultural desconhecido. Fundamentos da ciência dos jornais. Tradução: Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2006.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOORSTIN, D. **The image: a guide to pseudo-events in America**. New York: Vintage Books/Random House, 50th Anniversary Edition, with a new afterword by Douglas Rushkoff, 1992.

BURNETT, Lago. **A língua envergonhada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991

BRATICEVIC, Sergio; TOMMEI, Constanza, RASCOVAN; Alejandro (Com.); **Bordes, límites, frentes e interfaces**; Grupo de Estudios sobre Fronteras y Regiones - Instituto de Geografía Facultad de Filosofía y Letras – Universidad de Buenos Aires. Adaptado por Sergio Iván Braticevic - 1ª ed. - Buenos Aires, 2017.

BRAGA, Maria José. **Um atentado contra a liberdade de expressão Violência contra jornalistas**. FIJ/FENAJ, 2014. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/documentos/anexos/audiencia-ccscn-violencia-jornalistas-5-5-14/violencia-contra-jornalistas-um-atentado-contra-a-liberdade-de-expressao/view>. Acesso em: 24 maio 2018.

BRAMBILLA, Chiara. **New Geographies of Border(land)-scapes**. En: Brambilla, C. *et al.* Borderscaping: imaginations and practices of border making. p. 53-62. London, Routledge, 2015

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Tradução: Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Ed.34/Edusp, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A globalização imaginada**. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CARDOSO, Efrain, **El Imperio del Brasil y el Rio de la Plata. Antecedentes y estallido de la guerra del Paraguay**. Buenos Aires: Librería del Plata, 1961.

CARLOS, R. **Curso de Design Gráfico Curso de Diagramação**. Florianópolis, Santa Catarina: UFSC, (2014) Acesso em 2019, disponível em <http://www.carlosrighi.com.br/177/Produ%C3%A7%C3%A3o%20Gr%C3%A1fica%202010/1/07%20-%20No%C3%A7%C3%B5es%20de%20diagrama%C3%A7%C3%A3o%20-%20co%20mpleto.pdf>

CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle (Org.). **Missões jesuíticas no Itatim**. In: **Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais**. Dourados: UFGD, 2015. p. 555-569.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007

CIDH/RELE (OEA). **Violência contra jornalistas e funcionários de meios de comunicação: Padrões interamericanos e práticas nacionais de prevenção, proteção e realização da justiça**. Disponível em: <https://www.oas.org/pt/cidh/expressao/docs/publicaciones/2014%2008%2029%20POTECAO%20JORNALISTAS%20final.pdf>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.

CIDH (OEA). **Informe Anual 2018: Humanos. Seguimiento de recomendaciones formuladas por la CIDH em sus informes informes e país**. Cap. IV. Disponível em: <http://www.oas.org/es/cidh/docs/anual/2018/docs/IA2018cap.5MX-es.pdf>. Acesso: 28 jun. 2018.

CIDH (OEA):. **Relatório Anual 2010**. Relatório da Relatoria Especial para a Liberdade de Expressão. Capítulo II: **Relatório Especial sobre a Liberdade de Expressão no México 2010**. OEA/Ser.L/V/II. Doc. 5. 7 de março de 2011. § 539 e § 540.

CIDH (OEA). **Informe Especial sobre la Situación de la Libertad de Expresión en México**. Informe conjunto del Relator Especial para la libertad de expresión de la CIDH, Edison Lanza y el Relator Especial de las Naciones Unidas sobre la promoción y protección del derecho a la libertad de opinión y de expresión, David Kaye, sobre su misión a México. Junio, 2018. Disponível em: https://www.oas.org/es/cidh/expresion/docs/2018_06_18%20CIDH-:UN_FINAL_MX_report_SPA.PDF. Acesso em: 11 maio 2019.

CIDH; RELE (OEA). **Violência contra jornalistas e funcionários de meios de comunicação: padrões interamericanos e práticas nacionais de prevenção, proteção e realização da justiça**. 2014. Disponível em: <https://www.oas.org/pt/cidh/expressao/docs/publicaciones/2014%2008%2029%20PROTECAO%20JORNALISTAS%20final.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019.

CLAVAL, P. **L'étude des frontières et la géographie politique**. *Cahiers de géographie du Québec*. Tradução: Cristina Porcaro. 18(43), 7-22,1974.

_____, P. **Epistemologia da geografia**. Traducción de Castro Afeche Pimenta, M. y Afeche Pimenta, J., 2º ad. Florianópolis: UFSC. 2014.

COLOMBO, F. **Conhecer o jornalismo hoje: como se faz a informação**. Lisboa,: Presença. 1988.

COMASSETTO, L. R. **As razões do título e do lead: uma abordagem cognitiva da estrutura da notícia**. . Concórdia: UnC. 2003.

COMMITTEE PROTECT JOURNALISTIS. **Diminui o recorde de homicídio de jornalistas, enquanto diminui o número de assassinatos, e sobe o número de mortes em confrontos.** New York, NY, dezembro, 19, 2016. Disponível em: <https://www.cpj.org/pt/2016/12/diminui-o-recorde-de-homicidio-de-jornalistas-enqu.php> . Acesso em: 26 jan. 2017.

CORRÊA, Lúcia Salsa. **História e fronteira.** 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS. 2012.

CORRÊA, Valmir Batista. **Fronteira Oeste.** 3. ed. Campo Grande: Editora UFMS. 2014.

COSTA, Gustavo Villela Lima da. O muro invisível: a nacionalidade como discurso reificado na fronteira Brasil-Bolívia. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 141-156, 2013.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição; FEDUMENTI, Tatiana Fasolo. **Notícia e reportagem: semelhanças e diferenças entre gêneros da esfera jornalística.** I Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: 06 a 08 de outubro de 2010. Disponível em: Diversidade, Ensino e Linguagem UNIOESTE -Cascavel PR. http://cac.php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simposio%2006/NOTICIA%20E%20REPORTAGEM%20SEMELHAN%20E%20DIFEREN%20ENTRE%20GENEROS%20DA%20ESFERA%20JORNALISTICA.pdf

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO (DOU). Nº **56, segunda-feira, 24 de março de 2014** ISSN 1677-7042 45. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=45&data=24/03/2014>. Acessado em 12 de novembro de 2019.

DE ARAÚJO, Gesiel Rocha. **A fronteira ignorada: cooperação e conflito na imprensa.** 2018. Tese (Mestrado em Comunicação Social). Linha de Pesquisa: Mídia, Identidade e Regionalidade. Faculdades de Comunicação, Artes Visuais e Comunicação – FAALC. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande. 18 jun. 2018.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2. Ed. Atlas. 2012.

ENASP; CNP. **Relatório Violência contra comunicadores no Brasil: um retrato dos 20 últimos anos no Brasil.** 2019. Disponível em: <http://www.cntp.mp.br/portal/images/Publicacoes/documentos/2019/Violencia-contra-comunicadores-no-Brasil-VERSAO-FINAL-.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2019.

ENCINA, O. C. Santiago vive: **Un ataque a la libre expresión que no se debe olvidar.** ABC Color. Assunción – PY. Disponível em: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/judicial/santiago-vive-un-ataque-a-la-libre-expresion-que-no-se-debe-olvidar-1586792.html>. Acesso em: 28 jun. 2018.

ENCINA, O. C. **Un caso muerto, como la mayoría de sus autores.** ABC Color.. Disponível em: <https://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/judicial/un-caso-muerto-como-la-mayoria-de-sus-autores-1360662.html>. Acesso em: 28 mar. 2018.

ESTADO DE MATTO GROSSO. **Mensagem dirigida ao Exmo. Sr. Dr. Joaquim A. da Costa Marques**, Presidente do Estado à Assembléia Legislativa ao instalar-se a 22a. Legislatura em 13 de maio de 1913. Cuyabá: Typografia Official, 1913, p. 14.

FAISTING, André Luiz; CARBONARI, Wender Milani Viegas. **Representações da violência na fronteira: um estudo a partir de municípios da Grande Dourados, MS.** **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 23, n. 46, p. 27 - 37, jul. / dez. 2016.

FANTIN, Monica. **População, Sociedade e saúde na fronteira argentino-paraguaia.** Assunção. **Asociación Paraguuaia de Estudios de População.** Assunção. Paraguai. 2008.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

FENAJ. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**. Disponível em: https://www.fenaj.org.br/wp-content/uploads/2019/01/relatorio_fenaj_2018.pdf. Acesso em: 1 jul. 2018.

FENAJ. **Violência e liberdade de imprensa no Brasil**. Slide 2. 2012. Disponível em: <https://www.fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/06/relatorio-fenaj-2012.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FERNANDES, Daniela. **Brasil é 1º em mortes de jornalistas nas Américas, diz ONG**. De Paris para a BBC Brasil. 12 fevereiro 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/02/140212_jornalistas_brasil_df_dg. Acesso em: 15 de jul. de 2018.

FERNANDES, José Antonio **A Produção de erva-mate na Colônia Agrícola de Dourados (CAND), antigo Sul de Mato Grosso (1943 a 1965)** – XXVII Simpósio Nacional de História. De 27 a 31 de julho de 2015 – Florianópolis, 2015. Acesso em: 13 set. 2018.

FERNANDES, Mário Luiz, ASSIS, Francisco de. **Apontamentos para uma Teoria do Jornalismo: a natureza jornalística**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 5 a 9 de setembro de 2016. Anais eletrônicos... Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1731-1.pdf>. Acesso em: 28 set. 2017.

FOUCHER, Michel. **Obsessão por Fronteiras**. Tradução de Cecília Lopes. São Paulo: Radical Livros, 2009.

GEBARA, Ademir et AL. (Orgs.) **Leitura de fronteiras: trajetórias, histórias e territórios**. FLORETIN, Carlos Gómez; BALLER, Leandro *et al.* 1. ed. ISBN: 9978-85-462- 1261 – 3. Jundiá, 2018.

GENRO, A. **O segredo pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GOES FILHO, Synesio Sampaio. **As fronteiras do Brasil. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão**, 2013.

GOMES, Alberto Albuquerque. **Estudo de caso - planejamento e métodos**. Nuances: estudos sobre Educação. Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 215-221, jan./dez. 2008.

GRUSZYNSKI, Ana. **Jornal Impresso: Produto Editorial Gráfico em Transformação**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS; CNPq. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, RS– 2 a 6 de setembro de 2010.

HADDATZ, V. L. S.; MÜLLER, Karla (ORG). **Comunicação, Cultura e Fronteiras. Radiojornalismo na Fronteira**. OTA, D. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

HALL, S. **A produção social das notícias: o mugging nos meios**. Lisboa, Portugal : Vega. 1993

INSTITUTO PESQUISA ECONÔMICA APLICADA BRASIL (BRASIL) **Políticas de desenvolvimento são grandes desafios nas fronteiras**. 29 nov. 2018. 18:34. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34451. Acesso em: 10 jul. 2019.

JARDIM, Wagner Cardoso. **Geopolítica no tratado da Tríplice Aliança: Brasil/Argentina/Uruguai**. Simpósio Nacional De História, São Paulo, v. 26, p. 1-11, 2011.

JORNAL DA PRENSA. s/d anexa ao **Offício de Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio**, do 20º Distrito em Cuyabá, de 16 de julho de 1914. Datilografado. Lata 1914, Doc. av. APMT, Cuiabá-MT.

JORNAL LA DEMOCRACIA, Asunción, julio, 19 de 1997. (Recorte em anexo ao **Offício da Legação dos Estados Unidos do Brasil em Assumpção**, 17 de julho de 1997). Lata 1897 C. Doc av. APMT, Cuiabá-MT.

KARIM, Taisir Mahmudo. **Mato Grosso: de descrição a nome: um percurso enunciativo**. Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos, Campinas, n. 32, p. 73-86, 2013.

KASHIMOTO, Emília Mariko; MARTINS, Gilson Rodolfo. **Uma longa história em um grande rio: cenários arqueológicos do Alto Paraná**. Campo Grande: Oeste, 2005.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis, Vozes, 1979.

_____. **Estrutura da notícia**. Ática, 2006.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil; MÜLLER, Karla Maria (Org.). **Comunicação, Cultura e Fronteiras**. In: MACHADO, Tito Carlos. **Radiojornalismo na fronteira: especificidades na produção e disseminação do conteúdo jornalístico** Ijuí: Editora Unijuí, 2015.

MACHADO, Lia Osório. **Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade**. Revista Território, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, p 9-29, 2000.

MACHADO, Lia Osório et al. **O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica**. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org.). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Editora UFMS. 2005.

MARQUES DE MELO, J. A. (1985). **opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis. Vozes.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATO GROSSO DO SUL (Estado). Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul. **Estudo da dimensão territorial do Estado de Mato Grosso do Sul: regiões de planejamento**. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico Campo Grande, 2015a. 91 p. Disponível em: http://www.semagro.ms.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/estudo_dimensao_territorial_2015.pdf. Acesso em: 24 maio 2019.

MATO GROSSO DO SUL (Estado). Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul. **Diagnóstico socioeconômico de Mato Grosso do Sul 2015**. Campo Grande, 2015b, p. 134.

MATO GROSSO DO SUL (Estado). **Plano de desenvolvimento e integração da faixa de Fronteira/MS**. Secretaria de Estado de Meio Ambiente, do Planejamento, da Ciência e Tecnologia - SEMAC. Secretaria do Estado de Desenvolvimento Agrário, da Produção, da Indústria, do Comércio e do Turismo - Seprotur. Núcleo Regional para o Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul. Campo Grande-MS, 2012. Disponível em: <http://www.semagro.ms.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Plano-Desenvolvimento-e-Integra%C3%A7%C3%A3o-de-Fronteira.pdf>. Acesso: 28 ago. 2018.

MEIRA MATTOS, Carlos de (1990). **Geopolítica e teoria de fronteiras**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército

MENDONÇA, Marressa. **Mandante da morte do jornalista Paulo Rocaro é executado no interior de São Paulo**. *Correio do Estado*. Campo Grande. 18 set. 2015. Disponível em: <http://www.correiodoestado.com.br/cidades/ponta-pora/mandante-da-morte-do-jornalista-paulo-rocaro-e-executado-em-sao/258090/>. Acesso em: 26 jan. 2017 .

MIDIAMAX. **Jornalista é assassinado com dezessete tiros, em Pedro Juan Caballero**. Edição 16 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.midiamax.com.br/geral/2014/jornalista-e-assassinado-com-dezessete-tiros-em-pedro-juan-caballero>. Acesso em: 26 ago. 2019.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (Brasil). **Guia de Planejamento para Desenvolvimento Rural Sustentável. Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável..** P. 11. Brasília. 2005 Disponível em: http://sge.mda.gov.br/bibli/documentos/tree/doc_220-28-11-2012-12-04-356539.pdf. Acessado em 25 de maio de 2018.

MINISTÉRIO DO ORÇAMENTO, GESTÃO E PLANEJAMENTO (Brasil). **Atlas da Violência**. Nota técnica 17. Disponível EA.BRASIL. em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/8891-1250-170602atlasdaviolencia2017.pdf>. 2017. Acesso em: 9 jan. 2018.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL; IPEA (Brasil) **Fronteiras do Brasil: diagnóstico e agenda de pesquisa para política pública**. volume 2 / organizadores: Bolívar Pêgo *et al.* ISBN: 978-85-7811-303-2– ISBN: 978-85-7811-303-2 Brasília: Ipea, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7959>. Acesso em: 18 maio 2019/

MINGHI, J. V. “Boundary studies in political geography”. En: Kasperson, R. E. y Minghi J.V. (eds.): **The Structure of Political Geography**. practices of border making. Tradução Tânia Porcaro. Routledge. Chicago: Aldine, 1969.

MORAES, A. **Geografia: pequena história crítica**. 20. Ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MORAGAS, Miguel Spá. **Interpretar la comunicación**. Barcelona, Espanha: Editora Gedisa S.A., 2013.

MOREIRA, Sonia Virgínia (Org.). **Geografias da Comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas**. São Paulo: Intercom, 2013, v. 3. p. 285-298.

MORETTI, Franco. **O século sério**. *Novos Estudos* – CEBRAP, São Paulo, n. 65, p. 3-33, mar. 2003.

MORIN, V. **L'écriture fle presse**. (L. A. Pinheiro, Trad.) Paris. Mouton. 1966.

MULLER, Karla. Mídia e fronteira. Tese (Doutorado em Comunicação) – **Pesquisa social - introdução às suas técnicas.. Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. UFRGS, Porto Alegre, 2003. Nogueira, O. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1977.

_____ (Org.). Mídia local fronteira: do impresso ao on-line. In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil. **Comunicação, Cultura e Fronteiras**. Ijuí: Editora Unijuí, 2015.

NAGLIS, Suzana G. Batista. **"Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto"**: os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados - CAND (1943-1960), 2007. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Dourados.

NASCIMENTO, Valdir Aragão do. **Yo soy paraguayo, chamigo: breve estudo sobre a identidade no Paraguai**. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **Morte de radialista expõe riscos na fronteira entre Brasil e Paraguai**. Edição nº, 10 de mar. de 2015. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/monitor-da-imprensa/_ed841_morte_de_radialista_expoe_riscos_na_frenteira_entre_brasil_e_paraguai/. Acesso em: 26 ago. 2019.

OLIVEIRA, H. M. **A natureza do furo de reportagem**. 9^a Encontro Nacional da História da Mídia (UFOP). Ouro Preto, Minas Gerais. 2013.

OLIVEIRA, Marcelo Fernandes de; LUVIZOTTO, Caroline Klaus. **Cooperação técnica internacional: aportes teóricos**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 54, n. 2, p. 5-21, 2011.

OLIVEIRA, Samara Mineiro. **Formação das fronteiras brasileiras: uma abordagem geohistórica**. 2015. 102 f. Monografia (Bacharel em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org). **O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica**. In: MACHADO, Lia Osório *et al* **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Editora UFMS,. p. 87-112. 2005

ONU. **Relatório do relator especial para a promoção e proteção do direito à liberdade de opinião e expressão, frank la rue**. a/hrc/20/17. 4 de junho de 2012. § 54. disponível em: http://ap.ohchr.org/documents/dpage_s.aspx?m=85. acesso em: 27 de fev. de 2018

OTTO, G. **O poder cultural desconhecido fundamentos da ciência dos jornais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

PAASI, A. “Borders”. En: Dodds, K., Kuus, M. y Sharp, J. (eds.). **The Ashgate Research Companion to Critical Geopolitics**. London: Ashgate, 2013.

PADRÓS, Enrique Serra. **Fronteiras e integração fronteiriça: elementos para uma abordagem conceitual**. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Porto Alegre, vol . 17, n. 1, jan./fev., 1994.

PERUZZO, Cecília M. Krohling. Comunicação: **Mídia local, uma mídia de proximidade**.. Revista Veredas do Programa de Pós-graduação em Comunicação. Ano II, nº 2. Marília: Unimar, nov. 2003.

PIOVESAN, Flávia. **Direitos Humanos e o Direito Constitucional internacional**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

PITALUGA, André Luiz Oliveira Guimarães. **O processo decisório da anexação do acre sob a ótica de uma análise de política externa**. 2015. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

PORTAL DA IMPRENSA ABI. **Câmaras registram execução de jornalista na fronteira com o Brasil**. 10.03.2015. São Paulo: Editorial Eireli. Disponível em: <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/71182/comeas+registram+execucao+de+jornalista+na+fronteira+com+o+paraguai+em+ms>. Acesso em 6 de maio de 2018.

PRESCOTT, J. R. V. **The geography of frontiers and boundaries**. Oxon: Hutchinson University Library, 1965.

- QUINTO, M. C. (2007). **Imagens de morte na mídia impressa: o olhar do fotógrafo**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, . Fonte: Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0510396_07_prete>
- QUEIROZ, Paulo R. Cimó. **Articulações econômicas e vias de comunicação do antigo sul de Mato Grosso (séculos XIX e XX)**. In: LAMOSO, Lisandra P. (Org.). **Transportes e políticas públicas em Mato Grosso do Sul**. Dourados: Editora da UFGD, 2008.
- RADDATZ, V. L. S; MÜLLER; OTA, D. Radiojornalismo na fronteira. **Comunicação, Cultura e Fronteiras**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015,
- RAFFESTIN, C. **Por una geografía del poder**. Ciudad de México: El Colegio de Michoacán, 2011.
- RATZEL, Friedrich . . **O solo, a sociedade e o Estado**. Tradução: Mário Antonio Eufrásio (1896/1897-1924/1925). **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 2, p. 93-101, 2011, Paris, v. 3, p. 1-14, 1898.
- _____. **Le sol, la société et l'État. L'Année sociologique (1896/1897-1924/1925)**, Paris, v. 3, p. 1-14, 1898.
- _____. **O solo, a sociedade e o Estado**. Tradução de Mário Antonio Eufrásio. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 2, p. 93-101, 2011.
- RODRIGUES, Carmem Izabel; CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. **Entre fronteiras: Identidades e culturas na modernidade**. **Revista Antropológicas**, Recife, v. 21, n. 2, 2010.
- ROSCAVAN, Alexandro. **Bordes, límites, frentes e interfaces: algunos aportes sobre la cuestión de las fronteras**. BRATICEVIC, Sergio; RASCOVAN, Alejandro; TOMMEI, Constanza. Editado por Alejandro Gabriel Benedetti. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Alejandro Gabriel Benedetti, 2017, p. 308.
- RUIZ, Olívia. **O ir e vir: as relações fronteiriças (México e EUA)**. In: **Revista de História Contemporânea.Olho da História**. UFBA, Salvador, n. 3, 1996.
- SANTOS, Milton. **Técnica espaço tempo – Globalização e meio técnico-científico-informacional**. Hucitec. 1994. Disponível em: <http://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/livros/tecnica-espaco-tempo-milton-santos.pdf>. Acesso em: 7 junho 2019.
- SEBRAE-MS. **Mato Grosso do Sul sem fronteiras: características e interações territoriais: Bolívia – Brasil – Paraguai**. Campo Grande: Visão, 2010.
- SHINN, Terry. **Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento**. **Revista Scientiae Studia**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 43-81, 2008.
- SILVA, Elizeu Nascimento. **Teorias do jornalismo. Aula 04 – Newsmaking**. Prof. Ms. Elizeu N. Silva. Elizeu Nascimento Silva, Editor at Editae Cultura, 2013. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/elizeusilva/aula-04-teoria-do-jornalismo-referenciais>. Acesso em: 28 agosto 2018.
- SILVA, Marco Antonio *et al.* **Leitura de fronteiras: trajetórias, histórias e territórios**. 1. ed. Paco Editorial. Jundiaí, 2018.
- SILVA, Marcos Paulo da. **Apontamentos sobre a contribuição da sociologia das formas de Franco Moretti para os estudos em jornalismo**. **Revista Matriz**, v. 11, n. 2, maio/ago. 2017. São Paulo, p. 207-227. 207m 2017. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/133580/133226/>. Acesso em: 27 ago. 2018.

_____. **A construção cultural da narrativa noticiosa: noticiabilidade, representação simbólica e regularidade cotidiana.** Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: 2013b. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/644>. Acesso em: 28 jul. 2018.

_____. **As dissonâncias cotidianas nas rotinas dos jornais: o *habitus* jornalístico e a atribuição de um sentido hegemônico às notícias.** Est-s Jorn. Mid., Florianópolis, Santa Catarina. ISSN 1984-6924. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2013v10n1p69>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2013v10n1p69>. Acesso: 24 nov. 2017.

SILVA, Marcos Paulo, ASSIS, *et al.* (Org.). **Imprensa do interior: conceitos e contextos.** Chapecó: Editora Argos da Unichapecó, 2013.

SIMONSEN, Roberto Cochrane. **História econômica do Brasil: 1500-1820.** Brasília: Edições do Senado Federal, v. 34, 2005.

SOARES, Marcelo V. C. **Território televisivo: estudo da televisão e do telejornalismo na fronteira do Brasil com o Paraguai.** Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

SOARES, Marcelo Vicente Cancio. **Televisão fronteira: TV e telejornalismo na fronteira do Brasil e Paraguai.** Campo Grande: Editora UFMS, 2011.

SOARES, Marcelo Vicente Cancio. **Televisões fronteiriças: comunicações compartilhadas.** In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil; MÜLLER, Karla Maria (Org.). **Comunicação, Cultura e Fronteiras.** Ijuí: Editora Unijuí, p. 139-158. 2015.

SODRÉ, M. **A narração dos fatos.** Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

SOJA, Edward W. **Geografia pós-moderna: a reafirmação da teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SOUSA, J. P. **As “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos meios jornalísticos.** Lisboa, Portugal: Universidade Fernando Pessoa, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo.** Chapecó: Letras Contemporâneas, 2002.

SOUSA, J. P. (2002). **Teorias da notícia e do jornalismo.** Chapecó: Argos.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e o poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. P. C., CORRÊA, L. R. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SPACIL, Vera Lucia; MÜLLER, Karla Maria (Org.). **Comunicação, Cultura e Fronteiras. Mapeamento da mídia fronteira em Mato Grosso do Sul.** In: OTA, Daniela Cristiane. Radiojornalismo na fronteira: especificidades na produção e disseminação do conteúdo jornalístico. In: RADDATZ,. Ijuí: Editora Unijuí, 2015, p. 181-200.

SPRANDEL, M.A. **Brasileiros na fronteira com o Paraguai**. Estudos avançados. v. 20, n. 57, p. 137-156, São Paulo, 2006.

TORRECILHA, Maria Lúcia. **A Fronteira, as Cidades e a Linha**. Campo Grande: Editora Uniderp, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Entrevista concedida para a Revista IHU-Online**, publicada em outubro de 2006. O jornalismo como um espaço de luta política. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=533&sec_ao=202

_____. **Teorias do Jornalismo**, Volume I: Porque as notícias são como são. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do Jornalismo**, Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional, 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

Trincherro, H. H.) **Los dominios del demonio. Civilización y Barbarie en las fronteras de la Nación**. El Chaco central. Buenos Aires: EUDEBA. TURRA Neto, Nécio. Espaço e lugar no debate sobre território. Geograficidade, Rio de Janeiro, v.5, n.1, 2015.

UNESCO. **Conferência Geral para Declaração Universal sobre a diversidade cultural da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento**. México, 1982. Disponível em: http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf. Acesso em: 9 jul. 2019.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. **Transformações no conceito de território: competição e mobilidade na cidade**. Revista GEOUSP. São Paulo, n. 15, Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/download/123877/120050/>. Acesso em: 12 nov. xxxx. Acesso em: 26 de maio de 2019.

WEBER, Max. **Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa**. Portal de Periódicos. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2084/1825>. Acesso em: 24 set. 2017.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa, Portugal: Ed. Presença, 1999.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOLFF, F. P. **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Senac. 2004.

YIN, R. K. **Estudo de Caso Planejamento e Método**. Tradução: Daniel Grassi Consultoria. Ed. Bookaman. 2001.

ZAMIN, Angela. **Queremos construir pontes, não cercas: jornalismo internacional, conflito e território**. In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil; MÜLLER, Karla Maria (Org.). **Comunicação, Cultura e Fronteiras**. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2015, v. 1, p. 91-115.

ZÚÑIGA, V. **Elementos teóricos sobre la noción de frontera. (Reflexiones en torno a la tesis de Michel Foucher)**. *Frontera Norte*, v. 5, n. 9, p. 139-146, 1993. Disponível em: www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/docs/edital01.pdf. 22/10/2018. 18 de março de 2019.

ANEXOS

Anexo A – Reportagem interna da execução de Paulo Cardoso Rodrigues (Rocaro)

Jornal Regional

Ponta Porã-MS. Terça-feira, 14 de Fevereiro de 2012

19

POLÍCIA

Morte de Rocaro traz luto para jornalismo na fronteira

O jornalista Paulo Roberto Cardoso Rodrigues, o Paulo Rocaro, foi morto num atentado a bala no final da noite de domingo passado na área central de Ponta Porã. De acordo com informações da polícia, Rocaro transitava pela Avenida Brasil no centro de Ponta Porã por volta das 23:30 hs. em um veículo Fiat Idea, cor prata, placa HSJ 0049 de Ponta Porã MS, sentido centro bairro, quando foi atacado por dois pistoleiros que estavam a bordo de

uma motocicleta tipo Trail. Os bandidos dispararam mais de 12 tiros de pistola 9mm. contra o jornalista. O mesmo recebeu cinco impactos no corpo. Rocaro chegou a pedir ajuda, dirigindo o veículo até um hotel localizado nas proximidades. Uma equipe do Corpo de Bombeiros o levou até o Hospital Regional onde passou por delicada intervenção cirúrgica, mas, por volta das 04:20 hs, não resistiu à gravidade dos ferimentos e acabou falecendo.

A Polícia Civil informou que está fazendo investigações na tentativa de identificar os assassinos. Parentes e amigos de Rocaro serão ouvidos nos próximos dias para auxiliar nas investigações. Paulo Rocaro tinha 51 anos e desempenhava a função de editor chefe do Jornal da Praça, além de dirigir o site de notícias Mercosul News e ainda compor a assessoria de imprensa do Sindicato Rural de Ponta Porã. Ele deixa esposa, filhos e netas. O velório atraiu centenas

de pessoas que foram se solidarizar com a família. Vários jornalistas do Brasil e Paraguai compareceram ao local para prestar homenagem ao colega. O corpo de Rocaro estava vestido pelo fardão da Academia Pontaporanense de Letras. Também escritor, ele era um dos imortais da APL.

O sepultamento deverá ser realizado na manhã desta terça-feira. O horário do enterro não tinha sido informado até o fechamento desta edição.



Carro que jornalista dirigia no momento do crime ficou perfurado pelos disparos de pistola calibre 9 milímetros. (Foto: site Mercosul News)

Amigos e colegas destacaram capacidade e competência de Rocaro

A morte do jornalista Paulo Rocaro repercutiu em todo o Mato Grosso do Sul. As principais entidades que classistas emitiram notas se solidarizando com a família do jornalista, colegas e cobrando agilidade da polícia nas investigações.

O presidente do Sindicato Rural Jean Paes, destacou a capacidade de Rocaro no desempenho das funções de divulgar as ações da entidade. "Um grande profissional que sempre prestou excelentes serviços ao Sindicato. Uma perda irreparável", afirmou Jean.

Para o presidente do Clube de Imprensa de Ponta Porã, Diovano Cezar, a morte de Rocaro deixa uma enorme lacuna no jornalismo da fronteira. Paulo era um dos mais antigos profissionais do setor, atuando em diversas editorias como Polícia, Política e Economia.

Ontem, o presidente do Clube de Imprensa de Ponta

Porã passou a maior parte do tempo ao lado da família de Rocaro de quem era grande amigo e ainda atendendo os inúmeros pedidos de entrevistas dos colegas de diversos meios de comunicação do Brasil e do exterior.

Diovano distribuiu uma nota em nome do Clube de Imprensa lamentando o ocorrido.

Em nota divulgada ontem, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Mato Grosso do Sul (SindJor-MS) manifestou pesar pela morte do jornalista e cobrou, das autoridades competentes, agilidade nas investigações e no esclarecimento do crime.

Já o Clube de Imprensa de Dourados emitiu nota para condenar de forma veemente o atentado que tirou a vida do jornalista Paulo Rocaro. "O CID se alia neste momento às demais entidades e instituições que defendem a vida e



Paulo Rocaro morreu aos 51 anos de idade. Jornalista era um dos mais experientes da fronteira

Estado Democrático de Direito, fazendo um coro no sentido de que este ato de violência seja esclarecido o mais rápido possível para que a vida não continue sendo banalizada na região de fronteira", diz trecho da nota.

CIPP lamenta morte do jornalista Paulo Rocaro

O Clube de Imprensa de Ponta Porã, através do seu presidente, Diovano Cezar dos Santos, divulgou nota repudiando a ação violenta de pistoleiros que executaram o jornalista Paulo Rocaro. Ele foi baleado na noite de ontem numa área próxima ao centro de Ponta Porã e morreu durante a madrugada no Hospital Regional.

Confira a íntegra da nota:

O Clube de Imprensa de Ponta Porã, lamenta profundamente o ocorrido com o jornalista Paulo Roberto Cardoso Rodrigues, (Paulo Rocaro) editor chefe do Jornal da Praça e do site Mer-

cosulnews. Ele foi vítima de um atentado na noite deste domingo (12) na Avenida Brasil em Ponta Porã. O jornalista foi acometido por vários tiros, chegou a ser socorrido, mas não resistiu aos ferimentos e veio a óbito às 03h30min, desta segunda-feira (13).

Paulo Rocaro foi vitimado pela violência que ele combatia e denunciava diariamente através dos meios de comunicação em que trabalhava.

Rocaro costumava dizer que não tinha medo de morrer por falar a verdade, "ninguém vai te matar por falar e escrever a verdade" dizia. Não sabemos o motivo do

atentado, mas nada justifica que um "ser humano" venha brincar de ser Deus e tire a vida do outro.

Paulo Roberto Cardoso Rodrigues era casado, tinha dois filhos e uma neta. Petista de carteirinha, e por ironia do destino, foi baleado no dia 12 e morreu no dia 13, número da sigla do partido.

Enquanto profissionais da imprensa convocamos os órgãos de segurança do Brasil e do Paraguai para que nos dê uma resposta o mais rápido possível. Esperamos que este brutal crime não seja mais um nas estatísticas sem resolução em nossa fronteira.

Joven perde a vida em acidente

Anexo B - Chamada de capa da execução de paulo Cardoso Rodrigues (Rocaró)

Boutique Femme
roupas femininas e acessórios
calçados e bolsas
Fone: 3431-2270

Jornal Regional
O seu diário de segunda a sábado A fronteira em primeiro lugar

studio center
LAFAYETTE
P. O. B. 2
RUA 1508
O MUNDO EM UM SÓ LUGAR

ANO III Nº 778 Ponta Porã-MS, Terça-feira, 14 de Fevereiro de 2012 Preço do Exemplar: 1,50

Jornalista Paulo Rocaro foi morto a tiros na fronteira

O jornalista Paulo Roberto Cardoso Rodrigues, o Paulo Rocaro, editor chefe do Jornal da Praça, e do site Mercosul News foi morto a tiros na noite de domingo na Avenida Brasil.

Rocaró foi atingido por pistoleiros que estavam numa moto. O jornalista conduzia o carro, por volta das 23 horas, em direção à sua casa, quando foi abordado por dois homens.

Rocaró foi atingido por, pelo menos, cinco tiros. Ele chegou a ser levado com vida ao Hospital Regional, mas faleceu horas após ter sofrido intervenção cirúrgica.

Mais detalhes na página 19.



Colegas repudiam atentado e cobram rápida elucidação do caso

A morte do jornalista Paulo Rocaro provocou fortes reações de diversos segmentos da sociedade. Os colegas, através dos sindicatos e clubes de imprensa se manifestaram cobrando a rápida elucidação do caso.

Para os colegas, a morte de Rocaro abre uma enorme lacuna no jornalismo fronteiriço.

Leia integrada nota divulgada pelo Clube de Imprensa de Ponta Porã. **Página 19**

Previporã convoca beneficiários para recadastramento

Página 2

Anexo C - Reportagem interna sobre o aniversário de morte de Paulo Roberto Cardoso Rodrigues (Rocaró)

Jornal Regional

Ponta Porã-MS. Quarta-feira, 06 de Fevereiro de 2013 **15**

POLÍCIA

Manifestação lembrará 1 ano da morte de jornalista

Crime continua sem elucidação e não polícia continua no silêncio diante do assassinato

Após um ano do assassinato do jornalista e escritor Paulo Roberto Cardoso Rodrigues, o Paulo Rocaro, ocorrido em 13 de fevereiro de 2012, entidades e associações, bem como clube de imprensa e Sindicato dos Jornalistas de toda a região, farão um manifesto quanto a falta de conclusão do homicídio. Paulo foi baleado por volta de 11h30 do dia 12 de fevereiro do ano passado, e acabou falecendo na madrugada do dia 13, por volta de 04horas, após não resistir aos ferimentos, vindo a óbito no hospital regional de Ponta Porã.

O manifesto acontecerá na manhã da quarta-feira de Cinzas, data do crime. Segundo a polícia ainda não se tem informações sobre os autores do crime, tão pouco sobre os motivos que levaram o jornalista a ser assassinado com cinco tiros, na Avenida Brasil. O jornalista foi alvejado por dois homens que estavam em uma motocicleta que efetuaram aproximadamente 12 disparos. Rocaro desempenhava a função de editor-chefe do Jornal da Praça, além de ser diretor-proprietário do site mercosulnews.

O Clube de Imprensa de Ponta Porã está convidando várias entidades e segmentos representativos da sociedade para a concentração às 8h do dia 13 de fevereiro, em frente a sede do Clube, com faixas e camisetas brancas. Os manifestantes se dirigirão à Delegacia de Polícia Civil do 1º Distrito, onde foi aberto o inquérito que apura o assassinato e que está sendo conduzido pelo delegado Odorico Mendonça. Ali haverá outra manifestação pacífica contra a impunidade. Da delegacia, será organizada uma carreta que percorrerá a Avenida Baltazar Saldanha e a Avenida Brasil, até o local do homicídio.

Até agora o crime não foi elucidado. Imagens das câmeras filmadoras de lojas próximas ao local do atentado foram obtidas, quebra de sigilo telefônico foi realizada, análise dos arquivos do computador foi feita e demais fontes de informação foram verificadas pela Polícia Civil.

O Governo do Estado de Mato Grosso do Sul e a Secretaria de Segurança do Estado fizeram diversos pronunciamentos, por meio de seus representantes, sobre o empenho na investigação. Em março do ano passado chegou a ser promovida audiência pública sobre a violência contra a imprensa na Assembleia Legislativa de MS.

Diversas organizações nacionais e internacionais de Direitos Humanos, como a ONU (Organização das Nações Unidas) cobraram providências.

Até a ministra Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, cobrou do Congresso Nacional a aprovação de projeto de lei que transfere para a esfera federal a investigação dos crimes de milícias e grupos de extermínio, classificando as mortes dos jornalistas ocorridas no início de 2012 como crime de extermínio.

Isso sem contar as manifestações dos sindicatos de jornalistas de todo o Brasil contra cada uma das seis mortes registradas nos últimos 12 meses e da Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ) defendendo o projeto de lei para que as investigações dos crimes contra os jornalistas tenham participação



Assassinato de jornalista continua sem elucidação e completará um ano de sua morte (Foto Divulgação)

da Polícia Federal.

No entanto, família, colegas e sociedade continuam sem resposta. A impunidade só faz aumentar a sensação de insegurança dos colegas de profissão e da população em geral, que reclama justiça contra os mandantes e executores do assassinato de Rocaro. O exercício do Jornalismo sofre, é fragilizado por essas agressões e reclama por melhores condições de trabalho, de segurança e de valorização quanto à importância da profissão para o Estado Democrático de Direito.

GIRO POLICIAL

Operação 'Irmandade 1533' desarticula parte do PCC em Dourados e outras duas cidades

A operação 'Irmandade 1533' desencadeada pela Polícia Militar e Gaeco (Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado) no início da manhã de hoje, já cumpriu 10 mandados de prisão nos municípios de Dourados, Itaporã e Rio Brillhante. O objetivo do movimento, segundo nota divulgada pelo Gaeco, é desarticular ações criminosas como homicídios, roubos e tráfico de drogas da facção PCC (Primeiro Comando da Capital).

Na casa de um jovem de 20 anos, detido no BNH IV Plano, foram encontrados seis papéletes de pasta base de cocaína. O balanço completo da operação 'Irmandade 1533' - o numeral 1533 é utilizado pela organização criminosa investigada com base no Código Congo, no qual o P corresponde à 15ª letra e o C à terceira letra, correspondendo PCC - deve ser repassado pela polícia até o final da tarde.

Segundo o MPE (Ministério Público de Mato Grosso do Sul), 23 policiais militares do Gaeco, 32 do 3º Batalhão da Polícia Militar de Dourados e promotores, participaram desta ação.

Padrasto é acusado de abusar menina de 9 anos em Corumbá

Um homem de 37 anos, foi detido pela Polícia Militar, na tarde de domingo (3), no bairro Cravo Vermelho II, em Corumbá, após denúncia de estupro de vulnerável. O Conselho Tutelar também foi acionado e recebeu a informação que uma menina de 9 anos, vinha sendo molestada sexualmente pelo padrasto.

No local, a mãe da criança disse aos PM's e ao conselho tutelar, que tomou conhecimento do caso no dia 28 de janeiro, quando a menor contou que vinha sendo abusada pelo padrasto desde o ano passado e que o fato teria ocorrido várias vezes.

O homem estava na residência e foi detido. Ao ser questionado sobre as acusações, ele teria dito: "eu errei, vou ter

Anexo D - Chamada de capa sobre o assassinato do empresário Luiz Henrique Rodrigues Georges



Anexo E— Notícia sobre o assassinato do empresário Luiz Henrique Rodrigues Georges



Anexo F – Chamada de capa sobre o assassinato do empresário Luiz Henrique Rodrigues Georges

Jornal Regional
O seu diário de segunda a sábado A fronteira em primeiro lugar

ANO V Nº 966 Ponta Porã-MS, Sexta-feira, 05 de Outubro de 2012 Preço do Exemplar: R\$ 1,50

Empresário é fuzilado na avenida Brasil

Luiz Henrique Rodrigues Georges e Nery Vera morreram na hora; outro foi baleado

O empresário Luiz Henrique Rodrigues Georges, 56 anos, conhecido por 'Tulu', foi fuzilado no meio da tarde de ontem, no centro de Ponta Porã. Ele estava com outros dois homens dentro de um veículo importado, SW 4, cor preta, placas HTO 2807, de Ponta Porã (MS) e na avenida Brasil, entre as ruas 18 de julho e Alexandre de Gusmão foi cercado por quatro homens em duas motos, um em cada lado, e os caronas efetuaram dezenas de tiros no veículo onde estava o empresário.

Os pistoleiros efetuaram os disparos do lado direito do veículo, alvejando em cheio a Nery Vera, amigo pessoal do empresário Luiz Henrique Rodrigues Georges. Ananias Duarte foi atingido e socorrido ao hospital regional de Ponta Porã. Até o fechamento desta edição, a informação era que Duarte, que já foi candidato a deputado federal no Paraguai, estava gravemente ferido.

Pistoleiros executaram empresário e amigo na avenida Brasil (Foto Divulgação JR)

Página 19

Anexo G – Notícia interna sobre o assassinato de Gerardo Servian

Jornal Regional Ponta Porã-MS, Sexta-feira, 6 de Março de 2015 **19**

POLÍCIA

Radialista paraguaio assassinado em Ponta Porã

O jornalista Gerardo Ceferino Servian Coronel, 44 anos, foi executado a tiros na tarde de ontem, quinta-feira (5), na Rua Afonso Pena, no bairro da Granja em Ponta Porã (MS). Segundo informações do Ponta Porã Informa, pistoleiros que estavam em uma moto estrangeira se aproximaram da vítima e efetuaram os disparos.

De acordo com boletim de ocorrência da Polícia Civil, o Corpo

Gerardo Servian foi executado no bairro da Granja

de Bombeiros e as Polícias Militar e Civil estiveram no local do crime. O registro foi

feito pelo irmão do jornalista, que ouvia a rádio no momento em que anunciaram o tiroteio e morte do irmão. Ao escutar a notícia, o irmão de Gerardo saiu para o local do crime, mas já encontrou a vítima sem vida.

Gerardo era locutor na rádio Ciudad Nueva FM de Sanja Pytã na cidade de Pedro Juan Caballero. Ele era irmão do locutor Kiko Servian que trabalha na rádio Amambay AM.

Criança de dois anos assassinada em tiroteio em Pedro Juan

Uma tiroteio ocorrido por volta de meio dia de ontem deixou uma criança de dois anos como vítima. Lucas Ariel Gonzalez morreu atingido por um dos disparos. O entrevoto aconteceu resultando no tiroteio aconteceu no bairro San Geraldo em Pedro Juan Caballero onde uma criança que estava em frente a um comércio foi atingida por uma bala perdida na hora em que os carros passaram atirando. A criança estava brincando com o irmãozinho sendo atingida na cabeça.

Um homem também teria falecido e mais dois ficaram feridos. As vítimas foram encaminhadas para o Hospital San Lucas onde estão sendo operadas.

Ex-prefeito acusado de chacinas e tráfico

Anexo h – Chamada sobre a execução de Gerardo Servian

Jornal Regional
O seu diário de segunda a sábado A fronteira em primeiro lugar

studio center
IMPORTADOS
R R R R R
(067) 3437-7000 / 272501 (P.Y.)

ANO VI Nº 1643 Ponta Porã-MS, Sexta-feira, 6 de Março de 2015 Preço do Exemplar: R\$ 1,50

Radialista paraguaio executado em Ponta Porã

Gerardo Servian foi morto a tiros no início da tarde de ontem no bairro da Granja

Criança de dois anos morre baleada

Homens em dois carros trocaram tiros e uma bala perdida atingiu vítima

Ex-prefeito paraguaio acusado de chacinas e tráfico internacional é preso

Página 19

Anexo i – Notícia interna sobre a execução de Fausto Gabriel Alcaraz (em espanhol)

Jornal Regional
amabaydigital.com

12 Ponta Porã-MS, Sábado/Domingo, 17 e 18 de Maio de 2014

PEDRO JUAN - PARAGUAY

Matan a periodista radial de rádio Amambay 570

Fausto Gabriel Alcaraz fue asesinado a tiros a quemarrapas al llegar a su residencia

Fausto Gabriel Alcaraz (28), conductor de Radio Amambay 570 AM, fue asesinado a tiros este viernes, informó el corresponsal de Última Hora en Amambay, Marciano Candia. Según informaron en Telefuturo, Alcaraz culminaba su habitual programa matutino de radio cuando al descender de su vehículo fue abalanzado por dos sicarios movilizados en una moto, quienes lo dispararon a quemarrapas.

El comunicador trabajaba en la radio perteneciente a la familia del senador liberal Robert Acevedo. Conducía el programa "De Frente a La Matana", de 07.00 a 12.00, de lunes a viernes.

Colegas del periodismo paraguayo, acusaron que habría hecho el comunicador, ya que Alcaraz habitualmente tocaba temas relacionados con el tráfico de drogas en la frontera seca con el Brasil.

Informes preliminares del fiscal Samuel Valdez

Profesional radial fue ultimado al llegar a su residencia

detalles que fueron percibidos 11 tiros con un arma de 9 mm y calibre 40. Una coetivista del Sindicato de Periodistas del Paraguay (SPP) se dirige en estos momentos hasta el departamento de Amambay.

Alcaraz vivía hacia las afueras de la ciudad en casa de sus padres. Aparte de hacer radio, sirvaba el último año de la carrera de Derecho.

El Ministerio Público ya investiga el caso y está a cargo el fiscal Samuel Valdez, quien dispuso que el cuerpo de Alcaraz sea trasladado hasta la morgue a fin de realizar la autopsia correspondiente.

Es cosa del narcotráfico

La muerte del comunicador Fausto Gabriel Alcaraz es represalia de narcotraficantes, aseguró el senador liberal Roberto Acevedo, propietario de la radio en la que trabajaba el periodista acerbillo por sicarios. El legislador lamentó la pérdida del joven comunicador de 28 años, asesinado a tiros por dos desconocidos en la tarde de ayer, viernes cuando llegaba a su vivienda, en el Barrio María Victoria.

Recordó que Alcaraz denunciaba "por nombre y apellido" a los narcotraficantes del departamento de Amambay.

"El denunciaba a todos los narcos, a los grandes, y ellos no perdonan y cometieron eso. Esto es cosa del narcotráfico", sostuvo Acevedo, en comunicación con Radio Nanduti.

El senador indicó además que en Pedro Juan Caballero hay una ausencia total de presencia del Estado, especialmente de sus organismos de seguridad y justicia.

"La policía está totalmente vendida. El subcomandante asaltantes. Todos los que vienen acá lo hacen para recaudar de los narcotraficantes", subrayó.

En otro momento, afirmó que la lucha contra el narcotráfico desarrollada en Pedro Juan Caballero es solo una pantalla para los medios de prensa.

"Los narcotraficantes acá andan en caravana, armados con fusiles de guerra automáticos, y nadie los molesta, ni Senad aquí haciendo allanamientos, y eso no se hace acá en Pedro Juan Caballero", expresó en otro momento.

Finalmente reiteró que Pedro Juan Caballero se está volviendo inhabitable para la ciudadanía ya que "estamos a disposición de los narcotraficantes".

NO COMPRA DE CUALQUIER PRODUCTO MARCA PROPIA
¡VOCÍ LIVA UN...
R\$ 24,90

Anexo j – Chamada de capa informa a execução de Fausto Gabriel Alcaraz

Jornal Regional
O seu diário de segunda a sábado A fronteira em primeiro lugar

ANO VI Nº 1420 Ponta Porã-MS. Sábado/Domingo, 17 e 18 de Maio de 2014 Preço do Exemplar: R\$ 1,50

Radialista assassinado em Pedro Juan

Locutor mantinha programa em rádio de senador

O radialista Fausto Gabriel Alcaráz, 28 anos, da rádio Amambay, em Pedro Juan Caballero, no Paraguai, foi assassinado no início da tarde de ontem, sexta-feira com 9 tiros. Após deixar a emissora onde tinha um programa, a vítima entrou em seu carro e ao estacioná-lo em sua residência, próximo ao local de trabalho, dois homens em uma motocicleta se aproximaram e efetuaram vários tiros. Informações dão conta que a vítima foi alvejada por 14 disparos de pistola 9 milímetros e ponto 40 em várias partes do corpo. **Páginas 12 e 19**



Radialista Fausto Gabriel Alcaráz, 28 anos (Foto Divulgação)

Linha férrea completa um século
A ferrovia que corta Mato Grosso

Estudante esclarece atitude em horário de aula
A matéria divulgada pelo JORNAL REGIONAL estabelecimento comercial no centro da cidade e retornada pelo JORNAL REGIONAL há vários dias.

MPE defende inelegibilidade de Kayatt

Anexo k – Notícia interna sobre a execução de Fausto Gabriel Alcaraz

Jornal Regional Ponta Porã-MS. Sábado/Domingo, 17 e 18 de Maio de 2014 **19**

POLÍCIA

Radialista é assassinado em Pedro Juan

Locutor da rádio Amambay AM 570, do senador Robert Acevedo, foi crivado a balas

O radialista Fausto Gabriel Alcaráz, da rádio Amambay, em Pedro Juan Caballero, no Paraguai, foi assassinado no início da tarde de ontem, sexta-feira com 9 tiros. Após deixar a emissora onde tinha um programa, a vítima entrou em seu carro e ao estacioná-lo em sua residência, próximo ao local de trabalho, dois homens em uma motocicleta se aproximaram e efetuaram vários tiros. Informações dão conta que a vítima foi alvejada por 14 disparos de pistola 9 milímetros e ponto 40 em várias partes do corpo.

Antes de adentrar a residência, onde morava com a mãe, Fausto percebeu a aproximação dos bandidos, tentou correr, porém foi atingido. Ainda assim ele correu para dentro do quintal, sendo perseguido pela dupla, que o executou a alguns metros da porta da casa.

O promotor de Justiça Samuel Valdez, juntamente com a sua equipe de peritos, periciaram o local do crime, onde recolheram as cápsulas e os projéteis que ficaram espalhados pelo chão, sendo constatado que foram 12 disparos de arma .40 e de pistola 9mm.

Fausto atuava no rádio há pouco mais de 3 anos e estava prestes a concluir licitude de direito.



Crime ocorreu quando a vítima chegava em sua residência após deixar emissora de rádio onde trabalhava (Foto Divulgação)



Radialista Fausto Gabriel Alcaráz Garay

Anexo I – Noticia interna sobre a execução de Pablo Medina

12 Ponta Porã-MS. Sábado/Domingo, 18 e 19 de Outubro de 2014

Jornal Regional
amambaydigital.com

PEDRO JUAN - PARAGUAY

Asesinato de periodista apunta directamente al narcotráfico

Destaque sob el título "El narcotráfico asesina al periodista Pablo Medina"

En uno de sus tantos artículos publicados ayer, viernes (17) por el diario *Abc color*, bajo el título "El narcotráfico asesina al periodista Pablo Medina", apunta como responsables a narcotraficantes de la zona, como así también a un político. La crónica elaborada por Iván Leguizamón y Fernando Romero, enviados especiales a la zona del doble crimen señala textualmente lo siguiente: El periodista de *ABC Color* Pablo Medina Velázquez, de 53 años, fue asesinado a tiros en una emboscada en un camino rural del distrito de Villa Ygatimi, departamento de Canindeyú, a unos 50 kilómetros de la ciudad de Curuguaty, donde nuestro compañero era corresponsal hace 16 años. Los principales sospechosos de haber ordenado el atentado son Avilio Manuel Espíndola Itasi, alias Baby, un supuesto "capanga" del jefe narco preso en el Brasil Líder Cabral Arias; y el intendente de Ypehú, Vilmar "Neneco" Acosta (ANR), quien tenía serias diferencias con el comunicador.

CURUGUATY, Canindeyú (Iván Leguizamón y Fernando Romero, enviados especiales). El crimen, que conmocionó a todo el país, fue perpetrado por dos sujetos que se adelantaron a una



Bomberos y policías bajan el cadáver de Pablo Medina en la morgue del hospital regional de Curuguaty (Foto abccolor)

del corresponsal de *ABC* y después de asegurarse de su identidad, uno de ellos extrajo una pistola calibre 9 mm. Ante esta situación, Medina intentó reaccionar y suplicó que no lo mataran, pero el pistolero le disparó al menos cuatro tiros. Cuando el periodista cayó recostado sobre su volante, lo remataron con un tiro de escopeta en la cabeza. Su secretaria acusó dos balazos y murió más tarde, en tanto que la hermana de esta, salió ileso porque los matones aparentemente no la vieron.

Sospechosos
Esta madrugada, la Policía apuntaba la investigación en principio hacia Avilio Manuel Espíndola Itasi, alias "Baby", de 31 años, un corredor de motocicletas en cuya vivienda en Curuguaty se encontraron tres toneladas de "macoña" prensada ocultas en una fosa. "Baby", quien sería de la organización de Líder Cabral, se encuentra prófugo y habría amenazado de muerte a Medina a raíz de que este publicó ese procedimiento.

Tampoco se descarta al intendente de Ypehú, Vilmar "Neneco" Acosta, quien fue "salpicado" en hechos de tráfico de drogas en la frontera, cuestiones que Medina había publicado.

El recorrido que había anunciado –que sería su última cobertura– a bordo de una camioneta Mitsubishi L-200, doble cabina del diario.

Al lado de Medina, se encontraban su secretaria, la estudiante de Análisis de Sistemas Antonia Maribel Almada Chamorro (19), y la hermana de esta, Juana Ruth Almada Chamorro (30), quien viajaba en el asiento trasero del rodado.

Ya de regreso a Curuguaty, el vehículo del comunicador fue emboscado por dos hombres vestidos de para-para'l, quienes aparecieron desde un monte. Ambos matones habrían sido dejados en el sitio por un automóvil que habría seguido la camioneta de Pablo Medina incluso desde Curuguaty.

Los criminales, tras hacer que Medina detuviera la marcha de su vehículo, incluso le presentaron si se trataba

"Se aseguraron de que muera"

Los asesinos que emboscaron a Pablo Medina la tarde del miércoles "se aseguraron" de que el corresponsal de *ABC Color* muriera, con al menos cuatro tiros de arma corta y un disparo de escopeta en el rostro. El fiscal Néstor Cañete se refirió a los últimos datos sobre el atentado perpetrado alrededor de las 14:30 del jueves, en Villa Ygatimi, cuando el periodista de *ABC Color* regresaba de una cobertura policial a bordo de su camioneta.

Los sicarios detuvieron el vehículo, se aseguraron de que se tratara del corresponsal para finalmente efectuar cuatro tiros de arma corta, calibre 9 mm. Posteriormente, uno de los autores le disparó con una escopeta directamente al rostro.

"Le apuntaron a la cabeza. Los disparos fueron a corta distancia. Hubo destrucción de masa encefálica", detalló el agente del Ministerio Público. En contacto con la 780 AM, el fiscal señaló que las heridas resultantes fueron varias. "Totalmente, se aseguraron de que muera", sostuvo.

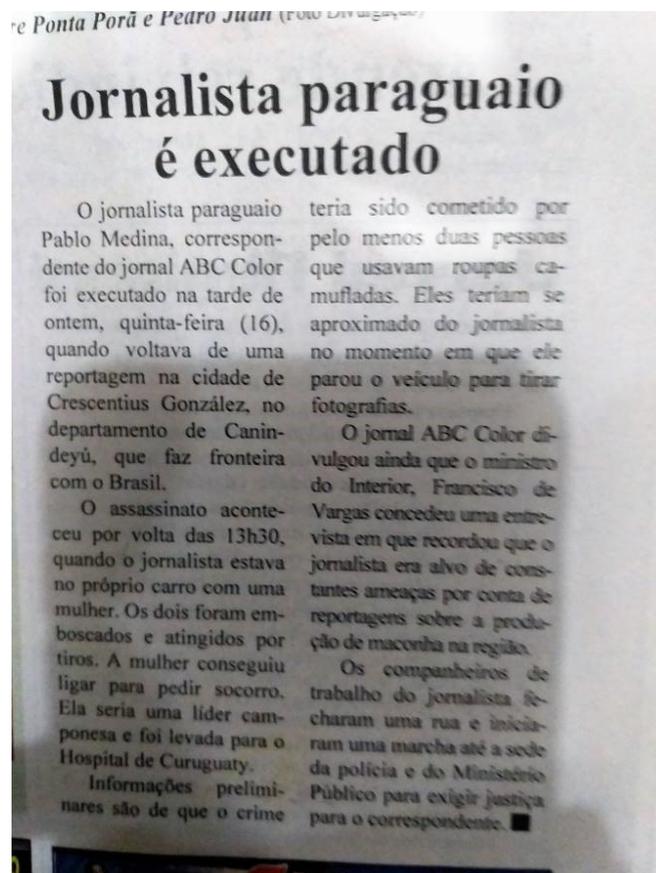
Garantizó que la Fiscalía está abocada a rastrear no solo a los sicarios sino a quienes pagaron por la muerte de nuestro compañero de tareas. "El Ministerio Público ya conformó un equipo de cuatro fiscales para llevar adelante esta investigación", refirió.

En las últimas horas suman cuatro los sospechosos detenidos luego de cinco allanamientos realizados esta madrugada y esta mañana. Se trata de Elijodoro Ramos Ibáñez (37) y los hermanos Fermín (38) y Ceclio Ramos (35), además de Carlos Alberto Marmolejo (30).

Los investigadores confirman que todo apunta a que la muerte de Pablo Medina fue un encargo de la mafia del narcotráfico, que impera en el departamento de Canindeyú. Los criminales aparentemente estaban molesto con las denuncias que realizaba el corresponsal sobre los cultivos de marihuana en la zona.

El periodista iba a bordo de una camioneta Mitsubishi L-200, junto a su asistente Antonia Maribel Almada Chamorro (19) y la hermana de esta, Juana Ruth Almada Chamorro (30), cuando dos sicarios les cerraron el paso a la altura de la comunidad indígena Hanaramí, en la zona de Villa Ygatimi.

Los asesinos inclusive habrían matado a la secretaria si era el corresponsal el que iba a bordo.

Anexo m – Chamada de capa sobre o assassinato de Pablo Medina

Anexo n – chamada de capa sobre a execução do radialista marcelino vazquez

Boutique Femme
Salão
 Rua...
 Fone: 3431-2270

Jornal Regional
 O seu diário de segunda a sábado
 A fronteira em primeiro lugar

ANO V Nº 1062
 Ponta Porã-MS, Sexta-feira, 08 de Fevereiro de 2013
 Preço do Exemplar: R\$ 1,50

Fronteira Folia será no Parque dos Ervais

Administração Municipal abre o Parque para receber uma das maiores festas populares do país

A Prefeitura de Ponta Porã realiza a partir deste sábado o carnaval 2013, denominado de Fronteira Folia. O evento ocorrerá numa área delimitada no interior do Parque dos Ervais e o público terá acesso gratuito. O evento está sendo organizado por uma comissão cuja formação foi determinada pelo prefeito Ludimar Novais (PPS).
 Conforme a comissão organizadora, os bailes serão realizados em uma área delimitada dentro do Parque dos Ervais e começam neste sábado, dia 9, a partir das 22h30min com encerramento previsto para as 4h do dia seguinte. Os bailes noturnos se repetem no domingo, segunda e terça, encerrando a folia na quarta-feira de cinzas às 4h. A matine terá início às 15h de domingo com encerramento às 18h30min.
 A área que será utilizada no interior do Parque dos Ervais está sendo fechada com tapumes e o público não terá acesso às demais dependências dentro do parque. **Página 3**

Assassinato de radialista choca a fronteira

Até o final da tarde de ontem, a polícia paraguiana não tinha quaisquer pistas que pudessem levar à elucidação do crime tendo como vítima o proprietário da Rádio Sem Fronteiras FM (98.5), em Pedro Juan Caballero, Marcelino Vazquez de 54 anos. Marcelino foi fuzilado no início da noite de anteontem (quarta-feira, 06) quando chegava ao prédio onde mantinha a emissora e uma boate. O radialista foi executado por dois pistoleiros que ocupavam uma moto. O coronel desceu da moto e se dirigiu até onde a vítima estava, na calçada da empresa onde chegava, sendo alvejado com 4 disparos de pistola 9 mm quando saía de sua residência, na rua Paschilo Lopes, quase esquina com Fernando de La Mora, no bairro São Geraldo. O crime chocou a população de Pedro Juan Caballero, que enfrenta uma série de crimes violentos. **Páginas 18 e 19**

Radialista Marcelino Vazquez era proprietário de emissora FM em Pedro Juan (Foto: Divulgação)

Programa 'Caminho da Escola'

Anexo o - Notícia intena sobre a execução de Marcelino Vazquez

Jornal Regional
 Ponta Porã-MS, Sexta-feira, 08 de Fevereiro de 2013 **15**

POLÍCIA

Assassinato de radialista em Pedro Juan sem pistas

Proprietário de emissora FM foi fuzilado a tiros na noite de quarta-feira em frente a empresa

Até o final da tarde de ontem, a polícia paraguiana não tinha quaisquer pistas que pudessem levar à elucidação do crime tendo como vítima o proprietário da Rádio Sem Fronteiras FM (98.5), em Pedro Juan Caballero, Marcelino Vazquez de 54 anos. Marcelino foi fuzilado no início da noite de anteontem (quarta-feira, 06) quando chegava ao prédio onde mantinha a emissora e uma boate. O radialista foi executado por dois pistoleiros que ocupavam uma moto. O coronel desceu da moto e se dirigiu até onde a vítima estava, na calçada da empresa onde chegava, sendo alvejado com 4 disparos de pistola 9 mm quando saía de sua residência, na rua Paschilo Lopes, quase esquina com Fernando de La Mora, no bairro São Geraldo. O crime chocou a população de Pedro Juan Caballero, que enfrenta uma série de crimes violentos.
 Durante toda a noite, madrugada e o dia, ontem, a polícia realizou diligências para tentar encontrar alguma pista que possa ajudar nas investigações, mas pela forma como ocorreu, o homicídio de Marcelino Vazquez caminha para ficar sem elucidação.
 As informações repassadas pelos organismos policiais informam que dois homens a bordo de uma moto fizeram os disparos contra Marcelino que caiu no meio da rua. Seus funcionários ainda tentaram socorrê-lo levando o corpo para um hospital particular, mas não resistiu aos ferimentos e acabou falecendo.
 Marcelino Vazquez foi influente político no Partido Colorado, tendo inclusive ocupado a função de Conselho Municipal (vereador), também ocupando importantes cargos na direção partidária. O corpo de Vazquez foi velado ontem e o sepultamento ocorreu no final da tarde.

Empresário foi assassinado em frente ao estabelecimento (Foto: Léo Veiros)

GIRO POLICIAL

Adolescente tenta matar primo e precisa ser mobilizada pelo pai em Corumbá
 A guarnição da Força Tática do 6º Batalhão da Polícia Militar aguardava na noite de quarta-feira (6) uma adolescente de 16 anos que feria o pai de faca o primo de 27 anos enquanto ele dormia. O fato aconteceu em Rua Caballero no centro de Corumbá onde segundo testemunhas a adolescente havia ingerido bebida alcoólica e estava bastante alterada.
 O pai da adolescente contou aos policiais que a menina passou o dia todo ingerindo bebida alcoólica, que estava bastante alterada e após discutir com os avós foi até o quarto onde encontrava o primo dormindo e por motivos fúteis deu-lhe um golpe de faca atingindo o abdômen do lado esquerdo. A adolescente teve o pé e mãos amarradas pelo pai até a chegada da Polícia Militar. A vítima foi socorrida pelo SAMU e encaminhada para o pronto socorro municipal. A adolescente foi apreendida e encaminhada para o delegacia do 1º Distrito Policial de Corumbá com excoriações no braço esquerdo causadas pela mobilização feita pelo pai.

Garoto de 16 anos flagrado com 20 tablets de droga
 Uma garota de 16 anos foi detida quarta-feira (06), com 20 tablets de maconha no posto da PRF (Polícia Rodoviária Federal), de São Gabriel em um ônibus que fazia o itinerário São Paulo a Curitiba. A jovem segundo levantamento da PRF, reside em Campo Grande. Ela informou aos policiais que levava a droga até Curitiba.
 A droga foi encontrada no bagageiro externo do ônibus em duas malas com 16 tablets de maconha durante fiscalização da equipe da PRF Diante dos fatos, a menor foi apreendida e encaminhada para Delegacia da Polícia de São Gabriel do

Anexo p - Notícia interna sobre a execução de Marcelino Vazquez (em espanhol)

Jornal Regional Ponta Porã-MS. Sexta-feira, 08 de Fevereiro de 2013 **13**
PEDRO JUAN amambaydigital.com

Asesinato de Marcelino Vasquez assombra a la poblacion

Propietario de la radio 98,5 FM Sin Fronteras fue acribillado a balazos

A rededor de las 19:00 horas del miércoles 6, dos personas desconocidas asesinaron a quemarropa al propietario de la radioemisora "Sin Fronteras - 98.5 FM en frente a su residencia. Se trata de Marcelino Vázquez González de 56 años, también conocido como "Laser", quien se disponía a ingresar a su residencia del barrio San Gerardo cuando fue sorprendido por dos desconocidos que se le acercaron a bordo de una motocicleta y sin mediar palabras uno de ellos efectuó disparos le arma de fuego, presumiblemente revólver calibre 38 impactando la mayoría de ellos en la cabeza, el rostro y uno en el pecho.

Marcelino Vázquez fue auxiliado por uno de sus hijos hasta el hospital Viva Vida en donde minutos después se produjo su deceso a raíz de la gravedad de las heridas recibidas.

Minutos antes Marcelino Vázquez se encontraba en el Complejo 98 distante a unos 60 metros de su residencia a la que fue caminando y antes de ingresar fue abordado por los dos sicarios.

Gran consternación causó en la población este nuevo crimen que enluta a la sociedad pedrojuanina por tratarse de una persona conocida y respetada por tratarse de un empresario trabajador dedicado a la producción de eventos artísticos.

La Policía no tiene aún datos que podrían determinar la causa del crimen, más aún teniendo en cuenta que Marcelino nunca antes dijo haber tenido algún altercado con alguien ni mucho menos amenaza de muerte.



Empresario fue acribillado en frente de establecimiento de su propiedad

Luz Bella del barrio San Gerardo, comenzaba a emitir sus primeras señales la 98.5 FM "Sin Fronteras", que años más tarde se mudaría a su nuevo departamento de Concepción, ejercía la función de "Parlatero", pues hacia publicidad callejera de fiestas o cualquier evento artístico con un departamento de Concepción, ejercía la función de "Parlatero", pues hacia publicidad callejera de fiestas o cualquier evento artístico con un

Con motivo de celebrar sus Bodas de Plata con Marta Edita Benítez, tuvo la oportunidad de escribir una breve reseña histórica de la vida de ambos en pareja, en esa breve reseña tuvo la oportunidad de conocer más a fondo la rica historia de Marcelino Vázquez, que sin lugar a dudas es todo un ejemplo de superación. Contaba el propio Marcelino, que en su natal Paso Horqueta, distrito de Loreto,

adversa, ya que al llegar nada más, un vehículo que pasaba por el lugar atropelló los parlantes (baffles) que había bajado del colectivo y lo dejó en su principal elemento de trabajo.

A partir de ese inconveniente que para nada decayó en su ánimo de querer superarse y crecer como persona y ser humano en la vida, la historia de Marcelino comenzó a tomar un rumbo ascendente hasta llegar a convertirse en un prospero empresario del mundo artístico en esta frontera.

En sus comienzos, Marcelino alquiló un pequeño salón en el Mercado Municipal donde abrió una grabadora de cintas cassette a la que denominó "Laser Disco", y desde ese punto comenzó en forma paralela a amarrar fiestas como DJ hasta que un tiempo después pudo comprar un pequeño camion que muchas veces hacia de escenario.

Así fue creciendo el negocio y Marcelino apostó a un nuevo emprendimiento alquilando las instalaciones

del club Sportivo Obrero en donde cada fin de semana organizaba fiestas, eran fines de semana de puras trasnochadas y sacrificios que a la larga comenzaron a dar sus frutos y Marcelino fue creciendo y haciéndose conocido como empresario de eventos artísticos. Luego las fiestas se instalaron en la sede del club Sportivo 2 de Mayo en lo que se conocía de Mayo en lo que se conocía como la "Hate Alibeleste", para luego de un par de años regresar al Sportivo Obrero.

Paralelamente a estas actividades Marcelino incurrió en el ambiente radial y televisivo con el programa denominado "El Especial de Laser" en el cual promocionaba sus fiestas, y los domingos en horas de la mañana animaba fiestas organizadas por él mismo en la "Chaca Guardati" donde se conjugaba balneario con música y diversión.

A finales de los años 90, Marcelino logró concertar un sueño acariciado desde su llegada a Pedro Juan Caballero, en una Primavera, en un local alquilado de la fracción

Luz Bella del barrio San Gerardo, comenzó a emitir sus primeras señales la 98.5 FM "Sin Fronteras", que años más tarde se mudaría a su nuevo departamento de Concepción, ejercía la función de "Parlatero", pues hacia publicidad callejera de fiestas o cualquier evento artístico con un departamento de Concepción, ejercía la función de "Parlatero", pues hacia publicidad callejera de fiestas o cualquier evento artístico con un

por la cual sentía un gran aprecio, sentimiento este que estoy seguro era mutuo, recordando que durante un tiempo también incurrió en la política llegando a ocupar la Presidencia de la Seccional Colorada del barrio San Gerardo, en donde también animó fiestas, hasta que luego de candidatarse a Concepción Departamental decidió retirarse de la política activa y se dedicó de lleno a su actividad laboral.

Finalmente, solo puedo decir que Marcelino "Laser" Vázquez cumplió su sueño, y aunque no lo pudo disfrutar en una feliz ancianidad por culpa de la incansante inseguridad reinante en la ciudad que eligió para vivir y crecer, su recuerdo será siempre el de una persona que fue todo un ejemplo de superación constante Paz en tu tumba querido amigo y a tus seres queridos, una Cristiana resignación.

No puedo expresar mis palabras finales sin antes recordar también que Marcelino "Laser" Vázquez, una persona

Anexo q - Artigo interno sobre a execução de Marcelino Vazquez (em espanhol)

... en el barrio San Gerardo cuando fue sorprendido por dos desconocidos que se le acercaron a bordo de una motocicleta y sin mediar palabras uno de ellos efectuó disparos le arma de fuego, presumiblemente revólver calibre 38 impactando la mayoría de ellos en la cabeza, el rostro y uno en el pecho.

Marcelino Vázquez, un ejemplo de superación

Con motivo de celebrar sus Bodas de Plata con Marta Edita Benítez, tuvo la oportunidad de escribir una breve reseña histórica de la vida de ambos en pareja, en esa breve reseña tuvo la oportunidad de conocer más a fondo la rica historia de Marcelino Vázquez, que sin lugar a dudas es todo un ejemplo de superación. Contaba el propio Marcelino, que en su natal Paso Horqueta, distrito de Loreto,

adversa, ya que al llegar nada más, un vehículo que pasaba por el lugar atropelló los parlantes (baffles) que había bajado del colectivo y lo dejó en su principal elemento de trabajo.

A partir de ese inconveniente que para nada decayó en su ánimo de querer superarse y crecer como persona y ser humano en la vida, la historia de Marcelino comenzó a tomar un rumbo ascendente hasta llegar a convertirse en un prospero empresario del mundo artístico en esta frontera.

En sus comienzos, Marcelino alquiló un pequeño salón en el Mercado Municipal donde abrió una grabadora de cintas cassette a la que denominó "Laser Disco", y desde ese punto comenzó en forma paralela a amarrar fiestas como DJ hasta que un tiempo después pudo comprar un pequeño camion que muchas veces hacia de escenario.

Así fue creciendo el negocio y Marcelino apostó a un nuevo emprendimiento alquilando las instalaciones

del club Sportivo Obrero en donde cada fin de semana organizaba fiestas, eran fines de semana de puras trasnochadas y sacrificios que a la larga comenzaron a dar sus frutos y Marcelino fue creciendo y haciéndose conocido como empresario de eventos artísticos. Luego las fiestas se instalaron en la sede del club Sportivo 2 de Mayo en lo que se conocía de Mayo en lo que se conocía como la "Hate Alibeleste", para luego de un par de años regresar al Sportivo Obrero.

Paralelamente a estas actividades Marcelino incurrió en el ambiente radial y televisivo con el programa denominado "El Especial de Laser" en el cual promocionaba sus fiestas, y los domingos en horas de la mañana animaba fiestas organizadas por él mismo en la "Chaca Guardati" donde se conjugaba balneario con música y diversión.

A finales de los años 90, Marcelino logró concertar un sueño acariciado desde su llegada a Pedro Juan Caballero, en una Primavera, en un local alquilado de la fracción

Luz Bella del barrio San Gerardo, comenzó a emitir sus primeras señales la 98.5 FM "Sin Fronteras", que años más tarde se mudaría a su nuevo departamento de Concepción, ejercía la función de "Parlatero", pues hacia publicidad callejera de fiestas o cualquier evento artístico con un departamento de Concepción, ejercía la función de "Parlatero", pues hacia publicidad callejera de fiestas o cualquier evento artístico con un

por la cual sentía un gran aprecio, sentimiento este que estoy seguro era mutuo, recordando que durante un tiempo también incurrió en la política llegando a ocupar la Presidencia de la Seccional Colorada del barrio San Gerardo, en donde también animó fiestas, hasta que luego de candidatarse a Concepción Departamental decidió retirarse de la política activa y se dedicó de lleno a su actividad laboral.

Finalmente, solo puedo decir que Marcelino "Laser" Vázquez cumplió su sueño, y aunque no lo pudo disfrutar en una feliz ancianidad por culpa de la incansante inseguridad reinante en la ciudad que eligió para vivir y crecer, su recuerdo será siempre el de una persona que fue todo un ejemplo de superación constante Paz en tu tumba querido amigo y a tus seres queridos, una Cristiana resignación.

No puedo expresar mis palabras finales sin antes recordar también que Marcelino "Laser" Vázquez, una persona





Anexo r – chamada de capa sobre a morte do fotógrafo Carlos Manoel Artaza



Anexo s – Notícia interna sobre a execução do fotógrafo Carlos Manoel Artaza mereles (em espanhol)



Anexo t – Notícia interna comemorativa de 5 anos de fundação do Jornal Regional

Jornal Regional **1000**
Ponta Porã-MS, Terça-feira, 20 de Novembro de 2012 **9**

Um projeto com a marca maior da simplicidade

JORNAL REGIONAL começou pela necessidade de trabalho dos seus sócios-diretores

Um projeto ousado, simples mas objetivo nos seus ideais. Assim pode ser descrito o surgimento do **JORNAL REGIONAL** no fim do primeiro semestre de 2008, diante das fortes evidências de mudanças na empresa em que os sócios-diretores atuavam até então. A ideia partiu de uma simples conversa entre os cinco sócios, Carlos Monfort, Rosimeire Dutra, Mirna Talavera, Oswaldemir Pavão e Zadir de Souza. Cada qual sabia que o espaço profissional havia ficado escasso e precisavam urgentemente providenciar uma outra fonte de renda, primeiramente, e depois um emprego fixo que lhes pudesse garantir a tranquilidade.

Desse pensamento, começaram as primeiras reuniões para projetar primeiramente como seria o início de tudo. Simples e direto, mas o começo do começo seria muito difícil, todos sabiam, mas a favor alguns fatores importantes como credibilidade, humildade e sobretudo vontade de trabalhar. Uma padaria no centro comercial de Pedro Juan Caballero foi escolhida para, a cada final de tarde, entre um salgado e refrigerante, tomarmos as primeiras decisões.

A primeira delas: o nome do futuro veículo de comunicação. Cada um dos futuros sócios providenciou coletar opiniões e sugestões junto a familiares e amigos mais próximos. Paralelo a isso, deveria ser encaminhada a documentação para a 'certidão de nascimento' da futura empresa.

Os dias iam passando e com ela a ansiedade. Depois da situação de cada um dos sócios ser resolvida, começou efetivamente o grupo a trabalhar na mais nova empresa jornalística que viria a ser fundada.

O nome foi escolhido: **JORNAL REGIONAL**. Passaram várias sugestões, mas esse foi 'eleito' pela maioria dos futuros sócios da futura empresa. Feita a escolha, a próxima decisão foi mais simples, pois foi só puxar o nome e saiu a Empresa Jornalística Jornal Regional Ltda, oficialmente fundada no dia 10 de setembro de



Sócios Mirna Talavera, Rosimeire Dutra, Oswaldemir Pavão, Zadir de Souza e Carlos Monfort

2.008. Três dias depois, veio a circulação da primeira edição do bi-semanário.

Feitos os trâmites burocráticos, o próximo passo era agilizar a impressão do jornal. Foram várias viagens até Amambai para contatos com o empresário Clésio Ribeiro, proprietário da Gráfica A Gazeta e diretor do jornal de mesmo nome. Antes disso, porém, houve a decisão sobre o formato do jornal: standard, seguindo o padrão tradicional dos jornais brasileiros ou entrar na arriscada escolha do formato tablóide.

Como referência, foi apresentado o

formato do jornal 'Zero Hora, de Porto Alegre, um dos jornais mais antigos e de grande circulação. Por diversas questões, a maioria escolheu esse formato.

Dai surgiram várias dúvidas, principalmente em relação à aceitação por parte do público leitor. Mas a ousadia falou mais alto, aliado com a facilidade na impressão em Amambai, cidade distante a 100 km de Ponta Porã.

Nascia nesse instante, o desejo de trabalhar por parte dos seus sócios-diretores, que não mediram esforços para tornar o sonho uma realidade.

Além de trabalhar para fazer o jornal circular e ganhar a confiança do seu público leitor, a missão foi bem maior, pois querendo ou não o **JORNAL REGIONAL** nasceu sob o símbolo da dúvida, da desconfiância. Será que vingaria um jornal em Ponta Porã, ainda mais tendo um outro já circulando há vários décadas?

Não só deu, como hoje o jornal cresceu, fincou raízes, saltou de bi-semanário para diário e sobretudo ganhou a confiança e credibilidade necessárias para qualquer empresa sobreviver e crescer no mercado.

Construímos o futuro melhor contando nosso dia a dia e ajudando a edificar uma sociedade justa e moderna

A Comdovel – Concessionária Volkswagen para Ponta Porã e região – parabeniza o JORNAL REGIONAL pela Milésima Edição



Comdovel Dourados Ponta Porã Maracaju
O máximo por você. 67 3416-3416 67 3431-3416 67 3454-3787

Mil edições. Mil informações.

Parabéns ao

JORNAL REGIONAL

pela Milésima Edição

de sua recente

história em

nossa fronteira!



studio center
MÉDIOS

www.studiocenter.com.py Fone: (0336) 272121

Anexo u – Notícia interna sobre dois anos de circulação do Jornal Regional

Ponta Porã-MS. Segunda-feira, 13 de Setembro de 2010

Jornal Regional

Dois anos de idealismo e profissionalismo

Empresa Jornalística JORNAL REGIONAL Ltda completa nesta segunda-feira dois anos de circulação em Ponta Porã e região

Tudo teve início com a necessidade premente de sobrevivência. Com a experiência adquirida no meio de comunicação em três décadas de trabalho e dedicação, cinco profissionais em um final de tarde sentaram-se para inicialmente tomar refrigerante após mais um dia exaustivo e estressante de trabalho. Entre um bate-papo informal, alguém colocou à mesa a ideia de fundar um jornal em Ponta Porã.

Em um primeiro momento, todos ficaram de olhos estalados e perplexos diante de uma missão difícil e de uma responsabilidade com toda uma cidade. Essa conversa inicial não prosperou de imediato, já que todos tinham a dimensão exata do que é fundar e tocar uma empresa jornalística impressa. Outras reuniões e a conversa inicial foram amadurecendo, colocando-se algumas ponderações e situações a cerca da maquete. Após todos concordarem que uma das alternativas de trabalho seria ousar e arriscar, os cinco futuros sócios foram colocando detalhadamente os passos seguintes.

A primeira medida foi procurar alguém disposto a ajudar cinco aventureiros para montar uma empresa jurídica. Detalhe: sem condições financeiras para tal. Então, a opção imediata foi buscar ajuda de um profissional da área contábil que se dispusesse a trabalhar de forma gratuita com previsão de recebimento futuro.

E isso foi possível graças ao apoio imediato do contabilista Aldo Rodrigues, da Alvorada Contabilidade. Ele não só entendeu o projeto como de pronto deu todo suporte para a transição dos documentos necessários para abertura da futura

Solna 124, obsoleta no mercado, foi a primeira adquirida pela empresa

A Adast 714, a segunda adquirida pela empresa

Impressora Adast 724, a terceira aquisição, bicolor, avançada e com recursos de rapidez e qualidade maiores

empresa.

Dado o primeiro e importantíssimo passo, a nova missão: encontrar um nome para o futuro jornal. Mas não seria apenas um nome. Tinha que ser algo para marcar, fácil de ser lembrado. Dezenas de sugestões surgiram algumas descartadas de pronto, outras colocadas como opções. E a escolhida, após várias consultas, foi o que leva o nome deste matutino.

Esses dois fatores sacramentados, outra decisão importante era um ponto estratégico para que todos pudessem "ver e perceber" o novo jornal. E não foi por acaso que surgiu a oportunidade de locação do prédio onde hoje está o JR. E com uma condição essencial: uma referência que todos conhecem o antigo Bar Bosa. "Onde fica o Jornal Regional? No antigo Barbosa" é a referência imediatamente da localização.

Posto essas etapas, na prática a situação foi mais

próxima. Isso foi fundamental para que o jornal pudesse circular.

Outra preocupação constante da empresa desde o início até hoje é com a quitação em dia de todas as compromissos. Aluguel, água, luz, telefone, colaboradores internos – alguns desde o início trabalhando na empresa. Foi em dezembro de 2008, exatamente no dia 18, que surgiu a possibilidade de aquisição de uma máquina impressora, o que possibilitaria uma série de melhorias na confecção do jornal, que à época circulava às quartas-feiras e sábados.

A primeira conversa prosperou e o fechamento do negócio foi feito após dois meses, com a máquina impressora Solna 124 chegando em março. No início foi difícil, pois a máquina era obsoleta e velha. Mas, em menos de seis meses, a empresa já adquiria outra, a Adast 714, mais nova e com melhores condições de trabalho.

A aceitação do JORNAL REGIONAL em Ponta Porã e região ganhava formato mês após mês, com o volume de assinantes, anunciantes crescendo e a população já sabendo da existência de sua circulação.

A dívida do início foi sendo quebrada dia a dia, semana após semana, mês a mês. O projeto

colocava que a circulação ampliaria gradativamente durante a semana: de três para quatro vezes, e disso de segunda a sábado.

Mas devido a aceitação e o crescimento também surgiram as cobranças sucessivas e saiu de bimensário para diário, uma exigência do mercado e do próprio crescimento do jornal em número de assinantes e anunciantes.

As parcerias firmadas também foram fundamentais para que o jornal pudesse hoje, se transformar em diário, parcerias celebradas com cada leitor, com cada anunciante. A prestação de serviços desta empresa de comunicação é irrestrita e seu principal aliado, no dia a dia, são todos que acreditam e investem em Ponta Porã e região.

Assinaturas nas cidades da região e na capital do Estado, onde a semente plantada começa a brotar, gerando os primeiros frutos com assinaturas de pontaporanenses é outra das várias etapas cumpridas.

Obrigado Ponta Porã e região. Obrigado a você, leitor, anunciante, assinante ou simpatizante deste veículo de comunicação.

Hoje fazemos parte do nosso dia a dia, da nossa história.

Rosimeire Dutra, sócio-diretora financeira

Mirna Elizabeth Talavera, sócio-diretora administrativa

Zadir de Souza, sócio-diretor, editor-eletrônico

Sócio-diretor comercial, Oswaldo de Paula

Jornalista Carlos Monfort, sócio-diretor e editor-geral (sem imagem)

Anexo v – expediente oficial do jornal regional

... capitais obrigam ... gão Norte, é o estado

Jornal Regional

A fronteira em primeiro lugar

Idealizado e produzido com dinamismo e profissionalismo

Filiado à Associação dos Diários do Interior do Brasil no MS (ADI-MS)

Empresa Jornalística Jornal Regional Ltda - ME
CNPJ: 10.329.303/0001-06
Periodicidade: Diária
Circulação: Terça-feira a Sábado
Tiragem: 2.500 mil exemplares/edição
E-mails: redacao-regional@uol.com.br
editoraçãoregional@uol.com.br
comercialregional@uol.com.br

Circulação diária nos municípios de: Antônio João, Bela Vista, Aral Moreira, Amambai, Laguna Carapã, Dourados, Campo Grande, Caracol, Maracaju, Jardim, Porto Murtinho, Aquidauana, Anastácio, Bonito, Guia Lopes da Laguna.

Sócios-proprietários
Diretora Comercial: Mirna Talavera - MTB 1302/MS
Diretora Financeira: Rosimeire Dutra
Diretor Comercial: Oswaldemir M. Pavão

Material Nacional e Internacional: Agências de Notícias

Associado a ACEPP (Associação Comercial e Empresarial de Ponta Porã)
Administração, Redação, Impressão e Distribuição:
Rua Guio Lopes, 054, C...